



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA
CENTRO DE ARTES HUMANIDADES E LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS: CULTURA,
DESIGUALDADE E DESENVOLVIMENTO
MESTRADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

Thyerre Torres Da Paz Anias

**CORPO, SAÚDE E PANDEMIA: UM ESTUDO A PARTIR DE
UMA ACADEMIA DE MUSCULAÇÃO EM SANTO ANTÔNIO
DE JESUS - BA**

CACHOEIRA – BAHIA

2022

CORPO, SAÚDE E PANDEMIA: UM ESTUDO A PARTIR DE UMA ACADEMIA DE MUSCULAÇÃO EM SANTO ANTÔNIO DE JESUS - BA

Thyerre Torres da Paz Anias

Licenciado e Bacharelado em Educação Física
Universidade Maria Milza, 2016/2017

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais: Cultura, Desigualdades e Desenvolvimento da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais.

Orientador: Prof. Dr. Thiago Barcelo Soliva

CACHOEIRA – BAHIA

2022

A597c Torres, Thyerre Torres da Paz Anias.

Corpo, saúde e pandemia: um estudo a partir de uma academia de musculação em Santo Antônio de Jesus – BA. / Thyerre Torres da Paz Anias. Cachoeira, BA, 2022.

100f.; il.

Orientador: Prof. Dr. Thiago Barcelo Soliva

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Centro de Artes Humanidades e Letras, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Cultura, Desigualdade e Desenvolvimento, 2021.

1. Corpo Humano – Aspectos Sociais. 2. Imunidade. 3. Doenças Transmissíveis - Epidemiologia. 4. Pandemia de COVID-19 – Aspectos Sociais. I. Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Centro de Artes, Humanidades e Letras. II. Título.

CDD: 306

Ficha elaborada pela Biblioteca do CAHL - UFRB.

Responsável pela Elaboração – Juliana Braga (Bibliotecária – CRB-5/ 1396)
(os dados para catalogação foram enviados pelo usuário via formulário eletrônico)

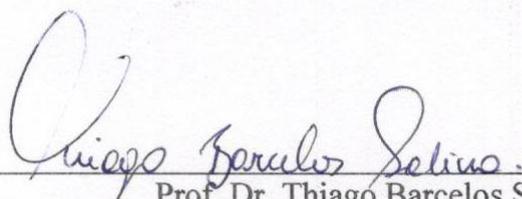
THYERRE TORRES DA PAZ ANIAS

**CORPO, SAÚDE E PANDEMIA: UM ESTUDO A PARTIR DE UMA
ACADEMIA DE MUSCULAÇÃO EM SANTO ANTÔNIO DE JESUS – BA**

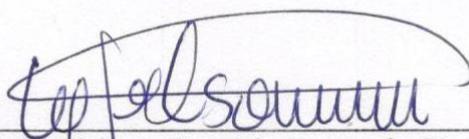
Dissertação submetida à avaliação para obtenção do grau de Mestre em Ciências Sociais do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia.

Cachoeira-BA, 26 de agosto de 2022.

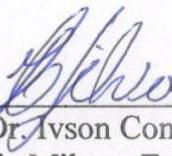
COMISSÃO EXAMINADORA



Prof. Dr. Thiago Barcelos Soliva
(Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – Orientador)



Prof. Dr. Wilson Rogério Penteadó Júnior
(Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – Examinador Interno)



Prof. Dr. Ivson Conceição Silva
(Centro Universitário Maria Milza – Examinador Externo à Instituição)

CACHOEIRA/BA
2022

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus pelos cuidados de sempre.

Agradeço a minha maravilhosa esposa Karina S. Santos que desde sempre é o meu maior alicerce. Sem você esta pesquisa não seria possível.

Agradeço a meu filho Enrico S. Torres, pois com seus sorrisos e amor fazem com que eu lute constantemente.

Agradeço a minha família no geral, em especial minha mãe, irmãos e avó, pois são responsáveis pelos meus princípios e formação de vida.

Agradeço ao meu orientador Thiago B. Soliva que com sua sensibilidade e carisma de sempre, ajudou e facilitou todo o processo desta pesquisa. Que possamos ter mais orientadores(as) como você. Obrigado por tudo.

Agradeço também ao colega/professor Wilson Penteado que foi a primeira pessoa que abriu os braços para mim na universidade. Nunca esquecerei dos nossos primeiros contatos e como tão bem eu sempre fui recebido.

Agradeço a toda comunidade da UFRB, em especial minha turma e os(as) professores que me ajudaram neste processo de formação.

Por fim, agradeço a CAPES pelo financiamento da pesquisa.

Muito Obrigado!!

Esta dissertação é para vocês!

EPÍGRAFE

“O corpo é o primeiro e principal instrumento de que o indivíduo dispõe para delimitar e definir a sua existência no mundo” (Mauss, 1973).

CORPO, SAÚDE E PANDEMIA: UM ESTUDO A PARTIR DE UMA ACADEMIA DE MUSCULAÇÃO EM SANTO ANTÔNIO DE JESUS – BA

RESUMO: Esta dissertação tem como objetivo geral analisar a percepção de frequentadoras/es de uma academia em Santo Antônio de Jesus/BA sobre práticas corporais e noções de saúde no contexto de isolamento social relacionado à pandemia de COVID-19. Os objetivos específicos são compreender as diferentes concepções sobre saúde, estética e riscos a partir desses discursos; investigar as mudanças operadas no estilo de vida dessas pessoas e; examinar os diferentes sentidos que a pandemia projetou no espaço social das academias e nas formas de sociabilidade produzidas a partir delas. No fim metodológico esta pesquisa passou por ideias com entrevistas, como técnica de pesquisa de campo, onde foram produzidas em um primeiro momento, entrevistas semiestruturadas, isto é, com um roteiro prévio de questões a serem exploradas junto aos entrevistados(as), assim como entrevistas não estruturadas, conhecidas também como entrevistas narrativas, cujo propósito é aprofundar em aspectos não pensados previamente na pesquisa e que poderão ser revelados pelos entrevistados(as) na forma de livre narrativa de modo a fornecer pistas para novas descobertas que levarão a uma melhor compreensão do tema pesquisado (LODI, 1974 apud LAKATOS, 1996). Essas entrevistas, vale endossar, foram feitas presencialmente com doze entrevistados(as), os quais são praticantes de práticas corporais, em especial musculação ou treinamento de força, na cidade de Santo Antônio de Jesus, estrategicamente dentro do recôncavo baiano e, especificamente, na academia denominada de EspaçoFit, que se localiza no centro da cidade, dentro do shopping. Entretanto, além dessas entrevistas, resolvemos observar as publicações de uma rede social específica desta academia, aproveitando da *internet*, durante a pandemia. Concluímos que há uma complexidade em entender o corpo e que há uma nova forma de o conceber, sendo ela extremamente expressiva na sociedade atual.

Palavras chave: Concepção do corpo; COVID-19 e Imunidade

BODY, HEALTH AND PANDEMIC: A STUDY BASED ON A BODYBUILDING ACADEMY IN SANTO ANTÔNIO DE JESUS - BA

ABSTRACT: This dissertation has the general objective to analyze the perception of the participants of a gym in Santo Antônio de Jesus/BA about bodily practices and notions of health in the context of social isolation related to the COVID-19 pandemic. The specific objectives are to understand the different conceptions about health, aesthetics and risks from these discourses; investigate the changes made in the lifestyle of these people and; examine the different meanings that the pandemic projected in the social space of the academies and in the forms of sociability produced from them. In the methodological end, this research went through ideas with interviews, as a field research technique, where, at first, semi-structured interviews were produced, that is, with a previous script of questions to be explored with the interviewees, as well as unstructured interviews, also known as narrative interviews, whose purpose is to delve into aspects not previously thought of in the research and that may be revealed by the interviewees in the form of a free narrative in order to provide clues to new discoveries that will lead to a better understanding of the researched topic (LODI, 1974 apud LAKATOS, 1996). These interviews, it is worth endorsing, were carried out in person with twelve interviewees, who are practitioners of body practices, especially bodybuilding or strength training, in the city of Santo Antônio de Jesus, strategically within the Bahian Recôncavo and, specifically, in the gym called EspaçoFit, which is located in the city center, inside the mall. However, in addition to these interviews, we decided to observe the publications of a specific social network of this academy, taking advantage of the internet, during the pandemic. We conclude that there is a complexity in understanding the body and that there is a new way of conceiving it, which is extremely expressive in today's society.

Keywords: Conception of the body; COVID-19 and Immunity

LISTA DE FIGURAS

| | |
|---|----|
| Figura 1 - Imagem da Rede Social da Academia Espaço <i>Fit</i> | 59 |
| Figura 2 - Imagem da Rede Social da Academia Espaço <i>Fit</i> | 60 |
| Figura 3 - Imagem da Rede Social da Academia Espaço <i>Fit</i> | 64 |
| Figura 4 - Imagem da Rede Social da Academia Espaço <i>Fit</i> | 65 |
| Figura 5 - Imagem da Rede Social da Academia Espaço <i>Fit</i> | 67 |
| Figura 6 - Imagem da Rede Social da Academia Espaço <i>Fit</i> | 72 |
| Figura 7 - Imagem da Rede Social da Academia Espaço <i>Fit</i> | 75 |
| Figura 8 - Imagem da Rede Social da Academia Espaço <i>Fit</i> | 76 |
| Figura 9 - Imagem da Rede Social da Academia Espaço <i>Fit</i> | 81 |
| Figura 10 - Imagem da Rede Social da Academia Espaço <i>Fit</i> | 86 |
| Figura 11 - Imagem da Rede Social da Academia Espaço <i>Fit</i> | 88 |

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| 1. Introdução | 11 |
| 1.1 O corpo que treina | 13 |
| 1.1.2 O corpo e a pandemia do COVID-19 | 16 |
| 1.1.3 Corpo Nas Ciências Sociais | 18 |
| 2. Procedimento metodológicos | 22 |
| 2.1 Estrutura da dissertação | 26 |
| 3. Capítulo 1 - O corpo que é histórico | 28 |
| 3.1 O corpo Grego | 28 |
| 3.1.1 O corpo na Idade Média | 33 |
| 3.1.2 O corpo no Renascimento | 38 |
| 3.1.3 O corpo anatomofisiológico | 44 |
| 4. Capítulo 2 - Academias de musculação e as técnicas corporais | 57 |
| 4.1 Exercício Físico | 61 |
| 4.1.2 A cultivação dos corpos | 68 |
| 5. Capítulo 3 - Corpo, COVID-19 e imunidade | 74 |
| 5.1 Imunidade e medicalização | 79 |
| 5.1.1 Imunidade e doença | 83 |
| 6. Considerações finais | 90 |
| 7. Referências | 94 |

INTRODUÇÃO

Esta dissertação tem como objetivo geral analisar a percepção de frequentadoras/es de uma academia em Santo Antônio de Jesus/BA sobre práticas corporais e noções de saúde no contexto de isolamento social relacionado à pandemia de COVID-19. Os objetivos específicos são compreender as diferentes concepções sobre saúde, estética e riscos a partir desses discursos; investigar as mudanças operadas no estilo de vida dessas pessoas e; examinar os diferentes sentidos que a pandemia projetou no espaço social das academias e nas formas de sociabilidade produzidas a partir delas.

Iniciando as reflexões contarei um pouco do meu passado que foi marcado por alguns processos nos quais o corpo foi o principal autor e precursor. Lembro-me bem que nos meus 16 anos de idade, especificamente em 2005, passei por um processo de exclusão/segregação de determinados grupos sociais, isso por eu não ter um corpo desejável e aceitável. Eu era muito magro, e para meus ouvidos e aproximações que obtinha a concepção de “esbelto” não era bem relacionada a minha pessoa. Isso acabou me trazendo alguns afastamentos e tristeza. Naquela época, recordo-me com exatidão, que um corpo esteticamente bonito – com suas silhuetas cartográficas bem definidas exerciam certas influências e um pertencimento/aproximação maior a determinado grupo – mas essas características, “infelizmente”, não recaiam sobre mim e não condiziam comigo.

Passei, desde minha juventude, por complexos embates e distanciamentos devido a minha forma física e minhas características corporais. Cresci com esses questionamentos e na minha primeira formação acadêmica (Licenciatura em Educação Física), me deparei com as relações entre corpo, saúde e estética. Na minha monografia¹, a princípio tentei compreender as concepções de saúde dos professores(as) de educação física do município de Sapeaçu - BA. No entanto, no percorrer da pesquisa as problematizações continuaram e as grandes inquietações também, pois automaticamente quando eu tentava construir um melhor entendimento com relação à saúde, com enfoque nos professores(as) de educação física, percebi que um abismo de questões que começaram a aparecer, tais como:

¹ TORRES, T. P. A. **Concepções de saúde dos professores de Educação Física do município de Sapeaçu** - Ba / Thyerre Torres da Paz Anias. – Governador Mangabeira – Ba, 2016.

por que muitos professores confundiam um corpo saudável com um corpo aprimorado? Por que um corpo malhado era sinônimo de saúde? Porque o objetivo corpo e estética sempre estão ligados a ideia de ter uma boa saúde e por que além dos professores de Educação Física, sujeitos inseridos neste campo (profissionais de áreas afins da saúde), alunos(as), empresas de suplementação, entre outros) reproduziam e replicavam esses entendimentos sobre o corpo.

Posteriormente a minha formação de educação física fui trabalhar em diversos campos na área e dentre todos esses campos, consolidei-me com o trabalho nas academias de musculação do Recôncavo Baiano, onde fiquei por muitos anos, e os mesmos questionamentos se mantinham presentes. Ademais, no curso do meu trabalho dentro das academias de musculação, observei que diversas nomenclaturas corriqueiramente surgiam, tais como: “boa forma física”, “ficar grandão”, “gigante”, “monstro”, “malhado”, “forte” “traçado”, “bombado”, “trincado”, “frango”, “magricelo”, “fraco”, “magrelo” “inchado”, “treinado”, “*no pain no gain, fit, fitenss* entre outros. Estes adjetivos, mormente aqueles voltados à ideia do forte e malhado, acabavam sendo perseguidos apaixonadamente por certos grupos (que seguiam as mesmas características), mas também aconteciam diversas segregações (centradas naqueles que pertenciam a ideia do fraco e magro), os quais não se inseriam no outro grupo.

Passado o tempo comecei a perceber que a educação física não estava dando conta de elucidar e me direcionar a melhores reflexões, e eu como um ser “nativo”, com formação e conformações nesta profissão, ou seja, “atingido” e sendo familiarizado diretamente por essas problemáticas, necessitaria de alguma maneira galgar outros caminhos, a fim de iluminar meus questionamentos sobre o corpo e suas relações com a estética e a saúde.

Diante disto, mergulhei-me nas Ciências Sociais buscando pensar e compreender melhor este tripé – que é postulado a partir da ideia do corpo – debruçando nas capacidades de um cientista social, o qual observa, descreve e explica (RODRIGUES, 1975). Logo, busquei investigar com olhar mais crítico, tomando o corpo como objeto de estudo que incide diretamente naquilo que Rodrigues (1975) chamou de laboratório das relações humanas (RODRIGUES, 1975). Portanto, observo nas Ciências Sociais, especialmente na Antropologia e Sociologia, um direcionamento elucidativo e norteador, que ajuda a pensar essas

temáticas complexas. Sobre isso, Rodrigues (1975) oferece uma reflexão interessante.

Isto porque, para o cientista social, o seu laboratório é a própria vida e coletividade, e a relação com as pessoas é, fundamentalmente, relação com mentes humanas, que permitem a ele a inferir o que se passa nestas e em outras mentes humanas. [...] é porque pensamos que todas as manifestações da vida social devem ser levadas a sério pelo cientista social, porque todas são igualmente sérias, já que expressam sempre um significado humano (RODRIGUES, 1975, P.04-05).

O CORPO QUE TREINA

Desde a antiguidade já se treinava o corpo para guerra ou para os jogos de competições. Vigarrelo (2012) em seus escritos sobre a história do corpo observou-se uma enorme contribuição dos povos gregos e romanos para o desenvolvimento do treinamento físico aplicado ao corpo já na antiguidade. Os atletas gregos já tinham um treinamento que se assemelhava ao treinamento empregado em nossos dias, com uma preparação bastante diversificada (corridas, marchas, lutas, saltos etc.), eles usavam sobrecargas para melhoria do rendimento, mas sem uma sistematização científica, ou seja, tudo feito através do empirismo (VIGARRELO, 2012).

No século XVIII, o treinamento não era ignorado por nenhum praticante. Já se havia o tempo ideal para eles treinarem. Em 1810, alguns relatos históricos traziam uma visão mecânica e pedagógica dos exercícios, ou seja, já se ensinavam as técnicas e as formas de fazer determinados exercícios, os quais estavam sendo inauguradas em diversos ginásios em grandes centros urbanos como Londres, Paris, Berlim etc (VIGARELLO, 2012).

Atualmente, o espaço que abrange os diferentes tipos de práticas corporais sobre o corpo são as academias de musculação ou de ginásticas, que segundo Toscano (2001, p.41), “são centros de atividades físicas onde se prestam serviços de avaliação, prescrição e orientações de exercícios físicos², sob supervisão direta de profissionais de educação física”. Com isso, dentro das academias de musculação há sempre o/a professor/a de educação física para prescrição dos exercícios físicos e das inúmeras práticas corporais que compõem este nicho. No

² A grande literatura no geral define os exercícios físicos como movimentos que possuem certos objetivos e é sistematizado, ou seja, são práticas do corpo feitas para um certo propósito (TORRES, 2016).

entanto, durante muito tempo os treinamentos ou práticas com o corpo dentro das academias estavam ligados ao apenas levantar pesos, seguindo a lógica da antiguidade (KRAEMER, 2017), ou seja, sem nenhum tipo de reflexão acerca dessas práticas. Nesta época, haviam diversos praticantes de musculação que faziam seus treinos sem pesquisa ou aparato científico, possibilitando, portanto, diversos questionamentos dos seus benefícios.

No campo dos exercícios físicos, criou-se o termo treinamento de força (TF). Conforme Fleck e Kraemer (2017, p.01) “os termos treinamento resistido e treinamento de força abrangem uma ampla gama de modalidades de treinamento, incluindo exercícios corporais com pesos, uso de tiras elásticas, pliométricos³ e corrida em ladeiras. Os mesmos autores ainda ressaltam que: “o termo treinamento com pesos costuma se referir apenas ao treinamento resistido com pesos livres ou algum tipo de equipamento de treinamento com pesos” (FLECK E KRAEMER, 2017, p.01).

A partir da década de 1970, pesquisas e estudos científicos começaram a dedicar atenção no que se convencionou chamar de ciência do treinamento de força, almejando esclarecer os benefícios desta prática (KRAEMER, 2017; DE SALLES, 2020). Atualmente, diversas pesquisas demonstraram os benefícios do TF, tanto para fatores de perda de peso, hipertrofia muscular (aumento da massa muscular) e, principalmente, para melhoria da saúde biológica⁴ (ACSM, 2016; PRESTES et al., 2016). Ademais, estudos comprovam que o TF aprimora aptidão física, aumenta a força e a massa muscular, diminui a gordura corporal, melhora a função cardiorrespiratória, controla a pressão arterial, preveni inúmeras doenças e fortalece a imunidade biológica etc (ACSM, 2016; DE SALLES, 2020; FLECK e KRAEMER 2017; PRESTES *et al.*, 2016). Percebemos que os benefícios retratados pela literatura do treinamento de força abrangem tanto o lado estético como o lado da imunidade, ou seja, da manutenção e aprimoramento da saúde.

³ Segundo (Almeida e Roggatto, 2007) O termo pliométrie vem do grego plethyeien, que significa obtenção de maiores amplitudes no salto. O exercício pliométrico envolve um tipo de treinamento que utiliza exercícios de saltos com a intensão de produzir uma sobrecarga de ação muscular do tipo isométrica, com grande tensão muscular, envolvendo o reflexo estiramento nos músculos.

⁴ Há diversos conceitos de saúde, os quais são concepções mais restritas e outras amplas. Logo, quando trato de “saúde biológica” relaciono a uma ideia mais restrita, voltada aos benefícios da saúde no seu contexto biomédico, ou seja, na melhoria do funcionamento dos órgãos, nos diversos sistemas do ser humano, e da prevenção de algumas doenças, principalmente, as crônicas, tais como: cardiopatias, diabetes, doenças respiratórias, câncer etc.

Como podemos perceber, os exercícios físicos ou como é chamado dentro das academias de musculação, o treinamento de força, tem sido objeto de debates de pesquisas que buscam demonstrar a importância da sua prática, principalmente com o objetivo de alcançar a melhora da saúde biológica. Refletindo com esta lógica observo que esta premissa “saúde” pode não ser objetivo crucial dos praticantes do TF. Embora diversas pesquisas enfatizem isso, na prática as representações do corpo forte, esbelto, malhado, aperfeiçoado, entre outros, ficam aparentemente mais evidenciados, traduzindo explicitamente uma cultura corporal.

Sobre esta questão, Sabino (2004) diz:

Atravessamos uma época na qual o culto à forma corporal ganhou amplitude inédita. Não é mais novidade: músculos definidos e inflados, tatuagens, *piercings*, implantes de silicone, botox, bronzeado artificial, cirurgias plásticas, estão constantemente presentes no cotidiano das grandes cidades e na mídia atual. Uma espécie de cultura do corpo – nos dois sentidos: da forma física e sistema subjetivo – vem se consolidando, ao menos em parte, nas sociedades complexas hodiernas, articulando padrões estéticos perseguidos por um crescente número de indivíduos insatisfeitos com seu corpo. Estes, ao buscarem a construção de um corpo mais adequado aos ideais estéticos hegemônicos ligados à adoração física vigentes nestas sociedades, acabam por construir também uma ética singular diretamente radicada na estética (SABINO, 2004, p. 11).

Considerando essas questões, podemos afirmar que as academias de musculação parecem produzir uma nicho importante da indústria mercadológica ou como chama Sabino (2004) uma “espécie de cultura do corpo”, fazendo referência, simbolicamente, a uma boa aptidão física e uma melhor saúde biológica, porém, em um sentido utópico muito amplo e estritamente complexo, os quais são designados não apenas a uma capacidade orgânica, mas a uma adesão, uma ideia, um estilo, um jeito de ser e de comportar (SABINO, 2004; GOELLNER, 2012).

Rotineiramente, o que é visto nas academias de musculação, na maioria das vezes, acaba se reforçando e se repetindo em outros campos, e que essas compreensões sobre corpo, com uma imbricada estética e uma saúde utópica estão direcionadas para um modelo de formação social (SABINO, 2004; LE BRETON, 2016). A história nos conta que este modelo do corpo atual se formou por um projeto de corpo fortificado, individualista, fragmentado, biomédico, a um corpo imaginário perfeito”, aliados a um estilo de vida e interligados a um suposto completo bem-estar físico e mental. Reforçando este debate, Le Breton. (2016) afirma:

Nossas concepções atuais do corpo estão ligadas ao avanço do individualismo enquanto estrutura social, à emergência de um pensamento

racional positivo e laico sobre a natureza, ao recuo progressivo das tradições populares locais, e ligadas ainda à história da medicina, que encarna em nossas sociedades um saber, de certa forma, oficial sobre o corpo (LE BRETON, 2016, p. 06).

Neste sentido, podemos dizer que se criou, idealmente, uma relação biológica e direta entre o culto ao corpo (que é esculpido, modificado, adestrado e explorado⁵), constituídos por uma indústria mercadológica e uma saúde utópica, delimitando, portanto, a objetivação, de certa forma, de uma corporeidade narcisista (CASTRO, 2001; FOUCAULT, 2014; GOELLNER, 2012; LE BRETON, 2016; SABINO, 2004).

Partindo desse *insight* e pegando o modelo de educação brasileira, principalmente, da educação básica, podemos perceber que houve sempre a busca por ensinar o conceito de corpo das ciências biológicas, ou seja, um corpo anatomizado e fisiológico. Além disso, ainda há uma educação do corpo santificado e pecador, que são heranças dos colonizadores cristãos que conquistaram o Brasil.

O CORPO E A PANDEMIA DO COVID-19

Atualmente nos encontramos numa pandemia que vem modificando o mundo e as suas relações. Considerada umas das grandes crises sanitária do século, esta pandemia vem devastando muitas vidas. Conforme a Organização Pan-Americana de Saúde (OPAS), juntamente com a Organização Mundial de Saúde (OMS), esta doença pandêmica é conhecida como “COVID-19” e (cientificamente denominada de SARS-CoV-2). Segundos as mesmas instituições acima, este vírus é concebido como uma doença infecciosa causador de uma síndrome respiratória aguda grave, conhecida também como novo coronavírus (OPAS, 2021; OMS, 2021). A COVID-19 foi identificada pela primeira vez em dezembro de 2019, em Wuhan, uma província da China e desde então é considerada uma das maiores preocupações sanitária da humanidade (OPAS, 2021; OMS, 2021).

Um estudo na revista *Lancet*, publicado em 22 de janeiro de 2021, com o título “COVID -19 e a imaginação moral”, afirmou que a pandemia COVID-19 foi descrita como “uma manifestação de riscos compostos, sistêmicos e existenciais,

⁵ É importante observarmos que este corpo moldado, à luz antropológica (culturalista), já se concede através das aproximações culturais, ou seja, nesta perspectiva não há um corpo natural (LARAIA, 1986). A ideia do corpo modificado segmentado neste parágrafo, segue uma relação de construto biologicista.

resultantes de vários determinantes inter-relacionados, ameaçando as capacidades de enfrentamento e colocando em risco a subsistência de sociedades inteiras” (PATEL, 2021). Porém, vale sublinhar que só em 11 de março de 2020 a Organização Mundial da Saúde (OMS), após 118.000 casos e 4.291 mortes que foram relatados em 114 países, denominou esta doença como uma enfermidade epidêmica descontrolada, chamando-a da nova pandemia mundial (OPAS, 2021).

Para termos uma melhor noção, principalmente do Brasil, dados do Conselho Nacional dos Secretários de Saúde (CONASS) atualizou os números diários referentes à pandemia da COVID-19 no Brasil. Segundo dados mensurados, em 10 de março de 2021, o país possuía 15.209.990 casos confirmados e os tristes 423.229 de vidas tiradas pela Covid-19 (CONASS, 2021). Já passamos por mais de 600 mil vidas perdidas.

Com essa enorme preocupação diversos estudos começaram a ser feitos, a fim de entender melhor o vírus. Uma frente importante de estudos se relacionou a busca de vacinas que, na prática, vem freando o contágio viral e o grande número de mortes que a doença provocou. Além disso, é perceptível que a pandemia abalou toda estrutura social, não só os afastamentos das relações, mas declínios de empresas, comércios, mudanças no que tange na forma de produzir conhecimento, ciência, entre outros.

Vivenciamos, portanto, uma pandemia viral e diversos questionamentos existem, principalmente, voltados às aproximações dentro de ambientes fechados – tais como as academias de musculação – e se os de riscos de fazer exercícios durante a pandemia acabam, de verdade, sendo sanados pelos benefícios. Além disso, esta pandemia pode estar fazendo com que a relação entre imunidade/corpo alcancem lugares jamais vistos, fazendo aumentar por definição a busca pelo corpo forte e defensivo.

O CORPO NAS CIÊNCIAS SOCIAIS

Antes de compreendemos o corpo nas Ciências Sociais, partiremos a traçar como o corpo, dado o objeto de estudo que foi reformulado pelos olhares históricos da humanidade, firmou-se e acabou mudando as categorias de pensamentos sobre si. Le Breton (2016, p. 16), diz que “a concepção de corpo mais corretamente admitida nas sociedades ocidentais encontra sua formulação na anatomofisiologia,

isto é, no saber biomédico”. Concordamos com o autor que atualmente a ideia do corpo anatómico e fisiológico sobrepõe o corpo santificador e pecador, porquanto a influência das descobertas científicas e o surgimento da medicina moderna, adormeceu, de certa forma, as representações do corpo que eram elucidadas no período medieval.

Essa concepção de corpo ocidental (atrelada ao modelo biomédico) norteou a nossa forma de aprender sobre o corpo, fortalecendo, por consequência, esses saberes. Vale reforçar que este corpo biomédico dotado de racionalismo científico foi formado, também, por dicotomias sociais, caracterizadas desde a Grécia Antiga, vigorosamente implantadas na Idade Média, mas que são frequentes até os dias de hoje (SUETTI, 2014; LE BRETON, 2016).

Essas dicotomias ou dualismos, exemplificadas por pares de opostos como homem/mulher, masculino/feminino, corpo/alma, malhado/magro, belo/feio, forte/fraco etc, acabam separando ou segregando os autores da sociedade, aprisionando-os em pensamentos determinantes e alienando suas possíveis relações e reflexões (HARAWAY, 2009; LE BRETON, 2012).

Sobre isso, Haraway (2009) afirma que:

Certos dualismos têm sido persistentes nas tradições ocidentais; eles têm sido essenciais à lógica e à prática da dominação sobre as mulheres, as pessoas de cor, a natureza, os trabalhadores, os animais – em suma, a dominação de todos aqueles que foram constituídos como outros e cuja tarefa consiste em espelhar o eu [dominante] (HARAWAY, 2009, p. 91-92).

Diante dessas narrativas voltadas às dicotomias (dualismo) e todas prevalências que se nortearam na história da humanidade, percebemos que o corpo foi e é um tema difícil de se decifrar. As contribuições das ciências sociais têm tido um papel importante na busca de uma compreensão crítica e reflexiva sobre o corpo. Este caminho de dá o corpo olhares mais críticos, portanto, partiu-se, a princípio, bem timidamente, a partir do século no século XIX, e se firmou como discussão crucial e central das ciências sociais no século XX (com a Sociologia e a Antropologia), no encontro de pesquisas que deram a devida importância ao objeto de estudo corpo, concebendo um novo conceito e novas perspectivas (LE BRETON, 2012).

Assim, a Antropologia e a Sociologia como campos científicos vêm nos oferecendo grandes lições ao chamar à atenção para o corpo simbólico, pensado, e

construído intrinsecamente pelas representações sociais e culturais (FERREIRA, J, 1994; MALUF, 2002; LE BRETON, 2012). Le Breton (2012, p. 32) diz que: “A primeira tarefa do sociólogo ou do antropólogo consiste em libertar-se do contencioso que faz do corpo um atributo da pessoa, um possuir, e não o lugar e tempo indistinguível da identidade”. Neste enfoque, Maluf (2002, p. 88-89) afirma que:

A antropologia busca desnaturalizar o que é visto como dado pela natureza - seja isso uma regra de comportamento e de classificação social (a proibição do incesto por exemplo), seja a própria noção de corpo - e mostrar as dimensões sociais e simbólicas desses fenómenos. Esse ponto de partida é importante na medida em que muitas vezes o "corpo" é tomado, mesmo por estudiosos e pesquisadores no campo das ciências humanas, como o reduto da natureza em um ser humano genérico, obedecendo a instintos e necessidades biológicas, e não como produto e produtor de regras e valores culturais. A literatura antropológica tem mostrado como esse é apenas um dos “paradigmas fundamentais” das representações sobre o corpo, mas não é único (MALUF, 2002, p. 88-89).

O contencioso natureza x cultura tem marcado as aproximações da antropologia no estudo do corpo. Essa reflexão aparece com força na antropologia clássica. Kroeber (1993) já falava que a cultura é um “superorgânico”, ou seja, que ela supera os limites do biológico. É sabido que o corpo detém de características biológicas (sistemas, órgãos, ossos, músculos etc) e que essas características, historicamente falando, foram e são mais evidenciadas quando se fala do corpo humano. Por outro lado, entendemos, também, que há compressões mais críticas e amplas do corpo, nas quais são defendidas por cientistas sociais e áreas afins. Logo surge uma ampla questão: qual entendimento do corpo devemos ter? Começaremos, a partir daqui, a narrar diversos conceitos acerca do corpo, mas tendo em vista que a ideia da concepção do corpo biológico sempre foi muito “bombardeada” na nossa formação, iremos, portanto, eximir de tal conceituação.

Um dos primeiros trabalhos que abrilhantaram uma definição do corpo, para além da perspectiva biologicista, vem de Marcel Mauss, em 1943, no século XX. Em “As Técnicas Corporais”, Mauss (1934) deu os primeiros sinais da nova dimensão do corpo. Ele estabelece as diferentes técnicas corporais que se formam em distintos campos sociais. Para ele o corpo é construído de uma geração para outra, de uma cultura para outra e a técnica é um instrumento formador do corpo. Assim, Mauss (1934) fortalece a ideia de tecnologia corporal, não relacionada a criação de instrumentos tecnocientíficos, mas com intuito de explicar que o corpo é o principal instrumento tecnológico, onde ele aprende e se forma naturalmente.

Depois de Marcel Mauss e sua grande obra, diversos cientistas buscaram trazer o corpo para o centro das suas discussões e muitos conceitos de cunhos antropológicos, filosóficos, históricos e sociológicos foram aparecendo. Pierre Bourdieu, em suas diversas obras, por exemplo, cria caminhos para elucidar a ideia do corpo. Um dos conceitos importantes desse autor é sobre a noção de “campo”, entendido como um universo social fixo, que produzem agentes de espaços, dinâmicas singulares e posições constitutivas. (BOURDIEU, 2007; 2001).

Mas é na criação do conceito de *habitus* que se abre o caminho para elucidar melhor a relação com o corpo. O *habitus* à luz de Bourdieu (2007) se produz na forma e nas características que os seus indivíduos ou agentes se comportam e (re)produzem, consolidando, de fato, uma moldura de representação do seu corpo. Para Bourdieu (2007) é pelo *habitus* que impregnamos de símbolos e códigos, conceituadas através das diversas formas de agir corporalmente e mentalmente, produzindo uma *hexis* corporal ou *habitus* feito corpo.

Essa ideia da *hexis* corporal se assemelha muito com as “técnicas corporais”, pois Bourdieu (1998; 2007) afirma que a *hexis* corporal, quando incorporada, torna-se disposição permanente, expressando diversas características (de se portar, de falar, de andar e, dessa maneira, de sentir e pensar). Ainda, dialogando com Bourdieu (1986), Shilling (2006) afirma que o corpo também pode ser compreendido como “capital físico incorporado”, dotado de uma centralidade, enquanto um importante capital traçado de poder, e que no campo poderá ser distribuído ou convertido por outros capitais, tais como: econômico (dinheiro, serviços), cultural (educacional) e social (redes sociais e suas correlações).

Muito próximo desses entendimentos dos conceitos que já se expressaram até aqui, temos a fascinante argumentação de Le Breton (2016, p. 15-16) que concebe o corpo como: “uma construção simbólica, não uma realidade de si. Ele é um vetor de individualização, donde a miríade de representações que procuram conferir-lhe um sentido, e seu caráter heteróclito, insólito, contraditório, de uma sociedade a outra”. Le Breton (2016) faz duras críticas ao corpo individualista e dicotômico (dotado de um modelo biomédico e mecanicista), os quais isolam o corpo do próprio homem.

Ao correlacionar a construção do corpo com as diferentes relações de poder que o constitui, Foucault (2014) constrói a noção de “corpo docilizado”. Conforme o autor, “é dócil um corpo que pode ser submetido, que pode ser utilizado, que pode

ser transformado e aperfeiçoado” (FOUCAULT, 2014, p. 134). Foucault (2014) afirma que o corpo é fácil de se adestrar e disciplinar, devido as diferentes formas de poder que organizam a sociedade.

Dialogando com essas contribuições, essa pesquisa compreende as limitações das concepções de cunho biomédico e coaduna com a ideia de que o corpo, na sua totalidade, necessita de um olhar mais amplo e central. Diante desses argumentos, partindo do pressuposto da construção de uma sociedade ocidental dualista, com suas transformações e inquietudes acerca de um corpo criado pela perspectiva biomédica e como essas variâncias históricas afetam o objeto corpo. Entendo, também, que há uma tarefa muito alentada do cientista social que os descreve, na fortuita labuta de entender o corpo, porquanto buscar a libertação da formação que faz do corpo um anexo da pessoa, desmitificando suas múltiplas significações e valores que os vincula a sociedade humana, acaba se tornando um contencioso e difícil caminho (LE BRETON, 2012).

Neste sentido, assistimos que nas últimas décadas vimos à ascensão de um corpo, definido, separado, transformado, almejado, adestrado, trabalhado, popularizado em escala mundial e ganhando conformações locais específicas. Já atualmente este corpo parece ganhar uma nova adjetivação que se faz pelo corpo imune, o qual vem disseminando valores e formas, fazendo com que seus adeptos busquem uma certa corporeidade, desencadeando, portanto, complexas interações socioculturais e conclamando uma relação direta entre corpo estético e saudável.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Como já foi citado aqui sou formado em Educação Física, área esta que me trouxe inúmeros embates, principalmente com relação ao corpo. A partir desta pesquisa venho buscar o máximo de estranhamento possível com o campo o qual fui inserido por anos, a fim de tratar um debate mais crítico e objetivar reflexões sem um direcionamento que me foi projetado. Compreendemos, assim, que durante esta pesquisa deve haver uma distância mínima do pesquisador com seu trabalho, objetivado de olhos imparciais a realidade que fazem refletir o exótico, evitando, por conseguinte, envolvimento que possam obscurecer ou deturbar meus julgamentos ou conclusões (VELHO, 1980).

Neste sentido, através das minhas possibilidades buscarei “estranhar o familiar”, pelo meio de estar no lugar, objetivar e relativizar as noções de distância, como cita Velho (1980, p. 127) que “o pesquisador, membro da sociedade, coloca-se, inevitavelmente a questão e as possibilidades de reativá-lo ou transcendê-lo e poder “pôr-se no lugar do outro”. Neste direcionamento de estranheza e da viabilidade desta pesquisa, ainda dialogando com Velho (1980), esses posicionamentos acabam deixando o processo de pesquisar mais “saudável”, relacionado a um certo ceticismo, que devem acontecer nos diversos repertórios humanos.

A princípio, está dissertação partiria de uma observação participante, numa abordagem etnográfica clássica, no qual o observador participa ativamente nas atividades de produção de dados, sendo requerida a capacidade do investigador se adaptar à situação (PAWLOWSKI, et al., 2016). Compreendemos a etnografia não só como um simples método, mas como diz Peirano (2008, p. 05) [...] “a etnografia é ação social, é comunicação, é “performance”. Não obstante, a mesma autora ainda ressalta:

Contradizer, reformular, repensar, desafiar as categorias do nosso senso comum do dia a dia (inclusive o senso comum acadêmico, repito mais uma vez), que experimentamos e vivemos como a nossa própria cosmologia, é uma tarefa central da etnografia” (PEIRANO, 2008, p. 05).

Assim, postulamos que o fazer etnográfico é uma imersão analítica, profunda e complexa do campo de pesquisa. Contudo, como já foi citado, o mundo vem sofrendo uma grande pandemia, à qual já se tem mais de dois anos em curso e

devido as inúmeras dificuldades que este momento nos proporciona, uma gama de mudança ocorreu na ideia metodológica desta dissertação. Vale endossar que minha entrada no mestrado em Ciências Sociais foi quando a pandemia estava nos seus dias iniciais. Tive, fisicamente, aos meus olhos, uma aula presencial apenas e com o avanço da pandemia o estudo, definitivamente, tornou-se remoto.

Com relação a produção da ciência é notável que diversos pesquisadores vêm manejando seus estudos para cunho remoto, através da internet. Um grande exemplo são as universidades e eu inserido nessa nova descoberta e sofrida realocação, não foi diferente. No fim, tudo isso para evitar a contaminação e disseminação deste vírus devastador. Também percebemos que muitas pessoas estão moldando suas formas de trabalhar, alocando em “*home office*”, adaptando suas formas de expressar seus corpos e mudando para trabalhos a distância.

Diante destas perspectivas tentei buscar uma nova estratégia metodológica almejando proporcionar diferentes representações e observações de nossas práticas sociais. Além disto, procurar instrumentos e métodos que viabilizem novas maneiras de enxergar e que possam, mormente, propiciar uma melhor segurança para todos envolvidos na pesquisa” (FRAGOSO, 2011).

E neste sentido que desponta a *internet* como uma ferramenta de inúmeras possibilidades, à qual antigamente era um campo exótico, mas a partir do século XXI, tornou-se essencial para conhecimento humano e contemporâneo, que nos permite observar e refletir sobre mais interações sociais do que jamais esperávamos (FRAGOSO, 2011).

Ainda assim, compreendemos que a *internet* é metodologicamente desafiadora e que necessitamos criar uma nova estratégia de pesquisa para cada situação (HINE, 2004). Fragoso (2011, p. 17), também sustenta que a *internet* é: “tanto como objeto de pesquisa (aquilo que se estuda), quanto local de pesquisa (ambiente onde a pesquisa é realizada) e, ainda, instrumento de pesquisa (por exemplo, ferramenta para coleta de dados sobre um dado tema ou assunto)”.

Nesta realocação da vida em sociedade, principalmente no contexto que sou inserido, portanto, vale experimentar novas formas do saber. Logo, surgiu a ideia de usar o ciberespaço⁶, através das ciências sociais, especificamente na etnografia

⁶ Como bem define Lévi (1999, p.17) “O ciberespaço (que também chamarei de “rede”) é o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores. O termo especifica não apenas a infraestrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de

adentrada à *internet*, para tentarmos propor uma organização metodológica desta pesquisa.

Com isso, Hine (2015, p. 05) traz que:

É certamente possível combinar métodos e creio que muitas vezes é também desejável. Existem agora tantos modos de agregar e visualizar dados on-line que parece quase inaceitável que os etnógrafos não os utilizem. Esses métodos não são, afinal, alheios à tradição da etnografia, que tem com frequência mesclado um rico e evocativo relato a um mapa ou um diagrama para colocar a narrativa em um contexto. Quando a etnografia possui um componente on-line, grande parte dos dados tem origem digital, portanto, isso irá tornar muitas vezes possível explorar padrões nos dados por meio do uso de ferramentas preexistentes ou pelo desenvolvimento de uma solução específica. Essa exploração de padrões pode ser utilizada para dirigir a etnografia a aspectos interessantes do campo de pesquisa, para produzir a antecipação de questões ou para contextualizar as narrativas.

Entretanto, as vacinas começaram a ser distribuídas e as pessoas foram voltando, aos poucos, através de várias medidas de segurança (máscaras, álcool e um certo distanciamento) a se aproximarem mais fisicamente. Assim, a ideia da etnografia da *internet* ficou para trás e conseguimos elaborar uma nova metodologia, à qual foi muito assertiva para esta dissertação.

No fim metodológico esta pesquisa passou por ideias com entrevistas, como técnica de pesquisa de campo, onde foram produzidas em um primeiro momento, entrevistas semiestruturadas, isto é, com um roteiro prévio de questões a serem exploradas junto aos entrevistados(as), assim como entrevistas não estruturadas, conhecidas também como entrevistas narrativas, cujo propósito é aprofundar em aspectos não pensados previamente na pesquisa e que poderão ser revelados pelos entrevistados(as) na forma de livre narrativa de modo a fornecer pistas para novas descobertas que levarão a uma melhor compreensão do tema pesquisado (LODI, 1974 apud LAKATOS, 1996).

Essas entrevistas, vale endossar, foram feitas presencialmente com doze entrevistados(as), os quais são praticantes de práticas corporais, em especial musculação ou treinamento de força, na cidade de Santo Antônio de Jesus, estrategicamente dentro do recôncavo baiano e, especificamente, na academia denominada de Espaço*Fit*, que se localiza no centro da cidade, dentro do shopping. Os interlocutores/as desta pesquisa são alunos e alunas jovens e adultos que têm mais de 2 anos de prática (tempo mínimo da pandemia em curso). Para estes(as)

informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo". Logo, a internet, juntamente com as suas construções coletivas, pertence ao ciberespaço.

interlocutores/as buscamos o anonimato, evitando quaisquer tipos de referências aos seus nomes. Logo, usaremos siglas e nomes fictícios. Ainda, ficou claro a respeito do consentimento ético e livre desta pesquisa e sua importância social, onde todos interlocutores/as aceitaram participar. Durante as entrevistas diversas perguntas foram levantadas e várias reflexões acabaram se construindo mediante as interações e, por fim, busquei interagir com diversos marcadores sociais, tais como: gênero, raça, sexo, idade etc.

Entretanto, além dessas entrevistas, resolvemos observar as publicações de uma rede social específica desta academia, aproveitando da *internet*, durante a pandemia. Com essas observações buscamos relacionar com os diálogos e as trocas com os interlocutores(as). Essas publicações estão alocadas (com imagens das publicações) durante esta pesquisa, especificamente, a partir do segundo capítulo.

É importante ressaltar que ao invés de simplesmente inserirmos sujeitos objetificados num contexto congelado e alegórico, o caminho deve ser perseguir a trilha da existência (experiências) e construções do/com os sujeitos dessa pesquisa no tecido social ao qual estão inseridos. Trataremos, por conseguinte, além de construir no tecido social experiência consideraremos as trajetórias individuais e o meio social em que a trama se desenrola. Concordando com Guérrios (2011), entendemos e apostamos na importância de considerar na pesquisa a complexidade das escolhas dos sujeitos sociais, posto que são capazes de propiciar análises esclarecedoras. Ou, como quer Boissevain (2010):

Nem os indivíduos nem as configurações particulares que eles formam podem ser considerados separadamente. A inter-relação entre os dois é dinâmica e forma um processo [... Assim] Padrão, processo [...] devem ser vistos como o resultado cumulativo de decisões tomadas por pessoas que interagem umas com as outras e que se defrontam com parâmetros semelhantes (BOISSEVAIN, 2010, p. 215).

Outro ponto é que embora a pesquisa se apoie em uma abordagem qualitativa, por levar o pesquisador a aproximar-se do seu objeto de estudo, por envolver sentimentos, valores e crenças, consideramos, também, como igualmente importante a recorrência a dados quantitativos, envolvendo a população da pesquisa, pois do cruzamento entre dados quantitativos e qualitativos, reflexões e saberes importantes poderão ser revelados (MINAYO, 2003).

Sobre o território do Recôncavo Baiano, ele é composto por vinte municípios, de pequeno e médio porte – de acordo com o Perfil Sintético sobre os Territórios de Identidade da Bahia – apresentado pelo Governo do Estado, em 2015, e Santo Antônio de Jesus é um desses municípios. Com cerca de cem mil habitantes, conhecida como a capital do recôncavo, Santo Antônio de Jesus é uma das maiores cidades que compõe esta região, e que se destaca com um rico comércio. Para além disso, sua localização é bem peculiar, porquanto fica muito próxima da ilha de Itaparica (lugar turístico e tropical que dispõe de diversas praias) e também da capital da Bahia (Salvador).

Em Santo Antônio, como em diversas cidades do Brasil, a quantidade de pessoas que frequentam as academias de musculação chega ser espantoso. Dito isto, o número das academias de ginásticas ou, como bem conhecidas, academias de musculação, só vem crescendo. Segundo a Associação Brasileira de Academias (ACADBRASIL), em 2017, o “Brasil era o segundo país com mais academias no mundo, com cerca de 34 mil delas em 2016, estando atrás apenas dos Estados Unidos.

A respeito da estruturação desta dissertação, vale endossar uma questão primeiramente: como já citei que minha entrada no Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais foi no início da Pandemia da COVID-19, e inúmeras incertezas estavam alocadas não só na instituição (como iria prosseguir), mas como a sociedade avançaria, debruicei-me em um método específico para analisar, estudar e produzir esta pesquisa.

Logo, busquei ler e estudar o máximo de produção científica possível, principalmente que narrava todo processo histórico do objeto corpo, enquanto não saberia qual caminho teria que seguir. Outro ponto importante de ser ratificado é que devido a minha formação inicial (Educação Física), nunca tive contato com a literatura das Ciências Sociais, principalmente a que tem o corpo como objeto principal. Essa exegese literária teórica fez, para mim, muito sentido. Por todos esses argumentos, a estruturação desta dissertação, conseqüentemente, teve influência como toda a pesquisa.

Estrutura da dissertação

Este trabalho está estruturado em três capítulos. No primeiro, é feita uma discussão teórica e histórica acerca da construção do corpo, traçadas a partir de historicidade, culturas e simbologias em cada época, ressaltando as possíveis e diferentes representações que fazem do corpo até os dias atuais. O segundo capítulo trata sobre a relação do corpo e o campo de pesquisa o qual estou inserido neste momento pandêmico (a academia de musculação), buscando as percepções dos/as interlocutores/as sobre a prática de exercícios tensionada pelo contexto da pandemia de COVID-19. O terceiro capítulo faz uma importante reflexão sobre a construção da imunidade como uma categoria de análise, à qual nesta pandemia se tornou uma discussão central, principalmente quando direcionamos ao corpo, a saúde e a doença.

CAPÍTULO 1

O CORPO QUE É HISTÓRICO

Este capítulo se dedica a compreensão do corpo como entidade histórica e social. É neste sentido que iremos desvelar as construções históricas que produziram concepções sobre o corpo, suas representações em diferentes épocas as quais informaram como diferentes sociedades observaram e formaram o corpo. Ainda assim buscarei evitar a generalização do que tange ao conceber essas representações, pois como bem cita Rodrigues (1999, p. 19) “importante, em especial como antropólogo, registrar esse cuidado com a generalização ou com a atribuição de homogeneidade ao outro”.

Portanto, a princípio, deixo aqui algumas interrogações: como o corpo é proposto através do tempo? Por que há diferentes representações? Quais influências da sociedade com a projeção do corpo? Será que há um tipo de corpo específico? Mesmo com essas incógnitas já refletimos que há uma certa influência nas construções do corpo, tanto para uma concepção mais ocidental (com seu processo de escolarização e formalizador, ou como uma concepção tradicional e comunitária, com seus valores imutáveis. No entanto, cabe-nos percorrer a história para sabermos como essas prevalências se consolidaram e quais diferentes características recaíram sobre o corpo de hoje, tendo em vista as diferentes necessidades da sociedade atual. É neste contexto que este “corpo histórico” irá se reformular, através de um marco temporal, dotado de fatos em diferentes épocas, que acabam, portanto, transcendendo um campo e o tempo, norteando, portanto, diferentes cenas de uma sociedade e que, por continuidade reprodutiva, produz sentidos e certos adeptos até os dias de hoje.

1.1. O CORPO GREGO

A Grécia Antiga como é comumente chamada denota um período que abrange um amplo espaço de tempo, desde a antiguidade, em aproximadamente 1100 aC, até o fim da antiguidade, por volta de 600 dC (SCOTT, 2019). Segundo o mesmo autor, as virtudes e as influências gregas são bastantes conhecidas até hoje em todo o mundo.

Os antigos gregos deram origem à democracia, um sistema político frequentemente usado e considerado por alguns como a melhor forma de governo. Grandes mentes da Grécia também fizeram descobertas incríveis e vitais, como o moinho de água, o básico da geometria e o uso de remédios para curar doenças. Os filósofos gregos antigos lançaram as bases para todo um novo campo de pensamento e estudo (SCOTT, 2019, p. 06).

Ainda assim, a grande literatura desde período afirma que a Grécia Antiga foi a pioneira no contexto da história ocidental no trato de conceber explicitamente o corpo. Tal corpo era formado, adestrado e trabalhado assiduamente, motivado pelo poder, adoração e glorificação, além de ser interesse do Estado, dada a lógica das grandes e diferentes guerras que sobrepujavam os gregos naquela época (SENNETT, 1994).

Essas guerras aconteciam inúmeras vezes e por diferentes motivos (como as lutas por espaços territoriais, pela democracia grega, por tesouros etc). Por esses motivos grandes batalhas eram traçadas naquele período. Assim, os Gregos antigos digladiavam contra os romanos, persas e até entre eles mesmos, como por exemplo, as guerras entre as principais cidades gregas (Athenas e Sparta) (SCOTT, 2019).

No entanto, não só de guerras os gregos antigos viviam – seus corpos e sua saúde eram também exaltados e admirados pela sua capacidade e integridade atlética – sobretudo durante as competições, especialmente os Jogos Olímpicos (GRIECO, 1991).

A Grécia Antiga também ofereceu um presente para as gerações futuras através dos Jogos Olímpicos. Alguns historiadores acreditam que as Olimpíadas datam do século 10 ou 9 aC. No entanto, é muito provável que os primeiros jogos olímpicos tenham ocorrido em 776 aC em Olímpia (nomeado para o Monte Olimpo, o lar dos deuses e deusas gregos). Não está claro quem inventou os jogos. A mitologia diz que Zeus, que era o pai dos outros deuses e deusas gregos, instituiu os jogos para comemorar sua batalha contra Cronos. Alguns atribuem a fundação a Heracles (Hércules, um semideus) (SCOTT, 2019, p. 40).

Esses jogos olímpicos se caracterizam por diversas peculiaridades, desde a demonstração dos corpos fortes e hábeis, até a conclamação de paz entre os gregos. Outra característica que fora visto nos jogos era a nudez explícita dos participantes, mormente formada por guerreiros homens, a fim de mostrar toda sua cartografia corporal (SCOTT, 2019; SENNETT, 1994).

Nessa época, vale salientar, que era notória a valorização do corpo masculino em detrimento do corpo feminino. As mulheres, por sua vez, não podiam participar das guerras, tampouco dos jogos, devido a preconceitos e uma teoria categórica

(expressa pela valorização do homem em detrimento da mulher) que findava nas composições do corpo, através dos fluidos corporais e a sua temperatura. Os gregos antigos afirmavam que o corpo do homem detinha mais calor que o da mulher (SENNETT, 1994; VIGARELLO, 2012). De acordo com Sennett (1994, p. 32) “Os gregos usavam a ciência do calor corporal para ditar regras de dominação e subordinação”. O mesmo autor ainda afirma:

A fisiologia grega justificava direitos desiguais e espaços urbanos distintos para corpos que contivessem graus de calor diferentes, o que se acentuava na fronteira entre os sexos, pois as mulheres eram tidas como versões mais frias dos homens. Elas não se mostravam nuas na cidade. Mais: permaneciam confinadas na penumbra do interior das moradias, como se isso fosse mais adequado a seus corpos do que os espaços à luz do sol. Em casa, elas vestiam túnicas leves que as cobriam até os joelhos, ou linhos rústicos e opacos, até os tornozelos, quando saíam à rua (SENNETT, 1994, p. 31)

Neste contexto, a gradação de calor dava significado a fisiologia humana na antiguidade grega, onde o corpo quente era a chave para um corpo forte, de privilégios e, para eles, saudável. Ainda assim, a nudez era atribuída, também, a esta premissa do calor do corpo, que aquele que absorvia e mantinha o calor do corpo, não precisava de roupas (SENNETT, 1994).

É importante ressaltar que essa teoria fisiológica do calor humano foi criada por marcos referências antigos como em Hipócrates (século V a.C.) e nas obras de Galeno (século II d.C.), médicos gregos consagrados nas suas épocas. Ambos admitiam que através dos movimentos e o calor corporal dos humores acendiam gradualmente os fluidos do corpo (SENNETT, 1994; VIGARELLO, 2012). Por isso, os humores corporais concebidos fortemente pela medicina grega, organizavam o equilíbrio entre a saúde e a doença, classificados, portanto, como quatro fatores de vitalidade: o sangue, a bÍlis (ou a bÍlis amarela), a fleuma (chamada também de muco), e a melancolia (ou bÍlis escura) (SENNETT, 1994; VIGARELLO, 2012). De acordo com Vigarello (2012):

O pensamento humoral tinha à sua disposição várias explicações para a passagem da saúde e doença. Tudo corria bem quando os fluidos vitais coexistiam pacificamente em bom equilíbrio de forças: cada um em sua devida proporção, adequado às funções corporais permanentes, como a digestão, a nutrição, a vitalidade e a evacuação dos desejos. A doença sobrevinha quando um desses humores se acumulavam (tornava-se “pletórico”), ou secava” (VIGARELLO, 2012, p. 445).

Esses humores tinham ainda uma relação direta com o movimento corporal, pois, segundo Vigarello (2012), citando as referências antigas de Hipócrates e Galeno, “o movimento físico ajuda a evacuar o corpo, ele agita as partes, contrai os órgãos, expulsa os humores cuja estagnação poderia preocupar” (VIGARELLO, 2012, p. 367). Com isso, para os gregos antigos, a ideia dos jogos e os treinamentos para as guerras eram essenciais, e que tudo isso favorecia a fisiologia humoral, “porque fazia o calor crescer e consolidar-se” (VIGARELLO, 2012).

Percebemos, portanto, uma certa influência na relação com manter o corpo em movimento, lógica que até hoje é bem aceita e que se reflete em diversos âmbitos. Vigarello (2012) ajuda a compreender de forma mais completa a centralidade dos humores para a forma com os gregos compreendiam seu corpo.

Os diferentes humores desempenhavam diferentes funções que permitem manter o corpo em vida. O sangue é o licor da vitalidade: quando o sangue sai borbulhando de um corpo, a vida de escoar com ele. A biliar é o líquido gástrico, indispensável à digestão. A fleuma, vasta categoria que compreende todas as secreções incolores, é uma espécie de lubrificante e de resfriador. Visível em substância como o suor e as lágrimas, ela aparece de maneira mais evidente quando existe em excesso – em épocas de constipação (catarro pulmonar) e de febre, quando é expelida pela boca e pelo nariz. A biliar escura ou melancolia, o quarto grande, é mais problemática. Quase nunca é encontrada em estado puro; é considerada responsável pelo obscurecimento dos outros fluidos, como quando o sangue, a pele ou os excrementos se tornam enegrecidos (VIGARELLO, 2012, p. 443).

Outra característica dos povos da Grécia Antiga está relacionada aos processos de “cuidar do corpo”, principalmente em relação aos banhos. Os Gregos antigos faziam do banho, mormente os da elite grega, um ato cerimonial de sociabilidade, um momento de celebrarem seus corpos com ilustre exibicionismo (RODRIGUES, 1999). Vale ressaltar que as políticas de higienização não eram elucidadas e nem fomentadas naquela época, e por isso, os banhos eram tratados em outras perceptivas. Rodrigues (1999, p. 155) afirma que “mais do que uma necessidade higiênica, os banhos romanos talvez se explicassem como cerimônias rituais de sociabilidade”.

Dentre tantas características da antiguidade grega fica muito claro a valorização do corpo na força, beleza física, da nudez, de não se importar com asseios que hoje são tão valorizados (em determinadas perceptivas); e da representação/valorização masculina; em detrimento das mulheres que viviam naquela época. A maioria dessas características, como vimos, era muito mais

determinante para a posição social na sociedade grega, onde o corpo grego era radicalmente idealizado, mas devia estar sempre treinado, exposto e aclamado, produzindo em função do seu aprimoramento e contentamento, interligados a ideia do guerreiro e do cavaleiro, com suas qualificações (ELIAS, 1992; TUCHERMAN, 1999). Reiterando o que foi dito, Tucherman (1999) afirma:

O corpo exposto é objeto de admiração; eram os bárbaros que cobriam a genitália nos jogos públicos pois, para o habitante de Atenas, havia uma equivalência entre a liberdade de exhibir-se, o que se dava mais intensamente nos ginásios onde o corpo era adestrado; e a de exprimir-se, sendo o debate o exercício de adestramento do espírito e seu topo de manifestação a *Ágora* (TUCHERMAN, 1999, p. 27).

Neste intuito do adestramento do corpo grego, podemos inferir, também, que todas essas características eram traçadas devido à finalidade dos objetos e da educação grega, às quais produziam adeptos de uma forma física disciplinada, que para muitos, naquela época, era indestrutível e admirável. Por isso, essa ideia do corpo grego em obter o “poder”, a disciplina e o adestramento, faz com que, dialogando com Foucault (2014, p.167), “é como efeito um poder que, em vez de se apropriar e de retirar, tem como função maior “adestrar” ou sem dúvida adestrar para retirar e se apropriar ainda mais e melhor”.

É nesta problemática que podemos entender que esta forma de ensinar grega, traçadas por disciplina e adestramento, mesmo sendo no seu objetivo central para fins bélicos, traduz uma vigilância hierárquica, na qual a coerção e representação se tornam mais aplicadas. Com este sentido, Foucault (2014, p. 168) fala que:

O exercício da disciplina supõe um dispositivo que obrigue pelo jogo do olhar: um aparelho onde a técnicas que permitem ver induzam a efeitos do poder, e onde, em troca, os meios de coerção tornem claramente visíveis aqueles sobre quem se aplicam. Lentamente, no decorrer da Época Clássica, são construídos esses “observatórios” da multiplicidade humana para quais a história da ciência guardou poucos elogios (Foucault, 2014, p. 168).

Podemos perceber que as construções do corpo na Grécia Antiga são tão fortes e valorizadas até hoje por alguns. Suas noções de corpo eram dadas pela relação disciplina, adestramento, nudez e poder, nas quais segregavam sua sociedade e favoreciam certos grupos sociais. Inevitavelmente essas características tendem a se afirmar em determinados campos sociais. Os Gregos, devido sua expansão são considerados, por muitos, como grandes influenciadores das

sociedades ocidentais. Logo, é possível afirmar que suas “técnicas corporais” ajudaram a formar uma concepção dualista do corpo – dada pela forma de expressar seus corpos – através da exibição e dramatização (SUEITTI, 2016). Uma explicação muito forte acerca das perspectivas dualistas na Grécia Antiga era a formulação da concepção de Platão (séc. IV a.C.), que abordava a distinção entre o mundo das coisas (corpo) e o mundo das ideias (espírito) (SUEITTI, 2016).

1.2. O CORPO NA IDADE MÉDIA

Compreendendo a Idade Média entre os séculos V até o XV, período de consolidação do cristianismo no Ocidente, o corpo era uma referência permanente para os cristãos na idade medieval. Neste contexto, Vigarello (2012) diz que “a fé e a devoção ao corpo de Cristo contribuíram para elevar o corpo a alta dignidade, fazendo dele um sujeito da história (VIGARELLO, 2012, p. 19). A igreja, portanto, foi a única instituição realmente poderosa e universal neste tempo, sobretudo depois da queda do Império Romano, e o corpo foi o objeto crucial para as discussões, principalmente em sua relação com a alma.

Na Idade Média, fazer parte da Igreja era uma escolha voluntária apenas em teoria: muito ao contrário, e de maneira sempre mais e mais abrangente e incisiva, na prática a adesão religiosa talvez fosse a mais estritamente obrigatória das decisões de um ser humano medieval. Isto valia não apenas para homens simples e comuns: mesmo reis e potentados tremiam diante da possibilidade ou da ameaça de serem afastados da Igreja. Esta era onipresente, quer como mosteiro, capela, catedral ou santuário. Reinava dos campos das aldeias mais humildes às cidades mais importantes (RODRIGUES, 1999, p. 29).

Tínhamos, assim, uma cosmovisão da Idade Média que era inteiramente teocêntrica. O medieval só conhecia um modo para mudar a ordem das coisas naturais: através do milagre. A ideia do impossível não tinha lugar. Através da crença, tudo era possível e passível de mudanças (RODRIGUES, 1999). Outro ponto era acerca da ideia do ser cristão, que já possuía a passagem para o céu, quase por definição, e que a vida eterna era uma conquista intrínseca ao seu corpo fiel. Diante disso, Rodrigues (1999, p. 56) afirma:

O corpo medieval não era um mero revelador da alma: era o lugar simbólico em que se constituía a própria condição humana. Ainda após a morte, ou a caminho do além, era em forma de corpo (corpo que se desprendia de um corpo, corpo de criança...) que a alma se apresentava para cumprir seu destino: nada, portanto, de uma entidade puramente etérea, volátil, imaterial (Rodrigues, 1999, p. 56).

Evocações acerca do Corpo do Cristo: “magnificado do filho encarnado”, “Corpo glorioso do Cristo da Ressureição”, “Corpo torturado do Cristo da Paixão” são expressões que persistem no ritual católico até hoje. Iniciadas na Idade Antiga, essas concepções sobre o “corpo de Cristo” foram fortemente enraizadas no período medieval (VIGARELLO, 2012). Para Vigarello (2012),

O corpo de Cristo está no centro da mensagem cristã, e o cristianismo é a única religião na qual Deus se inscreveu na história tomando forma humana: a religião do Deus encarnado. Jesus, o filho, está presente no mundo por seu percurso humano. Ele nasceu nesta Terra, viveu e morreu consumado no sofrimento sua missão: oferecer sua pessoa à vingança pública e seu corpo à perseguição, para salvar os pecadores. [...] O cristianismo que apareceu na Idade Média foi acentuado pelos padres conciliares reunidos em Trento, quando colocaram Cristo no centro da pastoral da salvação, conferindo a cada etapa de sua vida na Terra, principalmente à sua paixão, uma dimensão cultural essencial (VIGARELLO, 2012, p. 23).

Conseqüentemente, os conhecimentos passados da Grécia Antiga, principalmente o dualismo, acabaram influenciando a ideia do corpo na Idade Média. O próprio cristianismo se tornou uma religião do corpo, legítima afirmação da teologia cristã onde a ressurreição de Deus se dá no corpo humano (SUEITTI, 2016). Essa dicotomia é bem evidenciada na separação entre o corpo e alma. Para a Igreja Católica do medievo, a alma seria o espírito que deve ser muito mais “cuidado e alimentado”. Além disso, o corpo na época medieval, reformulado pela igreja, assumiria a ideia do bem (sendo a luz) e o mal (sendo as trevas) (SUEITTI, 2016).

Neste contexto, o corpo humano seria a carne – postulada pelo mal, permissível ao pecado – e o espírito a luz (a parte mais próxima e aceita por Deus). Também outra característica deste período era a ideia que o corpo “abraçava” a sexualidade. O ato sexual era visto como intrinsecamente pecaminoso, dividindo os cristãos em duas classes:

Os que praticavam a virgindade e os que casavam. O casamento e a sexualidade eram considerados inferiores. Ou seja, cristãos/ãs que, por ventura, praticassem ou sentissem o desejo de praticar relação sexual, ou ainda, que quisessem construir uma família e ter filhos/as, estavam destinados/as a pertencer a uma classe de cristãos/ãs inferiores” [...] “Mas é a partir do século XII que as discussões em torno do corpo, por conta da forma como era compreendida a sexualidade, assumiram novos contornos e certa centralidade. Tanto o corpo como a sexualidade eram identificados como parte intrínseca do mal, das trevas, das coisas imperfeitas deste mundo e, portanto, deveriam ser derrotados e controlados (Sueitti, 2016, p. 56-57).

É importante ressaltar que em comparação com os Gregos antigos, o corpo medieval era um corpo comparativamente “preguiçoso”, não era um corpo que preconizava a força, os músculos, a resistência pela disciplina e a rentabilidade, era um corpo sem grandes preocupações com o tempo e o trabalho (RODRIGUES, 1999).

Neste contexto, também aflorou a ideia do “corpo maciço”, que nos séculos centrais da Idade Média era apreciado como sinal de poderio e ascendência. Os grandes e corpulentos habitantes daquela época, na sua grande maioria, tinham um corpo imenso e um apetite desenfreado para os moldes contemporâneos (VIGARELLO, 2012). A maneira do comer, da apresentação da comida, da mesa farta dizia muito também sobre essas pessoas. A apresentação de animais inteiros na mesa era uma característica comum nas relações de comensalidade (RODRIGUES, 1999).

O clero e os potentados da época não se isentavam dessas características. Eles seguiam à risca suas composturas sob a mesa, onde não se aplicava as proporções reduzidas, mas peixes, aves e coelhos; cordeiros; pequenos veados; bois etc, toda essa fartura jogada sem cortes ou com modos que são adjetivadas como não civilizados atualmente (RODRIGUES, 1999). No entanto, a partir dessa demasia, surgiu-se o “gordo em excesso” ou o “gordo condenado”, que é aquele que carrega sua tamanha gordura, através da inviabilidade de montar a cavalo ou até mesmo de fazer suas atividades diárias básicas como levantar, sentar, andar e deitar (VIGARELLO, 2012).

Dialogando com essas questões, observamos que implode uma “duplicidade do gordo” na Idade Média, onde existe aquele gordo que desfruta do seu corpo com a força e a riqueza (pois nele abriga a “gordura ideal e a fartura”), e o outro que encarna, através da ampla gordura, o desprestígio e a condenação, perante a igreja e a sociedade. Para melhor compreendermos essa ambiguidade, recorremos a Vigarello (2012):

Duas visões do gordo existiriam, portanto, nesses registros antigos: uma, a de que era dotado de formas, de forças e ao mesmo tempo de vivacidade, providas por carnes densas; outra, a do gordo extremo, mas não definido em quilos, cujo “calor vital” era sufocado por excessos irremediáveis. O primeiro tipo de gordura seria sinal de opulência, o segundo de debilidade. Um limite frágil, naturalmente, que recorre à sensação de eficácia imediata ligada à gordura para fazer a distinção: massa e densidade fazem pensar em saúde, em vigor (VIGARELLO, 2012, p. 30).

Trazendo a perspectiva da fisiologia dos humores (criada na Grécia Antiga) na qual o “calor vital era sufocado por excessos irremediáveis”, é possível perceber que mesmo com a força da igreja no medievo discutia-se de forma clandestina questões relacionadas a busca do equilíbrio humoral, e que o gordo em excesso poderia trazer uma “repleção” e desequilíbrios dos humores corporais, possibilitando ao gordo, segundo Vigarello (2012, p. 35) “o crescimento do ventre e a lentidão do corpo”.

Ainda nesse debate, numa inquietante relação entre o comer e o espiritual, os medievais começavam a praticar fortemente o “ascene alimentar”, o qual era uma característica típica do cristianismo, forjada através das suas práticas que se negam o alimento, ou seja, onde a privação alimentar seria a punição imediata com o seu corpo (VIGARELLO, 2012). Pegando isto, sugerimos refletir que o gordo em excesso, devoto à creança cristã, inflado pela “improdutividade” e negação que narravam seu corpo no período medieval, usou, sem modesta, essas práticas de privação do comer, à procura de uma redenção da fé e aceitação da sociedade em que vivia. Hoje se falam muito disto como dietas etc.

Devido a essas características na Idade Média, as relações entre ter o corpo forte e exposto foram se alterando, pois, como vimos, a igreja, com sua forte influência acerca do corpo e suas manifestações – atrelando todo culto ao corpo ao pecado – e reprimindo qualquer tipo de exibicionismo corpóreo e cultura física, postulou suas regras sociais e teocêntricas fortemente (ROSÁRIO, 2004). Outras composições deste período foram as outras inúmeras dicotomias sociais, ou seja, a separação entre o são e o doente, o urbano e o rural, a criação e cisão de cômodos da casa; instituição de hospitais, manicômios; e das relações familiares etc (RODRIGUES, 1999).

Outra questão é que as fortes composições do individualismo corporal começaram a tomar uma grande forma na Idade Média, não que essas características apenas se afluíram neste tempo, mas a sua proporcionalidade se fortaleceu nesta narrativa social, mormente pela separação específica do lar. Assim, Rodrigues (1999, p. 145) traz que “a história da casa é extremamente solidária à do corpo. O estabelecimento da separação de corpos é um evidente criador de fronteiras, definidor e redefinidor da ideia de individualidade”.

Essa noção do corpo individual, em contrapartida, é uma realidade intrínseca a nossa sociedade e que fomenta a visão de mundo onde o indivíduo é o centro de

tudo, e este “conceito de lar”, alcançado na Idade Média, altera as aproximações corpóreas e se cria um novo eixo íntimo (LE BRETON, 2016). Tendo em vista isto, outro ponto, é a percepção do corpo individual e “desigual” que, ao mesmo tempo, acaba sendo um corpo que não é aceito no meio social, nos mostrando que o individualismo corporal pode favorecer algumas represarias ao se ter o corpo diferente do estabelecido. Reconhecemos, outrossim, que o dualismo criado historicamente pela sociedade fortaleceu imensamente o individualismo do corpo, sobretudo, pela inserção ambígua referente ao corpo, separando-o e inviabilizando suas ricas relações.

Outra questão que afetava a concepção de corpo no medievo se relaciona aos milagres, ou supostos milagres que aconteciam com os corpos, sobretudo àqueles que necessitavam de algum tipo de cura. Esta cura sobrenatural que aqui era incentivada pela ideia religiosa, pautada em uma perspectiva miraculosa, fortalecia o comportamento dos fieis, principalmente com relação ao cuidado com corpo espiritual (VIGARELLO, 2012, p. 117). No entanto é de referir que nesta época, como já destacamos, diversas doenças não tinham tratamentos ou não se conheciam, pois, a ciência biomédica ainda não se conjugava no seu estágio balbuciante, e a religião ainda era prevista na piedosa busca pelo milagre.

Nesta época, a interpretação acerca da ocorrência de doenças e moléstias esta relacionada ao mal e a não aproximação com o divino (VIGARELLO, 2012). Como chama atenção Rodrigues (1999, p. 41), “na Idade Média a compreensão simbolista valia muito mais do que quaisquer explicações causais ou genéticas, que viriam a ser tão intensamente importantes para a nova cultura dos séculos posteriores.

A força da crença, o “medo” dos ira divina e as procuras que, para eles, levariam ao pecado dificultaria os estudos anatômicos sobre o corpo nesse período. Durante toda a Idade Média, como afirma Le Breton (2016, p. 57), “que as dissecações são proibidas, impensáveis mesmo. A introdução violenta do utensílio nos corpos seria uma violação do ser humano, fruto da criação divina”. Porém, havia a necessidade de respostas e resoluções para as doenças que coexistiam na era medieval e que a crença no espírito refutava em responder. Além disso, tínhamos um crescimento/fortalecimento do corpo individual, forjado pelas dicotomias pré-existentes no fulcro social e, uma busca, sobretudo, de uma nova forma de pensar. Problematizando este enredo, Rodrigues (1999, p. 58):

“Os tempos medievais tinham a abertura do corpo humano por uma ação de todo inconcebível e até mesmo por um gesto do mais supremo sacrilégio. Ainda que fosse praticada com finalidades de estudo, a dissecação era um tabu cuja violação era quase impensável durante a Idade Média. Este foi o motivo pelo qual se tornaram perfeitamente compreensíveis e inteiramente verossímeis as histórias que viemos a conhecer sobre sequestros noturnos e furtivos de cadáveres, com a finalidade de realizarem-se experiências de anatomia. Cabe aqui uma reflexão: não há alguma ironia no fato de que essa sociedade – que torturava pessoas, conforme costumávamos pensar, e que até mesmo condenava cadáveres à morte –, precisamente essa sociedade, não admitisse sequer abrir um corpo humano, mesmo morto, para lançar-lhe um olhar objetivo ou objetificante?”

Seguindo estes questionamentos percebemos que o corpo morto, para os fiéis deste tempo, poderia em algum momento “perder sua purificação”, ou que, como bem lembra Rodrigues (1999), “os mortos dormem, aguardando o dia do “Grande Despertar”, quando todos sairão jubilosamente, de corpo e alma, das suas sepulturas – tendo dormido mil anos como se esses tivessem sido apenas uma noite” (RODRIGUES, 1999, p. 122).

No fim, por penúria de inúmeras respostas no período medieval e com a elucidação de novos olhares científicos sobre o corpo (caracterizados pelo apogeu da renascença), a igreja se viu confrontada, sobretudo, a partir do século XVI, com a crise da consciência espiritual ou, podemos afirmar, uma crise dos esclarecimentos sobre o corpo (VIGARELLO, 2012). Dito isto, no próximo processo histórico do corpo trataremos amplamente acerca dessas mudanças narrativas, a fim de discutir questões sobre o corpo durante o período renascentista.

1.3. O CORPO NO RENASCIMENTO

O período Renascentista que surgiu entre o século XV e se expandiu para diversas regiões da Europa é entendido por muitos como movimento das ideias, onde a imagem corporal vem relacionada à arte (SIEBERT, 1995; ROSÁRIO, 2004; FARHAT, 2008). Este período difere dos anteriores porque começa a haver preocupação com a liberdade do ser humano. Sendo assim, possibilitou a redescoberta do corpo, principalmente no que diz respeito às artes, a ciência, e o corpo nu aparece como destaque por pintores como Michelangelo, Da Vinci, entre outros. Com isso, o período renascentista é comumente conhecido pelas novas percepções científicas, atreladas a um direcionamento mais racional e mecanicista,

principalmente, no que tange ao corpo (LE BRETON, 2016; VIGARELLO, 2012; KICHHOEFEL, 2003).

Na Renascença, o brusco realismo dado nas formas pelos corpos pintados, no século XV, construiu-se uma aparência que sociedade aceitou (VIGARELLO, 2012). Assim, durante este período houve uma mudança que para muitos era racional, onde os sistemas simbólicos eram movidos por pensamentos e ideias mecânicas (LE BRETON, 2016). Essa ruptura com o corpo se iniciou nas sociedades ocidentais e desencadeou a assimilação ao corpo mecanicista e cartesiano (LE BRETON, 2016).

Com o fim da Idade Média, juntamente com a quebra de seus paradigmas, começou-se a dissecar os cadáveres humanos para o estudo na anatomia, premissa que nos tempos passados era proibido e inalcançável (VIGARELLO, 2012). Logo, como retrata Le Breton (2016):

Com o século XVII e o advento da filosofia mecanicista, a Europa Ocidental perde sua base religiosa, a reflexão sobre a natureza, conduzida pelos filósofos, ou pelos eruditos, emancipam-se da autoridade da igreja e das causas transcendentais; ela situa-se em outro nível: à altura do homem (LE BRETON, 2016, p.78).

Portanto, neste período, a alma perde sua centralidade e a racionalidade consegue sobrepujar o espiritualismo. A partir dos estudos de anatomia é possível conceber o corpo como algo fragmentado. Nesse período, é possível perceber uma outra forma de pensamento marcada pelo mecanicismo e pela fundamentação do dualismo cartesiano que vê em René Descartes sua expressão mais bem acabada (COURTINE, 2013; LE BRETON, 2016; VIGARELLO, 2012).

Rodrigues (1999) afirma que “foi preciso o aparecimento do dualismo cartesiano, distinguindo o corpo e a alma, para que dissecções e olhares objetificantes pudessem ser suportados” (RODRIGUES, 1999, p. 59). O dualismo cartesiano de Descartes propôs um grande afastamento da dicotomia fortemente enraizada na Idade Média (entre o corpo e alma). Mesmo assim, se observamos reflexivamente, este também é um dualismo, mas de outra espécie – o qual não está enraizado em solo religioso – mas faz com que o corpo seja acessório da pessoa, uma máquina corporal exclusiva à sua extensão e fragmentação (LE BRETON, 2016). Vale destacar que é neste contexto da dicotomia cartesiana que fora indispensável os estudos das partes do corpo humano (anatomia e fisiologia), mas

também, devido a isto, perdeu-se o respeito pela ideia da alma, principalmente após a morte.

Le Breton (2013, p. 18) afirma que “Descartes traz com clareza seus entendimentos sobre o corpo, o qual traz que “o modelo do corpo é a máquina, o corpo humano é uma mecânica discernível das outras apenas pela singularidade de suas engrenagens”. Pois bem, diante dessa citação e dos inúmeros estudos de Descartes, percebemos uma associação direta do corpo como um cadáver, meramente um objeto para ser explorado e fracionado. Ratificando essas afirmações, Rodrigues (1999, p. 60) ainda diz que “na visão cartesiana, o corpo não passava de um cadáver e o próprio Descartes em suas *Méditations* foi bem explícito nesta comparação: ‘corpo’ não é senão aquilo que sobra da vida de uma alma”.

A anatomia e a fisiologia médica começam a se consolidar por meio de certas representações do corpo, aprofundadas no decorrer da revolução científica (lugar de bastante sucesso nas ciências mecânicas, na física e na química), tipificadas, assim, através de inúmeras tentativas de estabelecer a medicina sobre alicerces mais sólidos, uma outra fisiologia começa a se dissipar (VIGARELLO, 2012). Além da ideia religiosa, a fisiologia dos humores também começou a ser questionada, dando uma nova vertente a representação do funcionamento corporal, através das fibras, nervos, a preeminência da anatomia, da fisiologia, do descobrimento das novas formas de olhar o corpo “saudável e doente que foram se consolidando nos séculos seguintes” (VIGARELLO, 2012).

Outro embate que já veio significado desde a Idade Média também tomou fortes proporções neste período. Se na Idade Média o corpo exótico sofreu com segregação, abandono e humilhação, no Renascimento o resultado do corpo diferente era a “animalização científica do outro” (KOUTSOUKOS, 2020). Assim, pessoas que não nasciam com características padronizadas de brancura, ou até no que se pensava o que era “perfeição física”, passam a ser confinadas em circos, eventos que “mostravam a estranheza” ou até mesmo era utilizadas para estudos anatômicos (KOUTSOUKOS, 2020). Tratando sobre isto, koutsoukos (2020) afirma que:

Por séculos, muitos dos indivíduos considerados “aberrações” (por terem nascido com alguma peculiaridade física ou uma doença desfigurante ou deformante) eram oferecidos (ou comprados, ou mesmo tomados à força) como presentes vivos aos nobres das diversas cortes. Anões, midgets, pessoas com hipertricose, vitiligo, albinismo etc. eram mantidos como

companhia, entretenimento, item exótico, acessório de luxo e símbolo de status (KOUTSOUKOS, 2020, p. 32).

Outro ponto que circundava neste marco temporal era que o Renascimento foi um período artístico e científico. Com isso havia pintores voltados à arte do desenho corporal e artistas científicos/anatomistas, os quais observavam intrinsecamente, através de grandes desenhos anatômicos e ilustrações o corpo, a fim de revelar as minúcias de suas partes (KICHHOEFEL, 2003). Como pioneiros dos “artistas científicos” temos René Descartes (filósofo, físico e seguidor de Galeno) com seus estudos cartesianos do corpo, o qual já tratamos aqui, mas também tivemos Vesalius (médico, considerado, por muitos, como o pai da anatomia humana), que através de registros e argumentos de Galeno, obviamente – com pensamento mais racional e biomecanicista – buscava a restauração dos conhecimentos da antiguidade.

Explicando melhor sobre essas questões, Kichhoefel (2003, p. 397) traz que:

Em primeiro lugar, é importante considerar a separação entre os artistas e os anatomistas até a época de Vesalius. A partir da primeira metade do século XV, nas mãos de artistas como Massacio, Donatello, Pollaiolo, Verrocchio, Michelangelo e Raphael, e artistas teóricos como Alberti e Leonardo, entre muitos outros, a arte europeia tomou a direção do naturalismo. Sendo então o homem o centro de todas as perguntas, ou ao menos das perguntas mais importantes, a descrição do corpo humano tomou a posição central nessa busca. Não obstante alguns estudos de anatomia artística feitos pelos artistas mencionados acima, é importante ressaltar que todas as dificuldades de representação da figura humana não se beneficiaram do progresso dos textos anatômicos contemporâneos. Por exemplo, apenas os últimos quatro fólios (a partir do final do fólio 44r até o fólio 47v) do tratado de Hieronymo Manfredi mencionado adiante estão dedicados à anatomia das extremidades, pois os médicos se interessaram pela anatomia das partes internas do corpo. O próprio Vesalius (1958, p. 522) escreveu sobre o pouco interesse dos médicos que o antecederam pela estrutura dos ossos, músculos, vasos e nervos.”

Como podemos perceber, os artistas desta época eram “fadados” a herdar tradições passadas, principalmente no que tange ao corpo (VIGARELLO, 2012). Ora, então, acumeava-se um fundo greco-romano e uma forte tradição divina que, certamente, espirava os olhares da Renascença, principalmente no tocante de Vesalius para com as pesquisas de Galeno.

Em seu importante esforço historiográfico sobre o corpo, Vigarello (2012) vai nos dizer que:

Os anatomistas da Renascença retomam os mesmos argumentos e o mesmo registros metafóricos. Vesalius faz disto um uso intensivo, e suas palavras são frequentemente as de Galeno: os ossos são para a fábrica do

homem o que as paredes e as vigas são para casas, os postes para as tendas ou as quilhas e cavernas para os navios. (Vigarello, 2012, p. 431).

Todavia, Vesalius buscava pôr, nos seus textos acadêmicos, ilustrações e gravuras que exemplificavam melhor suas ideias, característica muito peculiar dos estudos que existiam naquela época (KICHHOEFEL, 2003). Conforme Kichhoefel (2003, p. 400) os desenhos anatômicos tinham por foco “captar esquemas relacionados à “fisiologia” do que representar naturalisticamente as partes do corpo humano; sua função foi, de certa forma, mnemônica”.

Logo, devido modulações no que tange fazer/observar as pesquisas e estudos, esses desenhos e ilustrações começaram a tomar forma e sentido dando novas possibilidades a ciência, sobretudo aos passos iniciais da medicina moderna. Por isso, como elabora Vigarello (2012), o corpo da Renascença, onde “é objeto de uma intensa excitação”, ele revela-se como objeto de atenção artística e científica em um esforço laborioso de se observar os seus mínimos traços.

Com este avanço nos olhares do corpo, transcende-se e problematiza questões já emaranhadas na época medieval. Isto exposto, Vigarello (2012, p. 583) trata que a “arte do corpo, a cultura do corpo que se estabelece no começo do século XVI toma por modelo o teatro da vida da corte, no seio do qual a essência da cortesia deve ser buscada não em um conteúdo, mas em uma forma”. Com esta premissa, compreende-se que através dos moldes artísticos renascentistas se padronizam um certo tipo de corpo, mesmo que seja um corpo arte, era um corpo referencial que moldava aquela civilização.

Por isso, neste período, como na Idade Média os corpos volumosos, ou seja, com grandes quantidades de tecido adiposo, eram sinônimo de riqueza e beleza, onde para muitos havia a concepção de que quem mais comia, mais fortuna tinha e belo seria, em oposição aos que sofriam com a escassez de alimentos (GRIECO, 1991). Para esse autor,

Não admira que as mulheres das classes superiores procurassem distinguir-se das suas irmãs menos afortunadas, cultivando grandes superfícies de carne leitosa, em contraste com as figuras morenas, pálidas e magras daquelas mulheres cujas vidas difíceis não só as tornavam feias, aos olhos dos seus contemporâneos, mas também prematuramente envelhecidas (GRIECO, 1991, p. 82).

Logo, o modelo ideal de mulher sofrera várias transformações: de esbelta a volumosa e de “natural a pintada”. A silhueta e os rostos femininos foram correspondendo às diferentes condições de dieta, de estatuto e de riqueza, dando

origem a novos padrões de aparência e gosto, a novos ideais de beleza e erotismo, vertentes estas que se reforçarão com o passar do tempo (FARHAT, 2008).

Aqui também já se fazia a visão do corpo doente, moldado pelas relações sociais e culturais da época. Exemplificando bem, a melancolia para a elite⁷, naquela época, era admissível, mas o pobre – consagrado a sofrer sintomas semelhantes – que poderia ser chamado de “depressão” – certamente seria censurado de molengão ou descontente (VIGARELLO, 2012).

No fim, será que podemos concernir que através das descobertas no Renascimento não se vingou uma teoria estética, através desses estudos das “partes particulares”? Será que essas reformulações narradas até aqui não passaram apenas de práticas e textos necessários que foram se organizando nos séculos posteriores?

Concordamos com Le Breton (2016) quando ele afirma que “para os filósofos mecanicistas, a natureza não é mais a forma viva do renascimento, ela é composta de um grande número de objetos em inter-relação, mutualmente subordinados as leis intangíveis” (LE BRETON, 2016, p. 90). Ainda assim, observamos que esta narrativa mecanicista, à qual representa o universo configurado numa máquina, com suas engrenagens específicas, dualizadas entre o movimento e a matéria, e que por especificação o corpo, senão o homem todo inteiro é uma máquina, sobrepujado, infelizmente, com/por valores e sentidos que se passam pela história da sociedade (LE BRETON, 2016).

A importância positiva do Renascimento para a história do corpo está relacionada, diria Vigarello (2012) que “a presença do corpo nu, seja masculino ou feminino, nas pinturas, gravuras, esculturas e até arquiteturas”. O corpo passa a ser a medida de todas as coisas, lugar social onde ciência e arte confluem.

Por sua vez a Renascença não inventa a reflexão sobre as proporções do corpo humano, os estudos se constroem na sua prática e necessidade que o tempo

⁷ Cabe-nos trazer, com clareza, o que compreendemos acerca das elites, pois segundo Renato Perissinoto e Adriano Codato (2015, p. 16-17), “há um padrão para melhor entendermos as elites, caracterizado por “grupos que preenchem as *posições formais* de mando em uma comunidade (diretorias de grandes empresas, cúpulas do Executivo, posições superiores nas organizações políticas e militares”, por aquelas, também, capazes de tomar as decisões estratégicas para uma comunidade (ou influenciar as suas decisões mais importantes) e nem sempre se confundem com aquelas que ocupam as posições formalmente designadas como as mais relevantes e, por fim, os que detêm recursos de poder posicionais e influência política com base no prestígio pessoal socialmente reconhecido”. No fim, o que vai mesmo representar uma elite, depende muito do contexto que determinados grupos estão inseridos.

permitiu, de modo evidente que constituiu através de prescrições e técnicas pedagógicas, usufruídas de um prestígio mecanicista e filosófico (VIGARELLO, 2012). Este deslocamento assina, como podemos perceber, com as feições das artes e simbolismo do “puro amor” das partes minuciosas e geométricas do corpo humano, que foram despojados, sutilmente, do modelo ideal, os quais constituíram diferentes sentidos, sobrevoando gradativamente, manifestando-se na delimitação das fronteiras e, possibilitando, portanto, uma expressão fortemente elucidada nos séculos seguintes, conhecida como o “meu corpo individual”

1.4. CORPO ANATOMOFISIOLÓGICO

Consideraremos neste tópico, entre o XVII até o final do século XIX um grande fortalecimento do corpo na perspectiva da fisiológica e anatômica, que a partir deste marco temporal, noções acerca do corpo biomédico e suas vicissitudes forjaram ideias e formaram raízes nos séculos subsequentes, disseminando e criando valores que, sobretudo, ajudaram a “educar” a sociedade moderna ou “alta modernidade⁸” que vivenciamos atualmente.

Com o fim do Renascimento e seu legado nos primeiros pontos científicos, entre o ano de 1600, deu-se o início do Iluminismo (conhecido como a era das luzes), nascendo, assim, a revolução científica, onde o corpo se transcreve, com veemência, através de suas inúmeras “faces e partes” (VIGARELLO, 2012). Isso acometeu, como já percebemos, depois que Vesálio e seus antecessores tornaram o método por excelência na pesquisa anatômica e, devido seu crescimento e descobrimento científico, diversos órgãos, funções e porções foram mais explorados e alguns “descobertos”, tais como: (músculos, articulações, ossos, rins, dentes, válvulas, as fibras, oxigênio, circulação sanguínea etc) e, por consequência, diversos sistemas e funções do corpo biológico (VIGARELLO, 2012).

Faz-se ressaltar que Vesálius não rompeu com a fisiologia dos humores, mas a usou a partir de seus achados, na busca de avanços e interpretações que os

⁸ Com relação a esta “alta modernidade”, temos um distanciamento entre tempo e espaço muito maior na estrutura social, os quais vêm se alongando cada vez mais. Há diversos meios de comunicação possibilitados pela *internet* e uma “globalização mais radicalizada que se configuraram nesta conjuntura”. Logo, alguns autores denominam este período vigente de pós-modernidade. No entanto, para Giddens, a ideia de pós-modernismo está entrelaçada num fim da modernidade, à qual, para ele, não existe, mas sim uma alta modernidade e, no mesmo contexto, uma modernidade tardia ou modernidade reflexiva (GIDDENS, 1991; 2002).

cercavam nas suas inquietudes. Essas conquistas, principalmente nas observações e descrições do corpo, são inquestionáveis para entender os avanços da ciência moderna (KICKHÖFEL, 2003). Sennett (1994) trata sobre essa questão de forma muito feliz. Ele afirma:

Por mais de dois mil anos, a ciência médica aceitou os princípios relativos ao calor do corpo que governaram a Atenas de Péricles. Santificado pelo peso da longa tradição, parecia certo que esse calor inato explicava as diferenças entre homens e mulheres, assim como entre seres humanos e animais. Com o surgimento da obra de William Harvey, *De motu cordis*, em 1628, essa certeza foi abalada. Através de suas descobertas sobre a circulação do sangue, Harvey deu partida numa revolução científica que mudou toda a compreensão do corpo — sua estrutura, seu estado de saúde e sua relação com a alma — dando origem a uma nova imagem modelo. Essa mais recente compreensão do corpo coincidiu com o advento do capitalismo moderno, contribuindo para o nascimento de uma grande transformação social: o individualismo. O homem moderno é, acima de tudo, um ser humano móvel (SENNETT, 1994, p. 213).

Concordamos que essa perspectiva de mudança no olhar da ciência se tratou de um aglomerado de possibilidades, sobretudo, as expressivas relações sociais que viabilizaram novas fontes do saber (RODRIGUES, 1999). Contudo, é de suma importância olharmos que essas novas descobertas, mesmo sendo fruto de intrínsecas relações humanas, findaram numa fragmentação da ciência, principalmente a do corpo, e impulsionaram o desejo do individualismo moderno.

Indagando ainda com esses posicionamentos, problematizamos: como sociedades que, por característica exemplar, tratam de relações em grupos podem por perpetuação produzir premissas dicotômicas e, no seu espelho, individualistas? Tendo em vista essa argumentação, Le Breton (2016, p. 23) conceitua que “a noção de individualismo, que serve de base a esta argumentação é, aos nossos olhos, mais uma tendência dominante do que uma realidade intrínseca às nossas sociedades ocidentais”. Logo, podemos dizer que a visão do mundo em sociedade pode ensejar na centralidade do poder individual, ou seja, a sociedade, nos seus eixos sociais, acaba formando esta perspectiva de individuação.

Com relação ao corpo representado pelo seu individualismo, Le Breton (2016, p. 23) traça que “o corpo, como elemento isolável do homem, ao qual emprega seu rosto, não é pensável senão nas estruturas sociais de tipo individualista, nas quais os homens estão separados uns dos outros”. Por isso, o sujeito, juntamente com a sociedade, marca suas fronteiras delimitando perante os outros, sendo ele, por

consequência, “um fator de individuação” que separe o corpo do ser, de si mesmo. (LE BRETON, 2016).

Podemos ressaltar, outrossim, que no decorrer dos séculos XVI, XVII e XVIII os povos de tradições populares e comunitárias, que estabeleceram suas expressivas conexões entre si e a natureza (principalmente na indissociabilidade ao ser), com erudita cultura; na ideia da cura, por exemplo, com curandeiros, usando os elementos da natureza, com benzedor ou encantador de fogo e o xamã que almeja as chuvas – juntamente com a forte concepção medieval – (dotada do cristianismo e a ascensão do divino), quaisquer dessas características passadas, por ora, neste período da anatomia e fisiologia, acabam desafortunadamente perdendo o seu valor (LE BRETON, 2016).

Le Breton (2016) afirma que “o universo racionalizado é ‘inabitável’ lá onde falta a dimensão simbólica”. Portanto, como já vimos, tratar com o corpo anatomofisiológico é suscitar a ideia do corpo individual que se apoia na consolidação da medicina moderna como um saber legítimo. Esse “universo racionalizado” não encontra espaço para saberes que não operam na lógica mecanicista. Le Breton (2016) ressalta que:

Os saberes sobre o corpo identificáveis nas tradições populares são múltiplos e, frequentemente, um tanto obscuros. Eles repousam antes nos saber-fazer ou nos saber-ser que entalham certa imagem do corpo. Mas estes são inicialmente, conforme dissemos, saberes sobre o homem. O corpo jamais é aí considerado como distinto do homem, como saber biomédico. Esses conhecimentos tradicionais não isolam o corpo do cosmos, eles se articulam em um tecido de correspondência do homem e do mundo (LE BRETON, 2016, p. 103).

O corpo tomado como máquina certamente encontrou no renascimento seu momento central. Para Vigarello (2012), foram os anatomistas que expuseram com clareza as “estruturas minúsculas (às vezes microscópicas), à luz de imagens do organismo com sistemas de vasos, tubos e fluidos”. É por causa de todo este avanço, que a partir do século XVIII muda a imagem mais tradicional do funcionamento do corpo. Diante desses descobrimentos, confirmava-se uma existência de uma representação íntima do corpo, voltada a uma arquitetura que necessitaria se fortalecida e que, saberes simbólicos e de efervescência cultural “cairia por terra” (VIGARELLO, 2012).

Ideias, assim, de impulsionar a questão fisiológica e anatomista só se fortaleciam. Daí a importância dos tónus musculares para vitalidade e resistência

dos indivíduos, não apegada mais a depuração, mas a sua resistência, que seria, sobretudo, uma melhoria progressiva da máquina humana caracterizada por políticas de exercícios graduais (VIGARELLO, 2012). Por isso, exercitar-se tornou uma condição objetiva e eficaz para o melhoramento da essência biocorporal, agindo na arquitetura anatomofisiológica, e possibilitando um aperfeiçoamento do corpo (VIGARELLO, 2012). Para além disso, como estamos vendo, através dessas novas empreitadas e complexas conexões científicas da medicina destes séculos, a partir das suas descobertas, modificou a imagem e o modelo da compreensão do corpo, estabelecendo um novo entendimento para a sua estrutura, seu estado de saúde e sua relação com a alma (TUCHERMAN, 1999).

A ideia do estado de saúde/doença começa dialogar com o novo cientificismo que passa a tensionar essa ideia a dor corporal. A dor passou a ser vista como um defeito criado e que poderia ser moldado, evitando-se, possivelmente, a doença. Conquanto, vale lembrar, que, como traz Vigarello (2011, p. 45), “a dor parece tão fundamentalmente cravada no corpo que abolir radicalmente a consciência parecia, durante muito tempo, o meio mais simples para neutralizá-la”.

Neste enfoque, Le Breton (2011) argumenta ainda que “a atitude do autor diante da dor inclusive o limite da dor ao qual reage estão ligados ao tecido social e cultural no qual ele está inserido, com a visão do mundo, as crenças religiosas que lhe são próprias, isto é, a maneira como se sentia diante da comunidade de pertencimento” (LE BRETON, 2011, p. 53). Com a ideia do processo saúde/doença tratamos no mesmo sentido, pois diversas concepções acerca do que é saúde foram se criando ao longo da história e suas conjunturas permearam inúmeros conceitos que são discutidas até os dias atuais (TORRES, 2016). Dessa forma, Rodrigues (1999, p. 60) trata que:

Com a separação cartesiana entre corpo e alma iniciou-se, sobretudo por meios técnicos, um projeto de luta contra a dor. Esta passaria a ser vista como mero indicador de um ‘defeito’ do maquinismo corporal, passível de ser ‘consertado’. Em fins do século XIX, a dor praticamente não comportaria mais qualquer referencial metafísico e seria reduzida a simples assunto neurológico ou farmacológico. Encontramos neste ponto uma operação, histórica e politicamente importantíssima, de separação da sensível e de afastamento entre corpo e dor. Muito do que somos hoje está contido neste processo de desvinculação (Rodrigues, 1999, p. 60).

É nessa ideia contra a dor (na busca da sua descontinuidade) que surgem analgésicos e princípios ativos que combateriam suplícios. Apareceu-se, também, na promíscua exploração do corpo, instrumentos que facilitariam as intervenções

corpóreas, tais como: estetoscópio, microscópio, um aprimoramento de objetos cirúrgicos (como o bisturi) etc (VIGARELLO, 2012).

Porém, através desta especialização em técnicas e manuseio de instrumentos, na exploração do corpo, onde tudo se solidificou, mormente, pela necessidade da cura ou de correção do “corpo flagelado”, será que essa perícia ou navegação pelo estreito e delicado caminho corporal, acabou, conseqüentemente, ensejando uma medicina desumanizada, que trata mais dos órgãos do que o próprio ser? Trataremos mais sobre isto a frente.

Outra questão relevante a se tratar é que a doença, como muitos de nós sabemos, por muito tempo se ligou a maldições, pragas sem controles (sem compreensão da sua ontogênese) e martírio dos deuses antigos pela descrença. No entanto, como é possível perceber, rumores mais racionalistas já circulavam, seguidos de suas teorias de que algumas doenças coletivas se disseminavam essencialmente pelo contágio ou por meio das emanções do meio ambiente (VIGARELLO, 2012).

Sobre esse debate do meio ambiente, o que entendemos é que alguns lugares, naquela época, caracterizam por maiores números de doenças infecciosas (malária, varíola etc). Portanto, pessoas que viviam mais perto dos pântanos, população dos bairros baixos e superpovoados (por denegação de saneamento básico), prisões carcerárias, asilos etc estavam, particularmente, predispostos a contrair doenças (VIGARELLO, 2012).

Centrado nas construções destes séculos, Vigarello (2012) afirma:

Tentou-se energicamente prevenir e impedir as epidemias. A doença parecia mais do que nunca ameaçar tanto o corpo individual como o corpo coletivo. Uma nova visão das populações dava também um novo sentido as expectativas conjuntas. A medicina das luzes tornou-se também a medicina de defesa dos grupos humanos: “aperfeiçoar a espécie”, “enriquecer a espécie”, “preservar a espécie”, “fazer do corpo uma riqueza” reforçando uma comunidade, o sinal de um poder local e nacional (VIGARELLO, 2012, p. 483).

Como forma de controle dessas doenças, algumas tecnologias corporais surgem, como a limpeza da pele, que começou a ser vista como algo que fortalecia o organismo e uma grande reação no uso de perfumes, pós, pomadas e outros utensílios que poderiam performar o corpo, aflorou-se. Logo, o “banhar-se” tornou-se mais ativo, relacionando diretamente, com a limpeza corporal e a ideia dos cuidados com o corpo. Com isso, roupas íntimas e a luz do “corpo modelo” também foram se

aflorando. Tudo isso na busca de uma representação de corpo erotizado e traçado em formas exatas (VIGARELLO, 2012).

No entanto, podemos concernir, que mesmo assim há de se haver um zelo corporal, sobretudo, com o corpo da mulher, que nas suas histórias de lutas, buscou-se na ocultação, através de vestes do seu corpo. Outro ponto importante que pode ter influenciado esses olhares minuciosos do corpo foi o desenvolvimento da fotografia, que a partir de 1839 acabou afetando, imediatamente, os hábitos visuais e artísticos e, sem sobras de dúvidas, a imagem sobreposta do corpo (VIGARELLO, 2012).

Observa-se com essas mudanças novas técnicas de cuidado, uma nova ideologia do se cuidar amparada nas descobertas da fisiologia e da anatomia. Essas novas técnicas encorajavam uma preocupação maior com a sobrevivência, nutriam uma incipiente preocupação com a preservação do meio ambiente e, obviamente, tinham como objetivo maior o prolongamento da vida – uma nova forma da sociedade com seus costumes e suas relações com o cosmo foi idealizada (VIGARELLO, 2012; TUCHERMAN, 1999). Assim, nasce uma, diria Tucherman (1999), “biopolítica da espécie” traduzida pela ideia higienista do corpo.

Neste período os manuais de boas maneiras passaram a ser recomendados com mais ênfases, como gestos convenientes a todos, sendo eles, portanto, obrigatório para o processo de civilidade social (RODRIGUES, 1999). Sobre essas questões, o mesmo autor afirma que:

Existe, pois, uma história de nossa higiene pessoal, muito mais recente do que de hábito se imagina. Somente aos poucos, muito aos poucos, é que se foi formando a ideia de que limpeza física constituísse também limpeza moral. O pensamento que associava sujeira pessoal e sujidade moral não nasceu socialmente antes do fim do século XVIII. A partir desse momento, contudo, os seres bem-apegoados, os homens limpos, banhados, penteados, os indivíduos atentos aos detalhes de seus corpos começaram, de modo cada vez mais intenso e sofisticado, a ser considerados também como pessoas confiáveis e aproximáveis, como gente com quem fosse possível fazer amizade, como seres a quem se pudessem abrir as portas, com quem fosse admissível partilhar refeições, casar, negociar...” (RODRIGUES, 1999, p. 168).

Posteriormente, meados no século XIX, já havia um aumento das exigências sanitárias, principalmente com a classe mais rica. A necessidade de toaletes, de tomar banho em temperaturas aquedadas para a pele, a atenção ao cheiro da pele; a ideia de que algumas doenças ocorriam devido a não limpeza do ambiente e do corpo (tratado como sujo); favoreceriam o surgimento e fortalecimento do período

higienista (VIGARELLO, 2012). Acerca desses processos, Vigarello (2012) diz que “o higienismo nascido de uma visão global do indivíduo, dá origem à saúde pública que integra o indivíduo um conjunto mais vasto, a sociedade, e dá a esta a prioridade sobre aquele” (VIGARELLO, 2012, p. 54).

Para Le Breton (2012), a relação entre condutas higiênicas e os saberes biomédicos constitui uma das marcas do pensamento moderno. Podemos perceber essa influência da medicina nos preceitos higiênicos nos trabalhos de Vigarello (2012, p. 54), que afirma que “o higienismo é apenas a consequência temporária de uma visão de um corpo integrado à cadeia das gerações”.

Presumimos, a partir de agora, uma nova empreitada do corpo, agarrada e interligada na formação do corpo que é reproduzido no Brasil. Neste intuito, discutiremos como estes períodos citados aqui influenciaram na cultura do corpo brasileiro e como é vivido/tratado o objeto corpo até os dias atuais.

1.5. CORPO DO/NO BRASIL

A partir daqui voltaremos no tempo, especificamente no século XV, e começaremos a narrar a história do corpo brasileiro, à qual também é forjada com momentos complexos onde os processos iniciais de ocupação/colonização fora de total influência para as formas de conceber e entender o objeto corpo atualmente. Salientamos que dificilmente trataremos de todo processo de construção do corpo brasileiro, mas buscaremos, nesta custosa labuta, construir um entendimento linear e reflexivo acerca da representação histórica do corpo no Brasil. Por isso, faz-se à necessidade de pontuarmos, inicialmente, momentos específicos que, de certa maneira, foram cruciais para as diferentes relações culturais que se conflitavam entre os diferentes povos.

Da ocupação estrangeira nas terras do Brasil até os dias atuais, a ideia do corpo do brasileiro veio sendo modificado e o que antes era normatizador, adequou-se a forma corporal que vivermos em sociedade nos dias atuais. Dito isto, em 1500, através da chegada dos portugueses no Brasil, a esquadra de Cabral se surpreendeu com a natureza belíssima que se tinha no país, mas um dos seus maiores estranhamentos era a descoberta do corpo brasileiro, ou seja, do corpo indígena (DEL PRIORI E AMANTINO, 2011).

Del Priori e Amantino (2011), descrevendo momentos da carta de Pero Vaz de Caminha, afirmam que “foram descritos como pardos que viviam nus, não possuíam nada que cobrisse suas vergonhas e não se sentiam encabulados com isso, pelo contrário: eram de grande inocência” (DEL PRIORI E AMANTINO, 2011, p.15). Ademais, outros relatos que demonstravam o quão eram exóticos os índios para os primeiros colonizadores do Brasil, afirmavam-se pelas descrições das diferentes formas dos cabelos, das pinturas ou marcas corporais; e dos objetos identitários que eles tinham (DEL PRIORI E AMANTINO, 2011). Percebe-se, portanto, a grande estranheza dos portugueses com o corpo dos indígenas, e isso nos faz compreender que o corpo brasileiro indígena se caracteriza, no geral, como uma sociedade comunitária tradicional, à qual possuía seus costumes, ritos e cresças.

Os portugueses, importante salientar, tomaram o Brasil com seus costumes específicos, mas a primazia do cristianismo trazida por eles foi uma das principais raízes que se ramificou e “em nome de Deus” a ideia da igreja e a crença ao divino foram arrebatando o inicial corpo brasileiro. Afirmando esta questão, Del Priori e Amantino (2011, p.17) dizem que:

A preocupação com o corpo do índio e com seu controle será item importante do processo de cristianização e, conseqüentemente, das formas encontradas para a colonização do Novo Mundo. As imagens idílicas a respeito dos nativos também podem ser verificadas nos primeiros relatos dos jesuítas que vieram, de acordo com sua afirmação, realizar a salvação daquelas almas (DEL PRIORI E AMANTINO, 2011, p.17).

Trazendo esse debate, o construto colonizador dos portugueses, enraizado pela visão da forma da vida indígena, tornou-se, ontologicamente, a disposição sobre o agir/diluir a identidade do corpo do índio, a fim de moldá-lo à maneira dos portugueses. A ideia do exótico, da grande inocência indígena, e da forma de manipular o corpo consagraram as primeiras problematizações na percepção da construção do corpo no Brasil. Durante muito tempo os colonizadores buscaram controlar e catequisar os índios, no intuito de enquadrá-los aos seus gostos e costumes, mas muitos deles refutaram em mudar suas crenças e formas de viver, motivos de intensificação nas lutas e mortes, principalmente indígenas, que existiram durante o período colonial (DEL PRIORI E AMANTINO, 2011).

Essas lutas de controle do território brasileiro, percebemos que havia fortemente uma grande guerra centralizada, a do controle corporal, onde partia

segundo os colonos, “de um corpo puro, sem pecado (europeus)” a um “selvagem, inocente e pecador (índios)” (DEL PRIORI E AMANTINO, 2011). No fim, acreditavam-se que faltavam aos índios uma cultura evoluída e por isso havia as tentativas de “docilidade dos seus corpos”.

O que podemos dialogar acerca dessa problemática em relação a “docilidade dos corpos indígenas” era que existia uma “escala de controle” que se afirmava através de um processo de coerção e coação, às quais se faziam, em grosso modo, uma subjugação, catequização religiosa e o uso do poder para verticalizar as relações socioculturais (FOUCAULT, 2014). Essas representações do Brasil, vale endossar, (religiosas, do corpo nu, de um país tropical) são presentes até os dias atuais, na concepção dos estrangeiros e, também, dos próprios brasileiros – e isto é bastante reforçado pelas imagens do corpo *seminus* nas praias, no carnaval, nas diversas mídias, entre outros (GOLDENBERG, 2011).

Com o início do processo de escravidão no Brasil, que durou quase quatro séculos, os índios foram os primeiros a ser escravizados. Durante algum tempo alguns indígenas relutaram a se entregar, mas foram vencidos, ou pela força da igreja ou pelas lutas com os colonizadores. Posteriormente, os africanos que foram trazidos para o Novo Mundo nos navios negreiros também foram usados no processo escravocrata e a descrição dos corpos, do que se usa ou sobre e como usá-los despertou muito mais interesses (DEL PRIORI E AMANTINO, 2011).

Todavia, é importante falarmos que em comparação ao corpo do negro e do índio no que tange os primeiros olhares no Brasil, à luz dos colonizadores, era que os negros africanos passavam por defeituosos, sem fé e demoníacos, e já os índios, com sua inocência nativa a imagem retratada era de natureza e maravilha (DEL PRIORI E AMANTINO, 2011). Vale salientar que o processo escravocrata não se eximiu de nenhum dos dois, ambos sofreram durante muito tempo com seus corpos escravizados.

A ideia da escravidão veio muito ligada com a questão das raças e a suposição eloquente de uma raça superior a outra (DEL PRIORI E AMANTINO, 2011). Neste sentido houve a concepção das misturas raciais, a fim de moldar suas etnias e cores, em busca de uma “raça mais pura”, ou seja, a mais branca possível (DEL PRIORI E AMANTINO, 2011). Neste embate Del Priori e Amantino (2011) confirmam que:

A cor da pele, foi, talvez, a marca mais visível e a mais usada para identificar ou classificar a população, que, aliás, a partir de então conheceu ritmos frenéticos de crescimento, seja provocado pela entrada maciça de gente vinda de várias outras partes do mundo, seja pelos nascimentos internos, fenômenos igualmente vertiginosos (DEL PRIORI E AMANTINO, 2011, p.84).

Os efeitos da escravidão foram ainda mais perversos para as mulheres indígenas e negras. O corpo dessas mulheres foi constantemente molestado e usado de várias formas e jeitos durante todo processo escravocrata. O corpo negro feminino, principalmente, era fardado a: “negra para trabalhar e mulata para f..”, atestando a imagem depreciativa da mulher (DEL PRIORI E AMANTINO, 2011; FREYRE, 1986). Dito isto, tirando como exemplo essa preposição do corpo feminino nos programas de TV, podemos perceber que as novelas da Rede Globo com a atriz Vera Fischer, nos seus tempos de dramaturgia, foi exemplo de mulher a ser seguida, tendo em vista que ela era alta, loira, com o corpo menos arredondado e cabelos liso (GOLDENGERG, 2011). Já o corpo negro feminino, percebemos que fora referência da mulher carnavalesca, aquela que com suas curvas e seu corpo exposto se destacou através da mesma emissora de TV (GOLDENGERG, 2011). Se paramos para refletir aqui temos uma simples demonstração de duas mulheres brasileiras, uma que ganhou notoriedade pela sua atuação em grandes novelas de uma gigante empresa de televisão e a outra que durante muito tempo, para mostrar a mesma notoriedade, tinha que sambar e desfilar seu corpo seminua para muito. “Viva à Globeleza”. Percebamos que a conjuntura do corpo mestiço no “Novo Mundo” teve aspectos bem diretos e acaba inaugurando uma lógica de estética corporal e de uma nova perspectiva social.

A história do corpo no Brasil segue com suas vicissitudes, modulando-se e adequando com o resto do mundo. As representações e as características do corpo brasileiro se formaram no exterior do país, tanto de um corpo que o colonizou ou do mesmo corpo que o obrigou. A simbologia do corpo no Brasil passou por mudanças idênticas que já foram escritas aqui. Exemplificando isto a associação entre gordura com riqueza e magreza com pobreza era muito forte. A fartura era bem-vista e a luxúria preferia corpos arredondados e ricos em curvas, já a desnutrição e a fome por muito tempo assolavam o país e ameaçavam a vida de muitos brasileiros (SANT’ANNA, 2016).

A disseminação da erotização corporal que na sociedade brasileira virou um grande mito, principalmente devido à herança da Idade Média e o corpo que não era exposto, começou-se a se manifestar (SANT'ANNA, 2016). Um exemplo disso foi o primeiro jornal do Brasil, adjetivado como “Rio Nu, criando no Rio de Janeiro, fazendo sua primeira publicação em maio de 1898, apresentando um erotismo peculiar que jamais tinha se visto, trazendo-lhe uma visão afiada de sedução e de curvas corporais, principalmente do corpo das mulheres (SANT'ANNA, 2016). Durante todo este processo, os brasileiros começaram a descobrir o contentamento de frequentar praias, perdendo o medo da exposição e, conseqüentemente, “belezas diferentes começaram a se desvelar”, produzindo, podemos dizer, portanto, uma eloquente glorificação e excitação ao corpo, com ênfase na sua aparição pública e na estética, trazendo do que antes era escondido e não explorado.

Com o passar dos anos a ciência da Nutrição e da Atividade Física ganharam importância no Brasil. Logo, foi necessário aprender a comer e educar as vontades e os hábitos em prol de um certo equilíbrio (SANT'ANNA, 2016). Com isso, a ideia dos corpos gordos e muito magros começou, literalmente, a cair por terra e a obesidade deixou de ser formosura, tornando-se um grande problema de saúde, como, também, a magreza extrema acabou sendo considerada como uma doença (SANT'ANNA, 2016). Outrossim, malhar o corpo no Brasil tornou uma grande atração nos anos de 1980, mas foi a partir de 1970 que o terreno foi preparado, com diversas campanhas voltadas aos exercícios físicos e a saúde biológica (SANT'ANNA, 2016).

Essa premissa foi fortemente herdada pelos norte-americanos, iniciada nos Estados Unidos com a ideia do corpo *fitness*⁹, tomando forte proporções e fazendo com que seu legado fosse disseminado para todo mundo (LANDA, 2009). No Brasil, até hoje vimos a concepção do corpo *fitness* se aflorar e a junção da grande dimensão do “culto ao corpo” e o hiperconsumo da sociedade, tornando-se um agregador de mercado e diversos serviços foram incorporados a sua indústria (GOELLNER, 2012). Discutiremos nos capítulos subsequentes mais abrangente essa ideia do “culto ao corpo”. Percebamos que foi construído uma indústria

⁹ O conceito de *fitness* conforme (BASTOS, W et al., 2013) evoca a adaptação a um modelo estético/moral, que se manifesta no compromisso com os exercícios físicos, as dietas alimentares, as alterações de corpos por meio de intervenções, o consumo de produtos que prometem otimizar o metabolismo humano e o biologicismo da existência.

mercadológica corporal fazendo referência, simbolicamente, a uma boa aptidão física e uma melhor saúde, porém, em um sentido muito amplo e estritamente complexo, os quais são designados não apenas a uma capacidade orgânica, mas a uma adesão, uma ideia, um estilo, um jeito de ser e de comportar (GOELLNER, 2012).

Postulamos a falar que outro ponto importante para a emancipação do esteticismo do corpo é o uso demasiado das mídias sociais, onde sua representação em “seguidores” e “curtidas” produzem certos adeptos e formam um “padrão de corpo” a ser desejado e seguido. Com isso, essa estética do corpo aceito pelo rito social tomou forma incomensurável e inúmeras facetas fazem desta primazia a chave da aceitação corporal.

Este “padrão corporal”, também ousamos falar é a forma que dada sociedade se imita. Como bem traz Marcel Mauss (1974), que é por meio da “imitação prestigiosa” que os indivíduos acabam construindo seus corpos, formando reprodutores que viabilizam um certo tipo de padrão a ser vivido. Essa “imitação prestigiosa” se olharmos atentamente é fortemente mostrada por redes *online* (ou redes sociais na *internet*) constituídas por aplicativos que se conectam e possibilitam um certo “prestígio social”. Além disso, essas redes *online* se usadas demasiadamente inferimos que acabam rotulando certas objetivações e faz com que seus usuários percorram diversos caminhos em busca de um ser inalcançável.

O uso dessas redes de *internet* no Brasil é muito forte, porquanto dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2018 trouxe que cerca de 120 milhões de Brasileiros usam a Internet. Isto na pandemia, provavelmente, intensificou-se muito mais. Outra importante informação é que o mercado estético brasileiro é um dos maiores do mundo, movimentando bilhões de reais, mesmo na pandemia que estamos vivendo, segundo reportagem do Portal Terra - 2021. Acerca das cirurgias plásticas, o Brasil bate recorde, sendo o país que mais faz cirurgias plásticas no mundo, cerca de 1,5 milhões por ano, segundo a Sociedade Internacional de Cirurgia Plástica e Estética (ISAPS). Para Le Breton (2013) as cirurgias estéticas fazem do corpo uma maleabilidade, que se modifica o “objeto errado”, moldando o sujeito a mudar seu sentimento de identidade e que se busca modificar a aparência de quem não está doente. No fim, procura-se uma reviravolta em relação ao mundo.

Com todo este “avanço” no olhar do corpo estético brasileiro, com seus marcadores específicos, percebemos que adesão à ideia do corpo modificado, esculpido e externado se aflorou. A magreza musculosa e erótica, a concepção do ser humano forte malhado e a busca da silhueta perfeita desencadearam um conceito ou até mesmo, um modo de representar o corpo brasileiro, os quais propiciam um investimento árduo em exercícios e variados tipos de práticas corporais, alinhados às rigorosas dietas e, por muitas vezes, numerosas cirurgias plásticas.

Por fim, o corpo no Brasil acaba sendo um corpo que herda certas características, desde o período colonizador das tomadas das terras indígenas brasileiras. Concordamos com Sant’anna (2016, p. 178) quando ela fala que que toda essa árdua busca e transformações corporais são “[...] nada além de um espetacular adensamento da consciência corporal contemporânea, cuja ironia trágica é fazer crer que dela depende toda nossa saúde e liberdade”. Ademais, reforçamos este diálogo com (GOLDENBERG, 2011) quando ela argumenta que é importante reconhecer que não é possível generalizar a ideia de que “o corpo” é um importante valor na cultura brasileira como um todo”, ou seja, para ela há certos grupos (elite econômica, intelectual, política e cultural no Brasil) que possuem o poder material e simbólico para construir e reproduzir o corpo capital que é legitimado como hegemônicos.

CAPÍTULO 2

ACADEMIAS DE MUSCULAÇÃO E TÉCNICAS CORPORAIS

A ideia de uma academia veio da origem grega, da palavra que se relacionava a um local de práticas e transações filosóficas, que Platão nos anos 378 a.C. fundou a sua academia, assim denominada em homenagem ao herói ateniense *Academos* (VIGARELLO, 2012). No tocante ao seguimento físico, entre os anos de 1800, na França, ligadas ao exercício e as indústrias, motivados por buscarem uma melhor postura e performance nesses ambientes, criaram-se um aparelho com polias, puxadas por um sujeito e instalado sobre um plano inclinável (VIGARELLO, 2012). Não demorou muito que essa forma de técnica corporal chegasse ao Brasil.

Para Maguire (2007) o surgimento das academias de musculação tradicionais que conhecemos no Brasil aconteceu nos Estados Unidos, denominadas de *health clubs*. Estes clubes de saúde começaram a ser utilizados por espaços privados e com acesso restrito à população, que aos poucos foi ampliando seus leques e a estrutura que se assemelha com as academias de hoje (aparelhos, pesos, modalidades de práticas corporais etc) foi se formando (MAGUIRE, 2007). Atualmente, o Brasil é um dos países que mais possuem academias de musculação e o seu mercado financeiro só vem crescendo cada vez mais. Sabemos que as academias de musculação ou ginástica oferecem aos indivíduos que a procuram variados meios para construção corporal e uma criação da imagem ou da saúde.

Conforme definição de Sabino (2004):

As academias, com suas indicações de substâncias químicas – suplementos alimentares e esteroides anabolizantes –, seu conjunto de máquinas, cada vez mais desenvolvidas e informatizadas, operam como uma espécie de fábrica do corpo. Há nestas instituições disciplinares uma verdadeira linha de montagem da forma, na qual o indivíduo é acoplado às máquinas e levado a experimentar todo tipo de inovações químicas para moldar sua massa muscular (Sabino, 2004, p. 251).

Podemos dizer que ela proporciona ao praticante de exercícios mecanismos que lhe permitem exercer um domínio do seu corpo, não somente no âmbito da academia, mas, também, fora dela. Reforçando isto, uma interlocutora dessa pesquisa, que chamaremos de Lai, mulher, autodeclarada branca, 30 anos, diz: “as pessoas que conseguem mudar o corpo podem mudar qualquer outra coisa da vida que quiserem”. Essa narrativa guarda uma nítida relação com as ideias de que

“mudando o corpo, pretende-se mudar a sua vida” (LE BRETON, 2013, p. 22), ou seja, que existe uma relação direta entre a forma corporal e os projetos de vida.

Os motivos para buscarem uma academia de musculação no intuito de fazerem seus treinamentos ou práticas corporais podem ser inúmeros e arriscamos afirmar que esses motivos estão interligados, na maioria das vezes, com o corpo, a estética e a saúde. Logo, podemos dizer que saúde (mesmo que simbólica) e estética são os principais motivadores para os frequentadores(as) das academias de musculação (CASTRO, 2001).

Segundo Zanetti *et al* (2007), os principais motivos apresentados pelos usuários de uma academia em São Paulo com as práticas de atividades físicas envolveram, primeiramente, o cuidado com a estética, seguida pela: saúde, bem-estar, condicionamento físico, prazer e qualidade de vida. Na academia EspaçoFit, (Figura 1), vemos em sua divulgação através da rede social que ir para academia e fazer seu treino revela essa relação intrínseca e aparentemente necessária em melhorar a vida. Eu como nativo na área e no campo, por muitas vezes, já ouvi esta relação ser expressada através de sentenças como: “treino é vida”, “dieta é vida” “esporte é vida” etc. Essas comparações, ouço dizer, são muito extremas – pois não se deposita sua vida em algo único ou simples – principalmente devido às diversas complexidades e questões que a vida nos possibilita. Isto é nada mais que um fetiche utópico feito pela façanha dos extremos (GOELLNER, 2012; SABINO, 2004).

Figura 1 - Imagem da Rede Social da Academia EspaçoFit



Fonte: Página da Academia EspaçoFit no Instagram

<https://instagram.com/academiaespacofit?igshid=YmMyMTA2M2Y>

Considerando essas questões, perguntamos aos/às interlocutores(as) dessa academia qual ou quais seriam os motivos da busca por uma academia de musculação. Suas respostas perpassaram por duas relações: estética e saúde ou os dois juntos. Os exemplos foram muitos. Uma interlocutora, mulher, autodeclarada parda, 38 anos de idade, que chamaremos de “SAFI”, disse o seguinte acerca dos motivos para ir à academia: “Estética e saúde, pois incomodava muito com o meu corpo. Era muito magrinha. Eu vi que através da atividade física¹⁰ poderia melhorar minha aparência corporal”.

Outra importante questão a se reforçar e que foi percebido nas entrevistas, no geral, é que com o passar do tempo esses motivos de estarem nas academias de musculação acabam “mudando”, mas não saem da relação direta entre saúde e estética. Ou seja, mudam-se as ordens apenas. Isto acaba nos fazendo refletir que atualmente os objetivos com o corpo não saem deste tripé (corpo, saúde e estética). Trazendo outra interlocutora da pesquisa, assídua e frequentadora antiga desta academia, praticante de musculação há mais de 10 anos, que chamaremos de “Ré”, mulher, autodeclarada parda, 33 anos de idade, disse que o principal motivo de

¹⁰ Atividade física aqui neste sentido se trata de movimentar seu corpo na academia, ou seja, fazer treinamento de musculação ou de força como também é conhecido.

entrada e procura de uma academia de musculação foi “o motivo de saúde, pois sua mãe tinha alguns problemas e ela não queria ficar igual a mãe”, mas atualmente ela reforçou que: “fiquei apaixonada pelo estilo de vida¹¹ e minha prioridade é a musculação à qual não fico sem”.

Sobre esse “estilo de vida” vemos que na Figura 2 a Academia EspaçoFit fortalece e enaltece essa relação da prática dos treinamentos com a de estilo de vida, combinado a ideia de saúde. Na figura abaixo, a noção de estilo de vida se contrapõe a ideia de tendência, reforçando um imaginário do “ser saudável” antes como resultado de uma forma de viver do que algo transitório e esporádico. Perceber o “saudável” como um estilo de vida implica reconhecer as academias como elementos indispensáveis na construção da saúde.

Figura 2 - Imagem da Rede Social da Academia EspaçoFit



Fonte: Página da Academia EspaçoFit no Instagram

<https://instagram.com/academiaespacofit?igshid=YmMyMTA2M2Y>

¹¹ A ideia do estilo de vida, podemos afirmar, vincula-se a noção de *habitus*, pois gostos e a propensão de determinadas práticas do corpo se classificam de uma forma generativa criando uma *ethos* particular, ou seja, um lugar e um jeito de vivenciar sua vida (BOUDIEU, 1983; CASTRO, 2001).

As academias de ginásticas ou de musculação, portanto, em última análise, enquanto um estabelecimento comercial, possui um nicho de mercado para qual vendem um produto. Este mercado engloba, para além de aparelhos e exercícios um conjunto de redes que interligam o mundo das academias, tais como: *personais trainers* (professores de educação física que fazem o atendimento individual com o aluno), suplementos alimentares, alimentos com o cunho nutricional, fármacos ou esteroides anabolizantes etc. Percebemos, também, que ela enquanto estrutura e campo de sociabilidade projetam diversos capitais, os quais fazem do ser humano um praticante assíduo e fiel, que muitas das vezes se espelha nas mudanças que este campo propõe para refletir em sua vida.

3.1. EXERCÍCIO FÍSICO

Desde a Grécia Antiga, muitos pensadores já retrataram as relações entre os exercícios físicos e os humores corporais (elementos importantes para manutenção da saúde). Hipócrates e Galeno diziam que “o movimento físico ajuda a evacuar o corpo, ele agita as partes, contrai os órgãos, expulsa os humores cuja estagnação poderia preocupar”. Ademais, diversas citações falavam que o exercício físico faz o calor crescer e aumentar a fricção das diferentes partes (VIGARELLO, 2012). Movimentar-se através dos exercícios físicos era uma virtude primordial da época, onde acreditavam-se que os exercícios já possibilitavam certos equilíbrios entre os humores do corpo.

A partir do século XVIII se estabeleceu o descobrimento das fibras musculares, da força, a importância da postura e dos movimentos corretivos, sendo eles já sistematizados por alguns pensadores naquela época (VIGARELLO, 2012). Com os humores corporais saindo de cena, a imponência das fibras e do tônus muscular, sua força e elasticidade, das diferentes funções dos órgãos, solidificaram-se as qualidades e os olhares do exercício físico e se fixaram na estrutura anatomofisiológica do corpo com seus treinamentos (VIGARELLO, 2012). Para Vigarello (2012):

Tudo muda com essa inversão: o corpo se torna ativo não mais arcabouço passivo, o músculo pela primeira vez age diretamente sobre as morfologias. Daí o papel atribuído a uma dinâmica ainda obscura do corpo. O exercício recebe uma eficácia que não tinha: não é mais uma simples depuração dos humores, nem uma tensão confusa dos músculos ou um simples endurecimento, mas é o movimento corretivo e anatomicamente orientado.

O corpo se corrige exercitando-se: ele “reorganiza” pela primeira vez sua morfologia (VIGARELLO, 2012, p. 384).

A ideia dos exercícios físicos com conjugação do corpo já vem de muito tempo. Buscam-se sempre novas técnicas para fazê-los, mas sua fórmula de trabalhar o corpo ainda é a mesma de sempre. Dito isto, podemos afirmar que os exercícios físicos e os treinamentos perpassam por uma “escala de controle” conceituada por Foucault (2014) como uma forma de trabalhar o corpo detalhadamente, de exercer sobre ele uma coerção sem folga, tendo, assim, um grande poder do corpo ativo. Essa “escala de controle no poder¹² do corpo ativo” se apresenta na fala de uma das interlocutoras desse trabalho. “Silva”, autodeclarada parda, 23 anos, disse que: “não vejo o exercício como sacrifício, mas vejo como ‘válvula de escape’. Sem treinar minha autoestima cai 90%. Treinar a mente e corpo é algo essencial”. Observamos aqui uma coerção sem folga entre o corpo dela e o exercício. Ficar sem essa “escala de controle” implica em uma queda de sua autoestima. Por outro lado, observamos outras respostas de interlocutores(as) quando perguntamos sobre a sensação de exercitar o corpo e suas respostas foram bem semelhantes, tais como: “minha prioridade diária é fazer exercícios físicos”; “exercitar o corpo é vida” entre outras.

Dá para perceber que esses/as entrevistados(as) fazem do seu corpo aquilo que Le Breton (2013) chamou de “acessório/suporte”, considerado como uma bula, kit e lixo, sendo um objeto imperfeito que deve ser corrigido através desses exercícios físicos e quando essas práticas corporais não são exercidas a essencialidade de viver muda os sentidos. Ainda, a partir dessas práticas de exercícios o corpo busca simbolizar o lugar que está errado, ou do rascunho a ser corrigido a fim de moldá-lo a uma certa imagem que, permanentemente, é um imaginário da sociedade (LE BRETON, 2016).

Outro importante ponto entre os exercícios e o corpo foi acentuado por um dos entrevistados, professor de educação física dessa academia, o qual chamaremos de “Rô”, autodeclarado negro, 30 anos, que já faz exercícios físicos há

¹² O estudo desta microfísica supõe que o poder exercido não seja concebido como uma propriedade, mas como uma estratégia, que seus efeitos de dominação não sejam atribuídos a uma ‘apropriação’, mas a disposições, a manobras, a táticas, a técnicas, a funcionamentos; que se desvende nele antes uma rede de relações sempre tensas, sempre em atividade, que um privilégio que se pudesse deter; que lhe seja dado como modelo antes a batalha perpétua que o contrato que faz uma cessão ou a conquista que se apodera de um domínio. (FOUCAULT, 2011, p. 29).

mais de 10 anos. Sua posição nesta entrevista e neste contexto, vale ressaltar, não é alegórico, pois com certa desenvoltura ele exerce neste campo social (academia de musculação) um “poder disciplinar”, diria Foucault (2012), através de instrumentos simples, tais como: “o olhar hierárquico” (findado na vigilância que ele observa os movimentos), as “sanções que normaliza os indivíduos” (através das práticas de exercícios físicos que ele propõe) e a combinação num procedimento que é específico “o exame” (que aqui é a avaliação nas diversas formas do treinamento).

Ademais, sua explicação/resposta sobre a relação entre os exercícios físicos e o corpo deixa transparecer um tipo de compreensão anatomofisiologia que organiza sentidos sobre o treinamento físico e a melhoria da saúde. Para ele, “exercitar o corpo é exercitar a mente e na melhora de diversos benefícios fisiológicos para com o corpo, tais como: controle da pressão arterial, controle de diabetes, diminuição do colesterol total entre outras”. Sua fala reflete muito da concepção sistêmica biomedicina trazida pelas análises de Sabino (2004, p. 254) sobre a prática de musculação. Para esse autor, “a prática da musculação está diretamente radicada na concepção sistêmica da biomedicina, principalmente no sistema musculoesquelético” (SABINO, 2004, p. 254). É possível perceber que em função da grande influência da anatomofisiologia em sua formação, “Rô” acaba sendo preso a esta ciência, não nos soa estranho seus direcionamos e reflexões acerca da temática. Corroborando com essa discussão, na Figura 3, que é uma postagem da academia, é possível perceber o quão esta concepção de corpo que treina se articula a ideia de prevenção de doenças.

Figura 3 - Imagem da Rede Social da Academia EspaçoFit



Fonte: Página da Academia EspaçoFit no Instagram

<https://instagram.com/academiaespacofit?igshid=YmMyMTA2M2Y>

Por outro ângulo, os benefícios dos exercícios com o corpo no tratamento e controle das doenças que se descobriam ao longo da sociedade e que se têm uma imbricada relação com as diversas práticas corporais e os exercícios físicos, às quais são denominadas pela ciência médica como doenças crônicas não transmissíveis¹³, também não nos soa estranho, mormente pela ideia mecanicista, higienista e biomédica atrelada aos exercícios. No que tange a fala de “Rô” acerca da grande relação histórica nas diversas dicotomias criadas no “avançar social” entre corpo e mente, também, não é de se estranhar, pois, como já tratamos no capítulo anterior, separar o corpo sempre foi uma característica da humanidade.

A relação entre exercícios físicos e corpo também é tencionada por diferenças de gênero. Se hoje os homens buscam o corpo sarado, traçado e musculoso (em busca do aperfeiçoamento), as mulheres também almejam essas mesmas características, mas parece ser através de caminhos diferentes. Percebemos que as mulheres, pelo olhar da biologia, sempre concebidas como mais fracas quando

¹³ As (DCNT) são doenças que não são passadas como um vírus, mas adquiridas ao longo da vida. Exemplos destas doenças: obesidade, diabetes melito, hipertensão arterial, doença renal crônica, doença hepática crônica, cânceres e doença cardiovascular etc.

comparadas aos homens no que tange à força muscular. As mulheres reivindicam o direito à força, enquanto os homens buscam sua melhor performance (LE BRETON, 2016). Podemos dizer que a mulher era, para alguns, de uma ideia sexual e hoje se afirmam como uma detentora da força ou, também, da mulher musculosa. Para entendemos melhor esta questão, a maioria dos interlocutores(as) desta pesquisa é mulher (sete mulheres) e, no geral, nas suas repostas e reflexões percebemos a busca por uma certa força e aceitação.

A fala de Carla ilustra bem essas questões. Praticante de musculação apenas nestes anos pandêmicos, Carla, autodeclarada parda, 38 anos, disse que fazer exercícios “me faz sentir mais pré-disposta e mais forte”. Correlacionado com esta fala de Carla, a Figura 4 nos possibilita mostrar também esta questão:

Figura 4 - Imagem da Rede Social da Academia EspaçoFit



Fonte: Página da Academia EspaçoFit no Instagram

<https://instagram.com/academiaespacofit?igshid=YmMyMTA2M2Y>

Olhando para esta figura refletimos acerca da interrogação/resposta: “Quer mudar o seu corpo? Coloca ele em movimento!”. A imagem permite inferir que o corpo da mulher e a sua busca por força está relacionado a outros sentidos. Essa mudança do corpo que é impetrada e atrelada ao movimento na figura evoca a ideia

de que as mulheres podem adquirir com os exercícios outros capitais, além do capital físico que é incorporado neste campo. Essa ideia da força com o corpo e os exercícios, dialogando com Goldenberg (2011), transforma-se em símbolo que consagra e traz em evidência as diferenças entre marcadores sociais. Assim sendo, a busca por esta “força” pode não ser apenas sobre a força meramente biológica dos ossos e músculos, mas uma força que perpassa o campo das academias de musculação, ou seja, uma força contra as desigualdades constituídas através das diferenças de gênero.

Por fim, outra questão recorrente no conjunto das entrevistas está relacionada ao fazer exercícios físicos no período pandêmico. Muitas opiniões divergentes surgiram quando se falou da possibilidade de fazer exercícios físicos numa pandemia, ou sendo mais específico, num ambiente fechado com diversas aproximações sociais e trocas de fluidos corporais (Imagem 5 transcreve isto). Durante um longo tempo, muitas academias de musculação fecharam suas portas e muitas pessoas pararam de fazer suas práticas nesses ambientes. A partir das entrevistas foi possível observar essas diferentes concepções expressas em pares dicotômicos os quais chamaremos aqui de “custo/benefício” e “medo/vontade”. Essas dicotomias eram tematizadas a todo instante, tanto nos meios de comunicação quanto na “boca do povo” durante o período do COVID-19 e, obviamente, não seria diferente ouvir nas entrevistas em campo e nas postagens da academia.

Figura 5 - Imagem da Rede Social da Academia EspaçoFit



Fonte: Página da Academia Espaço*fit* no Instagram

<https://instagram.com/academiaespacofit?igshid=YmMyMTA2M2Y>

Um exemplo da relação dicotômica “custo/benefício” se relaciona ao fato das academias de musculação estarem fechadas e as pessoas não poderem fazer seus exercícios físicos, enquanto as mídias, empresários e toda uma rede que se beneficia dessas práticas queriam a todo custo a reabertura das academias de musculação, ou seja, pessoas que se usam desta rede das academias para diversos fins. Do outro lado, o custo do medo de se expor num ambiente fechado e que, conseqüentemente, a disseminação do vírus poderia acontecer.

Aqui se expressa também uma relação de “medo/vontade” ocasionadas pelo medo de se infectar e a vontade de estar dentro da academia fazendo seus exercícios físicos. Tendo em vista essa discussão, entrevistamos um praticante de musculação que é nutricionista que identificaremos como “Nutri”, autodeclarado branco, 33 anos, quando foi perguntado se ele tem medo de fazer exercícios físicos numa academia durante a pandemia, ele afirma o seguinte:

“Não tenho medo. A gente fica um pouco receoso se a gente tem contato com idoso em casa, mas o fato de vim para academia com minha garrafa de água, com a máscara, com álcool, treinando de forma isolada das pessoas, sem revessar aparelhos, eu me sentia muito seguro”.

Inquietado com essas relações percebemos que ir para academia e fazer seus exercícios físicos se deu por uma vontade maior. Ainda assim, na sua fala, observamos que a ideia de portar tecnologias sanitárias (máscaras, álcool etc,”) e de

uma proteção que gritava por muitos (isolamento social), mesmo num lugar que para nós se faz impossível se isolar, acabou sendo uma estratégia de resposta para não deixar de praticar seus treinamentos. Parece-nos que o corpo dele gritava: “vai que nada nos afetará”. No fim, Nutri ainda disse que: “sua motivação de ir para academia é para promover saúde e melhorar seus exames bioquímicos e que sua percepção de malhar na pandemia era para se ter uma melhora da imunidade”. Esta discussão entre imunidade e corpo apareceu com força no conjunto das entrevistas e material de divulgação da academia com a qual trabalhei, deixaremos para esmiuçar essa questão no próximo capítulo.

3.2. A CULTIVAÇÃO DOS CORPOS

A relação entre corpo e estética vem desde a antiguidade. A história do corpo nos mostra que o corpo forte, malhado, bonito, sarado tem um lugar privilegiado na sociedade. A busca do aperfeiçoamento do corpo, através de diversas práticas estéticas ressurte na exploração de si, ou seja, adentrar-se e usar as ferramentas e tecnologias de instrumentalização do corpo, fazendo-lhe necessário, portanto, para uma certa ascensão e aceitação social, juntamente com o consumismo¹⁴ da população, conectados ao exagero da busca pelo corpo perfeito (LE BRETON, 2016; SUEITTI, 2016).

Esse corpo perfeito implica em uma cultura dos corpos, à qual foi se fortalecendo com o tempo. O culto do corpo na contemporaneidade está intimamente relacionado com o consumo e o progresso científico e tecnológico, trazendo com ele novas formas de manutenção e modificação do corpo humano (GOELLNER (2012). Além disso, essa cultura do corpo mostra que determinados grupos sociais possuem um estilo de vida comum e que eles acabam construindo certas identidades que comungam hábitos, gostos e preferências, ou seja, um universo que compartilha os mesmos códigos culturais (CASTRO, 2001).

¹⁴ “De maneira distinta do *consumo*, que é basicamente uma característica e uma ocupação dos seres humanos como indivíduos, o *consumismo* é um atributo da *sociedade*. Para que uma sociedade adquira esse atributo, a capacidade profundamente individual de querer, desejar e almejar deve ser, tal como a capacidade de trabalho na sociedade de produtores, destacada (“alienada”) dos indivíduos e reciclada/reificada numa força externa que coloca a “sociedade de consumidores” em movimento e a mantém em curso como uma forma específica de convívio humano, enquanto ao mesmo tempo estabelece parâmetros específicos para as estratégias individuais de vida que são eficazes e manipula as probabilidades de escolha e conduta individuais” (BAUMAM, 2008, P. 41).

A mídia e a indústria da beleza são aspectos estruturantes da prática do culto ao corpo. A primeira, por mediar a temática, mantendo-se sempre presente na vida cotidiana, levando ao leitor às últimas novidades e descobertas tecnológicas e científicas, ditando e incorporando tendências. A segunda, por garantir a materialidade da tendência do comportamento, que – como todo traço comportamental e/ou simbólico no mundo contemporâneo – só pode existir, se contar com um universo de objetos e produtos consumíveis (CASTRO, 2001, p. 152).

Castro (2001), dialogando com Mauss (1984), diz que o fazer tecnicista impacta muito na relação dos indivíduos com seus corpos, pois esculpir seus corpos através das técnicas dos exercícios físicos faz com que cada um se sinta o mais próximo possível de um padrão de beleza estabelecido globalmente. Para Goellner (2012) as academias de musculação, juntamente com seu nicho que as cercam – medicamentos, dietas, cirurgias estéticas etc – só existem pela necessidade humana de moldar seus corpos em prol de uma certa performance. Já Le Breton (2013, p. 44) afirma que “a sala de musculação” é muitas das vezes comparada com uma câmara de tortura, que quanto mais se sofre os músculos se desenvolvem e são valorizados”. Concordamos com Le Breton (2012) quando ele afirma que a preocupação social com o corpo tornou um imaginário luxuriante que invadiu a sociedade, e que dificilmente alguma região sai ilesa das reivindicações da condição corporal.

Durante as entrevistas a relação com corpo e a estética se fez muito forte, mesmo no momento onde se olha mais para a proteção contra um vírus devastador. Guga, autodeclarado negro, com 21 anos de idade, disse o seguinte a respeito do tema: “que as mudanças estéticas melhoraram sua vida, principalmente o se sentir melhor. Ademais, Dona, autodeclarada parda, 55 anos, praticante de musculação há 20 anos, também disse o seguinte: “para mim isso aqui é tudo, pois não tenho idade de ser “*panicat*”, mas quero ser “*coroacat*”. Estes adjetivos nos mostram (*panicat/coroacat*) que seu desejo está atrelado a ter um corpo de uma jovem, esculpido, malhado e treinado, pois a sua referência como “*panicat*” nos faz lembrar de garotas de um certo programa de televisão que se exibiam com roupas íntimas, revelando seus corpos com suas curvas corporais. A ideia de *coroacat* evoca uma resignificação da *panicat* através das diferentes estratégias que Dona lança mão para manter o corpo estético e bem-visto, mesmo reconhecendo que não é mais uma jovem. Ao que parece, essa interlocutora busca dissociar as formas corporais

da ideia de juventude, reivindicando para si um lugar social dentro dos jogos de corpo.

O conjunto das entrevistas deixa transparecer uma nítida relação entre os discursos sobre a saúde marcados pela ideia de estética. Por exemplo, os/as interlocutores/as na sua maioria, falam e fortalecem a importância da busca de uma certa saúde, mas o que vemos no decorrer dos diálogos é a objetificação de uma cultivação corporal formada através do viés estético. Confirmando esta inquietação, Nutri fala que “a gente malha para melhorar a saúde, mas quer ver o corpo desenvolver”. Na mesma fala ele diz “já tive vários benefícios, mas minha estética está sempre no padrão que eu gosto e meus exames também”. Dona já disse que “tinha que vim malhar para tirar o estresse” e Guga disse que “se não treinar, um dia pode se sentir mal”. Ambos fortalecem, também, uma ideia de saúde, mas como percebemos nos seus diálogos anteriores, a uma busca central nos seus objetivos: a cultivação do corpo.

Já com relação a perda de peso corporal, que é um dos grandes motivos e objetivos dos praticantes de musculação e que, por certas vezes, traduz uma busca contra a obesidade e as doenças, portanto, objetivadas por uma melhora da saúde biológica, mas o que a realidade se mostra é uma fortuita labuta de uma equalizada silhueta do seu corpo. Um interlocutor desta pesquisa, que chamaremos de Gi¹⁵, autodeclarado parto, 36 anos, disse que: “eliminei 15 quilos. Estou bem satisfeito com os resultados e que treinar o corpo está sendo uma coisa espetacular”. Ele ainda disse que sofreu muito com o peso que tinha, que sua vida mudou drasticamente com a perda de peso. Silva, a outra interlocutora dessa pesquisa, também disse que “tinha vergonha que era muito magra. Iria 5h da manhã para academia, a fim de ninguém me ver”.

Como já falamos aqui, o gordo em períodos anteriores (durante um tempo na idade média) sugeria uma encarnação da abundância, do prestígio, da riqueza e a saúde se obtinha com a barriga cheia (VIGARELLO, 2012). A magreza¹⁵ era lembrada com doença e o peso do corpo não parecia pesar tanto (SANT'ANNA, 2001). Hoje é indiscutível como o corpo gordo ou o peso corporal não aceito no seio social são motivos de constrangimento e mudança.

¹⁵ A magreza por um bom tempo teve relação com a fome, miséria e certas doenças sexualmente transmissíveis (como a AIDS).

Concordamos com Goldenberg (2011) e Goellner (2012) que a gordura e a flacidez são consideradas um símbolo tangível de falta de disciplina, preguiça, desleixo, quase um defeito moral que se reflete na falta de vontade de trabalhar o próprio corpo e que o extremismo do corpo (o que é devoto à movimentação física) faz com que o ser que não busca se agitar, torna-se o inimigo da saúde e da boa forma física. Le Breton (2012) ainda problematiza que a:

Aparência corporal se faz por duas vias: a primeira se dá pela relação com as modalidades simbólicas de organização que estão dependentes da moda, e a outra se produz através do aspecto físico do autor, dada às quantificações corporais (peso, altura etc) e as qualidades da estética (Le Breton (2012, p. 77).

Essas vias de reprodução das aparências nos fazem pensarmos à luz de um certo engajamento social, onde os autores dão uma grande importância nas roupas que são vestidas e no embelezamento corporal estético, forjado por dietas, treinos, abdições, cirurgias, uso de esteroides anabolizantes etc (LE BRETON, 2012). A ideia esteticista da sociedade, dialogando com Brandão (2008), está constituída através das nossas experiencias subjetivas no seio social, mas atrelada principalmente ao nosso imaginário. Portanto, o ser esteticamente bonito acaba sendo fruto de um paradigma social que se forma a partir de uma generalização imaginária: a ideia de ter um corpo bonito e aceitável. Na Figura 6 vemos um exemplo desta cultivação.

Figura 6 - Imagem da Rede Social da Academia EspaçoFit



Fonte: Página da Academia EspaçoFit no Instagram

<https://instagram.com/academiaespacofit?igshid=YmMyMTA2M2Y>

Nesta imagem vemos uma negação à labuta do corpo perfeito. Entretanto, ela também demonstra uma busca contínua de um corpo que é “bonito e aceitável” no imaginário social. O culto ao corpo para muitos acaba sendo um problema social, atravessando vários marcadores sociais como classes sociais e faixas etárias, apoiando no discurso da estética e de uma saúde, que podemos presumir utópica ou meramente biológica (CASTRO, 2001; SABINO, 2004). Essa corrida rumo às mudanças corporais inferimos que abraça diversos grupos sociais, onde todo mundo busca um pódio da idealização da boa forma que se sonha (SANT’ANNA, 2001).

Consideramos ainda que esta relação de corpo e boa forma entrelaçam a uma dicotomia já conhecidas por nós, a da alma e do corpo. Se pararmos para refletir, a alma poderia se configurar com a boa forma (caracterizada pela melhor parte do indivíduo) e o corpo a parte ruim, tornando-se uma “mala com roupas velhas”, passível de ser carregado, deixado, trocá-lo etc (SANT’ANNA, 2001). Tendo em vista isto, concordamos com Vigarello (2011) quando chama atenção para a ideia de que o “corpo é ponto de ancoragem a que é possível referir-se para se aprender com o sujeito, gerir-se, manipular-se, transformar-se, ultrapassar-se como

pessoa ou individuo entre os outros – seja por cirurgia, terapias, drogas ou virtude estoica” (VIGARELLO, 2011, p. 563) e, no fim, como bem cita Goellner (2012, p. 23), que atualmente “o corpo se torna descartável como tantos outros produtos”.

CAPÍTULO 3

CORPO, COVID-19 E IMUNIDADE

Quando falamos de imunidade do corpo na fisiologia humana nos referimos as células de defesa brancas do corpo, conhecidas como leucócitos, que na sua plenitude realizam funções predominante nos tecidos e se apresentam na resposta imune e inflamatória (NEGRÃO, 2010). A relação entre os exercícios físicos e a imunidade já existe há algum tempo. A grande literatura da saúde e do treinamento diz que os exercícios físicos modulam a função do nosso sistema de defesa de acordo com a frequência, a intensidade, duração que é realizado etc (FLECK & KRAEMER, 2017; NEGRÃO, 2010). Esta mesma literatura afirma também que exercícios regulares e moderados, ou seja, que não se tem grande esforço físico, feito de três a no máximo cinco vezes por semana podem reduzir a incidência de infecções respiratórias e acabam fortalecendo as células de defesa do corpo.

Devido à pandemia que vivenciamos, parece que as antigas aspirações que levavam as pessoas às academias somaram-se ao desejo de melhoria da imunidade do corpo. O mundo e o mercado se mobilizaram e a imunidade do corpo que antes era discutida apenas nas pesquisas, laboratórios e no meio acadêmico, tornou-se tema integrante de nossa vida cotidiana. Diversas resoluções começaram a se formar e fortalecer na solução da melhora imune para amenizar ou evitar o contágio do COVID-19. Além das vacinas que combatem diretamente a COVID-19, atualmente se falam e indicam muitos alimentos que fortalecem e ajudam na imunidade; medicamentos que também podem ajudar o sistema de defesa, terapias, treinamentos, ou seja, nunca se ouviu e falou tanto dessa “indústria da imunidade”.

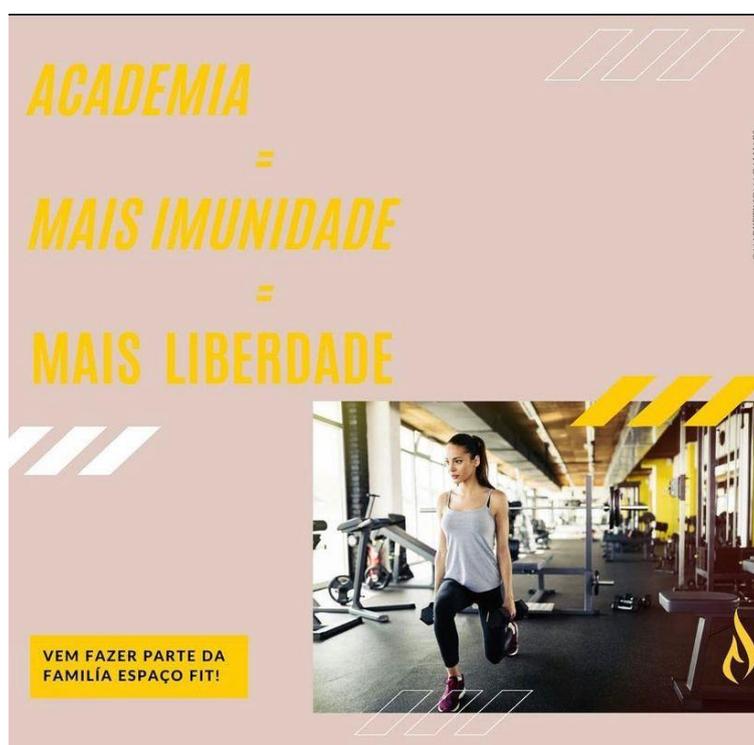
¹⁶Este consumo da “indústria da imunidade” acaba nos trazendo um alerta no que tange a verdadeira preocupação da sociedade neste momento pandêmico. Para nós, existe uma objetivação que seria totalmente direcionada no combate da pandemia mundial que vivenciamos, à qual é o controle da pandemia, mas o que se vê escancarado é uma rede industrial de consumo, que conforma uma “sociedade de consumidores”, diria Baumam (2008). Para esse autor,

¹⁶ É importante deixarmos claro nosso posicionamento acerca da importância da vacina e das medidas de proteção no combate a COVID-19. Somos totalmente a favor de todas perspectivas medicamentosas ou não que são comprovadas sua importância e eficácia no combate da pandemia do coronavírus. Nossa crítica aqui é sobre o uso mercadológico desenfreado que vem se tomando acerca da pandemia e da imunidade.

A "sociedade de consumidores", em outras palavras, representa o tipo de sociedade que promove, encoraja ou reforça a escolha de um estilo de vida e uma estratégia existencial consumistas, e rejeita todas as opções culturais alternativas. Uma sociedade em que se adaptar aos preceitos da cultura de consumo e segui-los estritamente é, para todos os fins e propósitos práticos, a única escolha aprovada de maneira incondicional. Uma escolha viável e, portanto, plausível - e uma condição de afiliação (BAUMAM, 2008, p .71).

No conjunto do material produzido para essa pesquisa ficou evidente a relação entre o corpo (aqui forjado pelos exercícios físicos), a ideia da imunidade e a COVID-19, tanto nas publicações pela rede social da academia pesquisada, quanto nas discussões nas redes de sociabilidade que tive acesso e nas entrevistas com os/as interlocutores/as. Foram muitas as postagens da academia que reivindicava os exercícios físicos e o espaço da academia como tecnologias importantes no manejo da COVID-19. É possível observar essas dinâmicas nas Figura 7 e 8, que seguem:

Figura – 7 Imagem da Rede Social da Academia EspaçoFit



Fonte: Página da Academia Espaçofit no Instagram

<https://instagram.com/academiaespacofit?igshid=YmMyMTA2M2Y>

A Figura 7 afirma a importância da prática dos exercícios físicos dentro da academia de musculação como forma evitar o contágio do vírus ou mesmo evitar complicações em casos de infecção por COVID-19. É nítido o nexos que se constrói

entre a academia e o aumento da imunidade. Já a ideia de “liberdade” nos faz entender que um “corpo imune” é possível sair e se relacionar fisicamente com outras pessoas sem prejuízos à saúde. Ou seja, ir à academia propiciaria a “liberdade” para se aglomerarem e se relacionarem entre si, características que acabaram sendo negadas para muitos, devido ao isolamento social e o distanciamento, regras que tomaram grandes proporções e força nesta pandemia. Vale lembrar que durante um bom tempo está academia como outras várias empresas foram impedidas de abrirem, devido ao risco da pandemia. Por isso, “entendemos” o chamado na sua publicação em demonstrar a importância das/os frequentadores retornarem à academia. Além de que, enquanto as academias de musculação estariam fechadas, notoriamente ¹⁷vimos uma enxurrada de pesquisas, propagandas etc, incentivando as aberturas desses centros de práticas corporais, buscando mostrar os benefícios com relação a imunidade. Na academia EspaçoFit não foi diferente.

Figura 8 – Imagem da Rede Social da Academia EspaçoFit



Fonte: Página da Academia Espaçofit no Instagram

¹⁷ Vários artigos foram publicados sobre esta temática. “Inatividade física, obesidade e COVID-19: perspectivas entre múltiplas pandemias” dos autores (Pitanga, Beck, Pitanga C, 2020); “Atividade física e mortalidade por COVID-19 nas capitais brasileira: uma análise ecológica”, dos autores (Pitanga, et. all, 2021), entre outros estudos.

<https://instagram.com/academiaespacofit?igshid=YmMyMTA2M2Y>

O aumento expressivo das preocupações com a imunidade nas acadêmicas encontrou respaldo em estudos recentes, os quais ratificam a importância que as pessoas sejam conscientizadas para continuidade dos exercícios físicos durante a pandemia para assim melhor suportar os efeitos de uma possível contaminação por infecções viral (PITANGA, BECK, PITANGA C, 2020; ACSM, 2020). Na figura 8 é possível observar como o uso dos dados científicos foram empregados como ferramentas importantes de convencimento sobre a importância dos exercícios físicos, logo do retorno às academias. Também a Associação de Academias do Brasil (ACADBRASIL), em 2020, criou um comitê de gestão de crise da COVID-19 e publicou uma edição especial da sua revista para ajudar as academias e todo nicho que a engloba a enfrentarem as dificuldades que a pandemia do coronavírus veio proporcionar.

O bombardeamento de informações relativas à imunidade refletiu nas entrevistas realizadas na *Espaçofit*. Fica claro que os/as interlocutores/as acabam reproduzindo essas afirmações que a sociedade aflita com a pandemia acabou disseminando com veemência. Safi, uma mulher por mim entrevistada, quando foi perguntada sobre a relação dos exercícios e a imunidade disse o seguinte: “os treinamentos melhoram minha imunidade”. Guga também disse que “no geral atividade física e alimentação pode ajudar na imunidade” e, por fim, Silva, ao ser indagada sobre a questão responde que “qualquer exercício pode melhorar a imunidade e que eu acho que o fator de estar treinando quando tive COVID-19 fizeram os sintomas serem brandos”. Como vemos, as narrativas das pessoas entrevistadas nessa academia acabam por materializar o peso que a ideia de imunidade começou a ter durante a pandemia na busca de exercícios físicos como forma de aprimoramento corporal.

Contudo, contextualizando esta discussão, se pararmos para perceber, a sociedade vem vivendo uma das maiores crises sanitárias do século, cuja pandemia do COVID-19 é a causadora. Entretanto, já é percebido que esta doença se configura para além, ou seja, para um mercado que a consome e que infelizmente, ramifica-se onde não deveria se extrapolar. Atualmente, percebe-se que corpo e a pandemia do COVID-19 dialogam a todo momento, tendo a ideia da imunidade os abraçando, malgrado mesmo esta ideia imune não vinda dos mesmos objetivos ou

lados. Por isso, diante desta problematização entre o corpo, a COVID-19 e a imunidade, ouçamos dizer que nesta pandemia a imunidade, além de ser um discurso central, ela acaba se fragmentando e segregando do seu próprio ser, ou seja, formando-se numa dicotomia social que já se enraizou.

Ouçamos dizer que a ideia de imunidade que tem organizado sentidos sobre a prática de exercícios físicos nas academias possui dois significados diferentes. Esses significados podem ser divididos naquilo que vamos denominar de: “imunidade biofisiológica” e “imunidade sociosimbólica”. A “imunidade biofisiológica” carrega as ideias conceituais da ciência biológica, ou seja, centrada no caráter morfofisiológico relacionado aos discursos da melhora do sistema autoimune (através do aumento dos glóbulos brancos). Já a “imunidade sociosimbólica”, para nós se define através da ideia de uma imunidade que se busca simbolicamente – materializada nas redes de sociabilidade, na indústria dos medicamentos, exercícios físicos, alimentos etc, ou seja, tudo aquilo que fortalece certos mercados e empresas cujo foco é a venda de uma mercadoria invisível: a melhora da imunidade.

Nesta pesquisa há uma busca acentuada, podemos ver, também, no entendimento desta imunidade. Nas entrevistas, muitas das vezes, tentamos compreender a percepção dos/as interlocutores/as sobre a imunidade e nos fica claro que esta ideia da defesa do corpo melhorada ou aumentada, não fica apenas no seu aspecto biofisiológico, mas acaba abarcando uma gama de outros sentidos que extravasam a biologia. Dona, interlocutora, disse o seguinte: “a academia me ajudou demais, pois tive até o COVID-19 e não sabia”. Para ela, a academia com sua rotina de exercícios não deixou os sintomas serem “fortes”. Esta afirmação da interlocutora só reforça e se alinha com outros comentários que ouvimos durante o campo acerca dos exercícios e a imunidade.

Para essas pessoas é fato que as academias com seus exercícios ajudam a imunidade. O que queremos expressar nesses discursos não é uma negação da “imunidade biofisiológica”, mas abrir caminhos para outras reflexões, porquanto não há como sabermos com toda certeza se essas questões (alimentos, treinos etc) são as fórmulas ou a fórmula mágica para evitar contágio ou deixar o vírus mais frágil. No fim, devido as grandes complexidades e interações que se tem neste campo, e que para nós não há um simples objeto mensurador que vai identificar a realidade da melhora imune, portanto, é compreensível que exista uma ideia da “imunidade

sociosimbólica”, à qual é usada por muitos e abraçada também, a fim de lucrar e propagar suas ideias.

Neste contexto, o corpo, a imunidade e a COVID-19 conformam novas tecnologias corporais e reforçam narrativas que acentuam o cruzamento entre a ideia de saúde e os exercícios físicos. É palpável, claramente, que a busca da melhora da saúde biológica aqui tem seu lugar, mas por outro lado, observamos, fortemente, a posição da doença e entre eles há o objeto corpo que é central. Basta, entendermos, na sua totalidade, por que o corpo como objeto vem mudando através do tempo e qual a principal narrativa que ele abraça hoje. Para nós, devido essas aproximações, possuímos uma certa noção, mas à luz de buscarmos melhor essas compreensões, dialogaremos com a ideia que achamos certa para os próximos debates e reflexões, deste corpo que grita imunidade e a saúde e, posteriormente, o que foge da doença.

3.1. IMUNIDADE E MEDICALIZAÇÃO

O corpo na perspectiva anatomofisiológica, discutida no primeiro capítulo, reflete claramente um compromisso com a biomedicina e a medicina moderna. A construção de uma ideia de saúde biológica associada ao pensamento higienista constituíram novos saberes relativos às práticas sociais e a sociabilidade. Concordamos com Vigarrelo (2011) quando este afirma que a palavra-chave do século XX é a saúde. Tal afirmação é reforçada por Goellner (2012). Essa autora diz que se cuidou e observou mais a saúde biológica a partir dos séculos XIX e XX e que o movimento do corpo, o olhar no alimento saudável e a transformações corporais da sociedade fizeram-se pensar numa melhora da saúde, mas por traz da realidade concreta, as práticas de modelagem do corpo que eram o objetivo final.

Esse processo de assumir a saúde biológica ou a estética do corpo como tema central das preocupações contemporâneas constituíram um sistema simbólico referido a uma lógica de “subjetivação do indivíduo”, na qual o sujeito é levado a acreditar que a promoção da saúde é uma questão meramente pessoal, de autogerenciamento e responsabilidade própria (ROHDEN, 2017). Assim, criam-se indivíduos que se preocupam com sua saúde biológica, “enforcados” por uma

sociedade que agarra inúmeras redes de manutenção¹⁸. Este processo acabou iniciando e formulando novas ideologias na medicina moderna, formando determinados autores, os quais engajam um processo conhecido como “medicalização” (ROHDEN, 2017).

Para Vigarello (2011) “a medicalização fez dos médicos o intermediário da gestão dos corpos presos” (Vigarello, 2011, p. 18). É aqui que reiteramos que o corpo é um lugar onde a pessoa deve se esforçar, muitas das vezes ao extremo, para carregar uma boa saúde, mesmo ela sendo utópica (SABINO, 2004). Explicando melhor este conceito de medicalização, Rohden (2017), dialogando com Conrad (2007), diz o seguinte:

Medicalização é o processo através do qual problemas anteriormente definidos como não médicos passam a ser concebidos e tratados como problemas médicos e caracterizados como doenças ou transtornos. Esse fenômeno abarcaria cada vez mais comportamentos tidos como desviantes e também processos vitais ou condições de vida, como nascimento, envelhecimento, morte, sexualidade, etc. Contudo, uma ressalva feita pelo autor se refere ao fato de que nem sempre os/as médicos/as são agentes centrais ou dotados de mais poder nesse jogo de interesses. Muitas vezes os/as próprios/as pacientes, inclusive, participam ativamente na busca pela medicalização institucionalizada de uma determinada condição, conferindo um caráter ainda mais complexo a esse processo sociocultural (ROHDEN, 2017, p. 36).

Portanto, como tratamos, a “subjetivação do indivíduo” está intimamente relacionada ao processo de medicalização e assim traz uma certa autonomia para os sujeitos inseridos nestes discursos, tornando-lhes ativamente destes processos. Compendo mais esta questão, Sabino (2004) fala:

A medicalização poderia ser enquadrada em outro movimento de cunho ainda mais amplo denominado utopia da saúde (Sfez, 1995), que também significaria, nas culturas das sociedades complexas capitalistas, a presença de um sistema simbólico no qual a busca de um corpo eternamente jovem e belo, desfrutando a ausência da mortalidade e com plena saúde, apresentar-se-ia como o paradigma organizador das práticas de um número crescente de adeptos da boa forma e do “corpo perfeito” (SABINO, 2004, p. 327).

Considerando que o processo de medicalização está diretamente vinculado a ampliação da área de influência da medicina moderna, a estética do corpo com seus diversos aparatos tecnológicos acaba por se constituir como um item integrante desse processo. A busca do “corpo perfeito”, diria Sabino (2004), tem assumido cada vez mais um discurso medicalizador refletido no emprego frequente de

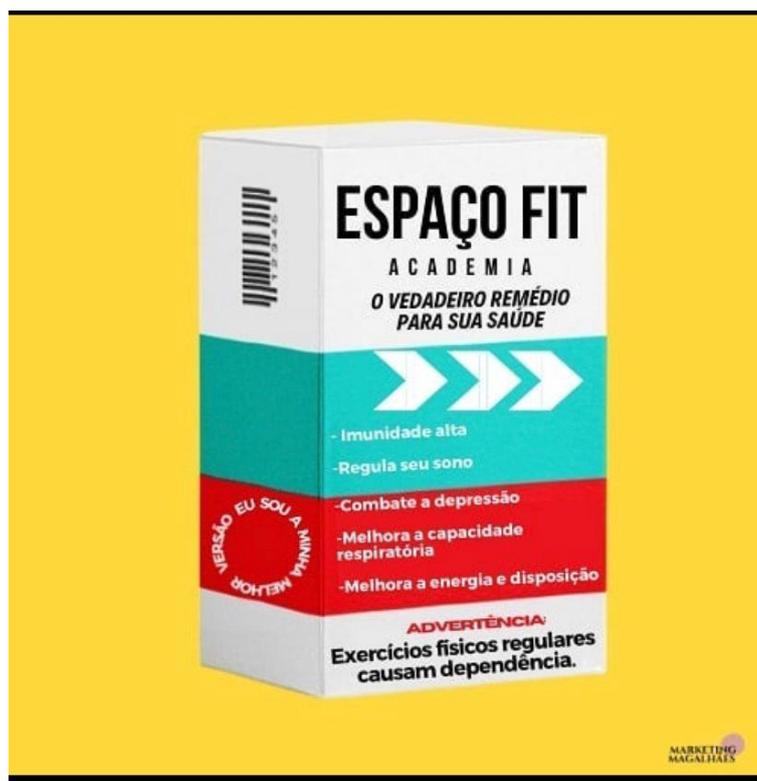
¹⁸ Essas “redes de manutenção”, neste sentido, para nós, são exemplificadas por um nicho ou grupo socio empresarial que sustenta ou mantém algo para um objetivo comum.

determinados recursos farmacológicos ou cirúrgicos, construídos como necessidades de saúde (ROHDEN, 2017). Por isso, outro conceito que rodeia a medicalização, conforme Rohden (2017), dialogando com Williams, Martin e Gabe (2011), é o de pharmaceuticalização, que segundo eles se refere à tradução ou transformação de condições, recursos e capacidades humanas com intervenção farmacêutica. Simplificando, a pharmaceuticalização se dá pelo uso de medicamentos sem necessidade, visando uma melhoria abstrata ou um estilo de vida em pessoas consideráveis saudáveis (ROHDEN, 2017).

No conjunto das entrevistas que compõe essa pesquisa é possível perceber que há uma preocupação com a saúde biológica do corpo e a prevenção das doenças, fazendo com que as práticas de treinamentos ou atividades físicas só aumentem. Ademais, nesta pandemia do novo coronavírus, os discursos referidos a busca pelo corpo em movimento para evitar a “fraqueza do corpo” ou, melhor dizendo, a “baixa imunidade” e, conseqüentemente, o contágio viral, foram frequentes tanto nas narrativas quanto nas imagens usadas pela academia estudada para justificar a necessidade de exercícios físicos.

Aparentemente, a busca por respostas terapêuticas relacionadas à COVID-19 aqueceu ainda mais os processos de medicalização e de pharmaceuticalização nos espaços das academias. Nesse processo, os exercícios físicos assumem centralidade, sendo assumidos como uma espécie de terapêutica indispensável à manutenção da saúde no período pandêmico. São os exercícios que vão atuar no sentido a gerar uma “imunidade alta” em contraste à “imunidade baixa”, um risco à possibilidade de infecção por COVID-19 ou de complicações decorrentes da doença. A figura abaixo ilustra bem essa dinâmica.

Figura 9 – Imagem da Rede Social da Academia EspaçoFit



Fonte: Página da Academia Espaço*fit* no Instagram

<https://instagram.com/academiaespacofit?igshid=YmMyMTA2M2Y>

Nas entrevistas, observamos muitas relações entre esses conceitos e, a todo momento, suas conexões se dão pela prática de exercícios físicos e a COVID-19. Safi, uma das interlocutoras, disse que quando ela vai fazer seus exames de rotina, o médico já pergunta se ela faz exercícios físicos. Outra frase que ela disse foi: “Treinar é remédio! É medicamento para tudo!”. Outra interlocutora que chamaremos de Tuca, mulher, autodeclarada branca, 28 anos, disse que “treinar o corpo é terapêutico e um hábito saudável!”. Além disso, quando foi inquietada acerca da relação com a ideia da imunidade, ela disse o seguinte: “treinar pode melhorar a imunidade e ficar sem malhar faz sentir muito o corpo fraco”. Para ela, o corpo e mente estão interligadas o tempo inteiro e a imunidade faz parte dessa ligação.

Neste enfoque é notório a posição central da imunidade e como conceitos que se foram criando, acabaram tomando fortes proporções nesta pandemia. Os processos de medicalização e pharmaceuticalização, percebemos se olharmos atentamente, têm uma forte e imbricada relação com o conceito de “imunidade sociosimbólica”, pois eles acabam fortalecendo determinadas redes de manutenção do corpo, ensejando ideias e formando certos símbolos. Entretanto, é importante ressaltar que as ideia de famaceuticalização e medicalização não se resume ao

contexto da COVID-19. Ela está interligada há inúmeras concepções e fármacos que já existem no mercado da saúde. Ocorre que esse mercado se tornou ainda mais robusto através da lógica da “imunidade sociosimbólica”, centrando-se numa eloquente busca de uma “imunidade forte”.

Diante de todos estes argumentos traçados, é percebido que a ideia do “corpo imune” se tornou uma nova fase da biomedicina moderna. Logo, atualmente, quando falamos de saúde, ligamos diretamente a ideia da imunidade. Percebemos, também, que o indivíduo formula suas ideias de saúde através da busca pela imunidade mais forte, através da formação social de uma “subjetividade individual”. Ademais, essa subjetividade individual acaba sendo formalizadora de processos de medicalização e, também, de farmacêuticalização, onde se criaram ou transformam um novo objetivo para o corpo, o qual pode ser voltado a estética ou a promoção de uma certa saúde, mesmo que seja velada. Assim, nesta pandemia, a busca exagerada para se libertar do COVID-19 fez com as pessoas imergissem em campos não tão expostos e que esses processos de medicalização e farmacêuticalização acabaram se tornando vetores de uma “imunidade sociosimbólica”, onde se buscou terapias, exercícios, práticas com o corpo no geral, medicamentos, entre outros, objetivando a prevenção da doença e da melhora imune.

No fim, mesmo com toda esta argumentação, a COVID-19 que é retratada como uma doença viral, ainda nos faz questionar sua centralidade e engajamentos nos discursos destas pesquisas, tanto nas imagens/publicações observadas, tampouco nas trocas com os interlocutores(as). Ainda, esta dissertação, além de entender o corpo dentro de uma academia de musculação, como objeto norteador, far-se-á necessidade de olharmos e discutir sobre a doença, ponto crucial, à qual moldou e modulou diversas relações sociais. Sendo assim, deixamos o último tópico para debatermos esta relação entre o corpo, a imunidade e a doença.

3.2. IMUNIDADE E DOENÇA

A visão da doença e do doente veio mudando com os meios materiais e sociais em que se vive (VIGARELLO, 2012). Como já tratamos aqui, na Grécia Antiga a doença poderia ser um castigo dos Deuses. Na Idade Média, a doença estava subsumida a compreensão simbólica da religião (RODRIGUES, 1999; SENNETT, 1994). No Renascimento, a doença já se tinha uma labuta de conquistar

seu lugar na ciência, onde era comprovada sua relação intrínseca com a morfologia e os sistemas biológicos do corpo humano (VIGARELLO, 2012).

Nos séculos XIX e XX surgiu a ideia de “direito à doença”, assegurada pelo Estado, sobretudo a assistência médica como fundamental a pessoa humana (VIGARELLO, 2011). A medicina atual, valer lembrar, quer buscar arrancar a doença, pois ela é intrusa. O corpo doente acaba sendo tratado como defeituoso e rapidamente ela separa o doente da doença, dando-lhe, portanto, a repetição de um saber experimentado, mas separado do objeto que ela visa (LE BRETON, 2016). Fazendo uma pequena análise da medicina antiga (curandeiros ou medicina popular) observamos que o tratamento com o corpo e a doença era muito diferente. Os curandeiros médicos tradicionais buscavam através da natureza uma cura existencial, ou seja, uma experiência vivida com a doença, sobretudo uma indivisibilidade entre o doente a doença (LE BRETON, 2016). Sobre essas diferenças das medicinas, Le Breton (2016) fala que:

No plano social e antropológico, o médico e o curandeiro funcionam como sujeitos que supostamente sabem e que supostamente curam. A legitimidade de um é assegurada por uma longa permanência nos bancos da universidade e pela homologação de um diploma, ao passo que a da outra, pelo seu enraizamento no seio de uma dada comunidade humana e pela rede de boca a boca suscetível de alimentar um consenso acerca da presunção de sua eficácia. Oposição tradicional entre cultura erudita e as culturas populares, que não procedem das mesmas lógicas sociais (LE BRETON, 2016, p. 235-236).

É sabido que esta medicina atual trata o corpo como um experimento que deve ser moldado e que busca separar a doença a qualquer custo do corpo. Perde-se, então, através dessa mecanização entre órgãos e seus sistemas anatomofisiológicos a percepção humana do ser. Assim, desvaloriza-se e separa contundentemente o corpo do seu próprio sujeito (LE BRETON, 2016). Em suma, no entanto, não podemos deixar de ressaltar da importância do avanço científico no descobrir da doença e seus tratamentos, mas ainda percebemos que trata mais a doença do corpo do que o próprio sujeito, e isso deve, com toda certeza, ser questionado e refletido.

É de se endossar que no século XX, principalmente nos países mais industrializados, acharam-se que tinham acabadas com as doenças transmissíveis, dando um fim as pestes que assolavam o mundo (VIGARELLO, 2011). Mas as doenças infecciosas entre outras novas enfermidades não paravam de aparecer. Começaram, também, uma grande preocupação com as infecções causadas pelo

exercício da sexualidade (sífilis, Aids, atualmente a Monkeypox¹⁹ que pode ser transmitida também pelo ato sexual, etc) e denominadas doenças crônicas (hipertensão, diabetes, doenças das complicações do ritmo cardíaco etc) (VIGARELLO, 2011).

As crianças de hoje dificilmente conhecem doenças com alta incidência de mortes (rubéola, coqueluche, caxumba etc), às quais foram sanadas por uma vacinação sistemática e obrigatória. Percebemos que com o avançar da ciência, a doença foi se diluindo no espaço e o ser humano com suas vicissitudes, com o passar do tempo, vem se desdobrando mais e mais. Entretanto, ainda todo este avanço científico não é o suficiente, pois as doenças também acabam se moldando e novas enfermidades.

Por exemplo, fazendo um paralelo, as doenças relacionadas a estética ou autoimagem, às quais não se tinham um olhar mais apurado, neste século, a sociedade vem enfatizando muito nos tratamentos e prevenções. Doenças como anorexia, vigorexia, bulimia e dismorfia muscular compõem esta gama de doenças que possuem relação direta com o corpo estético e a cultivação dos corpos (SUEITTI, 2016; SANT'ANNA, 2016).

Com relação a doença mais discutida e ceifadora de vidas na atualidade – COVID-19, a medicina moderna vem buscando literalmente isolar o corpo da doença, por causa da grande propagação viral. Esta característica de um certo isolamento social não é fortemente desta pandemia, isolar o doente, como já tratamos aqui, sempre foi necessário, porém só não se era tão explicitamente seguido. Contudo, é de suma importância lembramos os avanços científicos importantes da medicina que se tornou moderna. As grandes descobertas médicas e da ciência possibilitaram curas e tratamentos para certas doenças que assolavam a sociedade em outros tempos. Isto acaba não sendo diferente na pandemia atual, pois a sociedade só vem “normalizando as suas relações” devido as diversas vacinas que felizmente vêm combatendo a o COVID-19.

Claro que na medida que as doenças, assim concebidas, vão se tornando entidade da sociedade, a dimensão do diagnóstico e da cura se torna emergencial. Porém, é possível admitirmos que certos grupos sociais ou como tratamos aqui,

A varíola dos macacos é transmitida pelo vírus *monkeypox*. Este vírus é transmitido aos seres humanos a partir de animais) com sintomas muito semelhantes aos observados em pacientes com varíola, embora seja clinicamente menos grave.

algumas redes de manutenção, acabam visando, através das doenças, oportunidades para usufruírem certos lucros e assim, uma corrida do capital financeiro se instala.

No campo desta pesquisa, acabamos vendo certas características que nos fazem pensar sobre a relação do corpo, da doença (COVID-19) e a busca pelo seu tratamento. Primeiramente, para nós, é perceptível que a doença veio passando por fases. Explicando melhor, a primeira fase, dada no seu início alarmante, ainda não se tinham vacinas. Logo, a busca por medicamentos e tratamentos para combater o vírus e sua letalidade eram extremamente necessários. A ciência veio debruçando em diversas pesquisa, mas o que mais se falava para se combater uma doença viral, era o fortalecimento da imunidade, ou seja, ela deveria estar num quantitativo específico, à qual poderia necessitar de diversas questões, tais como: alimentação balanceada, medicamentos que possam aumentar a imunidade, exercícios físicos entre outros). Por consequência, como já discutido, está imposição e imponência da imunidade acabam dicotomizando e segregando-a da sua função existencial. A segunda fase, quando as inúmeras vacinas estavam em circulação na sociedade, a letalidade do vírus começou a diminuir e aquelas enxurradas de discursos e propaganda sobre o “corpo imune”, por consequência, foi reformulada.

Neste embate, novas resolução e objetivos se formam. A partir daqui os treinamentos e os exercícios físicos, com todo processo de medicalização e farmacaceutilização, se propõem a dialogarem com as vacinas e como eles podem, juntamente, combater o vírus. A Figura 10 nos mostra de forma clara esse movimento:

Figura 10 – Imagem da Rede Social da Academia EspaçoFit



Fonte: Página da Academia Espaço*fit* no Instagram

<https://instagram.com/academiaespacofit?igshid=YmMyMTA2M2Y>

Vemos, nesta imagem, um belo exemplo desta correlação e parceria entre os exercícios e as vacinas. Parece-nos, com clareza, que a doença (COVID-19) neste ambiente nunca se instalaria. Nas entrevistas, quando foi perguntado a relação de estarem treinando nesta pandemia, observei que muitos deles falaram sobre o medo de irem na “primeira fase da doença”, mas que iriam mesmo assim. Acerca da relação com “segunda fase da doença”, foi entendido um menor temor de irem, principalmente devido as vacinas. Outro fator importante foi a liberação do uso de máscaras e do certo isolamento e distanciamento social. Estes fatores, por sua vez, acabaram dando mais segurança, mesmo que seja conotativa, para os/as praticantes de musculação e interlocutores/as dessa pesquisa.

Tendo em vista isso, Rô disse o seguinte: “tive medo no início, mas o treino pode aumentar a imunidade entre outros benefícios. Por isso preferir continuar treinando”. Ademais, durante nosso diálogo, ele enfatizou que havia tomado as três doses da vacina e que dificilmente pegaria o vírus e caso fosse infectado, seria brando. Passando os dias, Rô entra em contato comigo, depois de um certo tempo que não nos vimos, e ele falou que havia pegado o COVID-19, mas não sentiu

quase nada. Pegando outro diálogo das entrevistas, Mocó, homem, autodeclarado branco, com 52 anos, praticante de musculação há 18 anos, disse-nos que além da COVID-19, outras doenças podem acontecer, para quem fica sem treinar na academia. Sobre este mesmo assunto, Guga disse o seguinte: “pandemia fez que muitas pessoas procurassem a academia, pois o tratamento é de graça”. Carla, ainda retrata o seguinte: “treinar é indispensável, pois o corpo responde de outras formas as doenças”. Neste enfoque mais uma publicação da academia (Figura 11) demonstra isto:

Figura 11 – Imagem da Rede Social da Academia EspaçoFit



Fonte: Página da Academia Espaçofit no Instagram

<https://instagram.com/academiaespacofit?igshid=YmMyMTA2M2Y>

Por fim, é notório como a doença, que aqui se configura como a COVID-19, tomou proporções devastadoras. Além de inúmeras mortes, a sociedade conclamou e buscou diversas estratégias para findar o vírus. Se percebemos, por um lado, há uma conquista sobre a doença, à qual as vacinas são as responsáveis. Todavia, a extrapolação do vírus – mesmo exemplo que nós temos quando se fala do corpo – acabou tomando diversos direcionamentos e inúmeras relação sociais foram se

formando, atreladas ao medo, incertezas, vontades, procura etc. No fim, o corpo acabou sendo mais um refúgio da doença que, mais uma vez, foi o principal autor da sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estudar o corpo e suas profundas relações nos faz pensar e galgar diversos caminhos. Nesta pesquisa buscamos compreender o corpo, por muitas vezes, não só como objeto de estudo, mas como ele veio se ramificando até os dias de hoje.

O corpo, por muitas vezes, sempre foi sinônimo de partes ou algo que se degrada. Neste processo percebemos a busca de melhorar o corpo, principalmente através de técnicas de treinamentos e como esse árduo caminho corporal formou certos agentes de uma determinada sociedade. Mais ainda, como as dicotomias criadas com o corpo fizeram com que a sociedade se fragmentasse. Um rápido exemplo se faz pela segregação que tive por um determinado grupo social, pois eu não tinha um certo tipo corporal que eles queriam. Aqui jaz se marca uma fronteira de buscar ou de desaproximar. Diversas lacunas de compreender o corpo biologicista surgiram e devido a toda uma problemática que cercou este objeto novas metodologias e olhares deveriam surgir.

A ciência biológica com sua medicina traçava o lugar e de onde as reflexões corporais não deveriam sair, mas o olhar mensurável do corpo como objeto imprescindível de ser analisado na literatura foi conquistado, mesmo a passos curtos. Não há como uma simples estrutura que se degrada trazer tantas problemáticas? Pois bem, o corpo é muito complexo e direcioná-lo a uma pequena ideia mecanicista e anatomofisiológica, conseqüentemente, daria certos questionamentos. Assim, o corpo se liberta e transcende de onde nunca se foi olhado. A forma de observamos o corpo como objeto valioso através das Ciências Sórias dá um grande passo na história e novos direcionamos, inquietações e possíveis reflexões caem acerca de qual/que corpo nós somos pertencidas(os).

Hoje, podemos inferir, que o corpo se forma por certas características, às quais são reflexos de tempos que passaram. Assim, através de um campo/*habitus*, escalonado numa pandemia mundial que abalou diversos meios que vivemos, reforçamos a dizer que o objeto corpo compõe uma nova narrativa, gritando, portanto, por um certo tipo corporal. Todavia, para melhor simplificar, iremos abordar pontos nos quais são relevantes em nossa análise e que foram traçados aqui, a fim de enaltecer a importância de certos debates.

Primeiramente foi nos dado uma apresentação do corpo na história, através de um recorte de exigência teórica, onde ele veio se modificando, na sua forma de

expressar e conceber certas relações sociais. Em cada época este corpo se apresenta com sua distinção e que essas características específicas são bem claras. Por exemplo, a noção do corpo Grego antigamente, no geral, ressaltava a força, a disciplina e um certo poder (SENNETT, 1994). Na Idade Média a concepção do corpo muda, mas carregava ainda certas características passadas. Enquanto o corpo Grego era exposto e a nudez muito comum, o corpo medível era repudiado sua exposição e nudez. O corpo medieval tinha uma proximidade ao teocêntrico e seu dualismo se dava principalmente através da separação entre corpo e alma (RODRIGUES, 1999; SUEITTI, 2016).

No período Renascentista o corpo era liberto para se mostrar, pois o “corpo arte” entra em cena (VIGARELLO, 2012). Nele a ciência médica e cartesiana se aflora e as intrigantes manifestações e descobertas do corpo biológico começam a aparecer. As contribuições dos entendimentos não mais religiosos, mas sim mecanicistas e biológicos ajudam a formar, para nós, um novo período de conceber e entender o corpo, conhecido como o período Anatomofisiológico. Neste período, o corpo flui através da ciência médica, regida principalmente pela anatomia e fisiologia. As doenças do corpo são identificadas e uma nova projeção higiênica de saúde é acionada. Findando esta exegese teórica, a última discussão do primeiro capítulo é feita sobre o corpo no Brasil. Nele percebemos como o corpo brasileiro é forjado por diversos capitais, os quais fazem parte dele formando um veículo de ascensão social (GOLDENBERG, 2011). A noção de um corpo estético, exposto e vivido num país tropical nos diz muito sobre as características que sobrevoam a ideia corpórea do Brasil. A cultivação corporal é muito expressiva e com ela vem diversas formas de “manter o corpo esbelto” (GOLDENBERG, 2011).

No segundo capítulo desta dissertação (Academias de Musculação e Técnicas Corporais) saímos de um marco teórico robusto para dialogarmos mais efetivamente com o campo de pesquisa. Foi percebido através das interlocuções e imagens observadas na Academia Espaço*fit* inúmeras questões a serem debatidas, mormente a temas emergentes e circunstâncias.

Neste capítulo nos fica claro a importância e vontade que aos/às interlocutores(as) têm de ir fazer seus treinamentos e como a estética tem seu lugar privilegiado, seguindo de uma noção de saúde, mesmo que seja velada. Percebemos que os/as praticantes de musculação levem essas técnicas corporais como um estilo de vida e algo que não pode ser deixado lado.

No âmbito do exercício físico é percebido como há um controle com seus praticantes disciplinados, sendo esta disciplina, dialogando com Foucault (2012), tratada como um tipo de poder que comporta diversos tipos de instrumentos, técnicas, procedimentos etc. Logo, é importante aguçarmos a posição do exercício físico neste campo social, onde ele através de estudos nas áreas da saúde biológica é dado como uma válvula de escape para diversas doenças e tratamento, fazendo com que inúmeros adeptos os façam. Vale Ressaltar que esta pesquisa não busca negar essas importâncias, mas é de suma necessidade dialogarmos e buscar reflexões acerca da utilização dessas técnicas do corpo. Com isso, o que vemos nesta pesquisa é um uso exagerado e eloquentes desses exercícios físicos.

Ainda neste debate é sabido que o culto ao corpo é fortemente expressado, mesmo numa época que se dizem buscar as práticas de exercícios físicos para melhorarem a saúde, ou uma certa imunidade. Com toda angustia e procura para se livrar ou evitar esta pandemia, a busca primordial da academia de musculação, nos é mostrado pela corrida do corpo, onde o corpo estético entra na frente do corpo saudável. No fim deste capítulo também foi observado que as pessoas acabam por vontade, ou melhor dizendo, por uma certa necessidade, de irem à academia de musculação mesmo na pandemia do COVID-19. O medo de se infectarem algumas vezes existiu, mas a vontade de treinar o corpo acabou sendo maior.

No último capítulo, denominado de “Corpo, COVID-19 e Imunidade” traçamos a entender que a busca pelo corpo saudável se transformou pela caça da imunidade e a academia de musculação, juntamente com a sociedade consumista, beneficiaram-se desta emblemática labuta. Ademais, postulamos a traçar que esta procura por uma certa imunidade fez com que uma dicotomia conceitual se instalasse. Para nós dois conceitos de imunidade existem nesta pandemia: o primeiro conceito chamamos de “imunidade biofisiológica”, o qual é definido pelos conceitos da ciência biológica, e o segundo conceituamos de imunidade sociosimbólica que é definido através da ideia de uma imunidade que se busca simbolicamente, retratada nas redes de sociabilidade, na indústria dos medicamentos, exercícios físicos, alimentos etc. Com relação ao COVID-19, inúmeras respostas terapêuticas relacionadas ao vírus aqueceram ainda mais os processos de medicalização e de pharmaceuticalização nos espaços das academias, como por exemplo os treinamentos, exercícios e entre outras terapias ofertadas neste espaço.

No fim, é notório que corpo veio mudando em cada época e hoje a concepção corporal mais vista e reproduzida socialmente é a do corpo imune. É neste corpo que a sociedade vem se abraçando ou é nele que esta mesma sociedade finge se abraçar.

REFERÊNCIAS

- ACADBASIL, Revista. **Boom do Fitness impulsiona mercado fornecedor**. <http://www.ebc.com.br/noticias/brasil/2014/08/poderaaquisitivo-e-acesso-levam-a-liderer-ranking-de-cirurgia;>
- ACADBASIL, Revista. **Academias enfrentam impactos do COVID-19**. Edição Covid-19 - abril 2020. [https://acadbrasil.com.br/wp-content/uploads/2020/04/edicao-89.pdf;](https://acadbrasil.com.br/wp-content/uploads/2020/04/edicao-89.pdf)
- ACAD. Relatório Global IHRSA. **Revista ACAD Brasil**. Rio de Janeiro, p. 10-21, 2017;
- AMERICAN COLLEGE OF SPORTS MEDICINE et al. **Diretrizes do ACSM para prescrição os testes de esforço e sua prescrição**. 9ª Edição, 2016;
- AMERICAN COLLEGE OF SPORT MEDICINE. **Staying Physically Active During the COVID-19 Pandemic**. [citado em 2020 abril 28]. Disponível em: [https://www.acsm.org/;](https://www.acsm.org/)
- ALMEIDA, M.J. **A liturgia olímpica**. In: SOARES, C.L. (Org.). *Corpo e história*. São Paulo: Autores Associados, 2004. p.79-108;
- ALMEIDA, G.T.; Rogatto, G.P. **Efeitos do Método Pliométrico de Treinamento sobre a Força Explosiva, Agilidade e Velocidade de Deslocamento de Jogadoras de Futsal**. Rev. Brasileira de Educação Física, Esporte, Lazer e Dança, vol. 2, n. 1, p. 23-38, mar. 2000;
- A SOCIEDADE INTERNACIONAL DE CIRURGIA PLÁSTICA ESTÉTICA (*International Society of Aesthetic Plastic Surgery – ISAPS*. Hanover, New Hampshire, 3 de dezembro de 2019;
- BASTOS, W. et al. **Epidemia de fitness**. *Saúde e Sociedade*, São Paulo, v. 22, n. 2, p. 485-496, 2013;
- BAUMAN, Z, 1925 - **Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadorias**/ Zygmunt Bauman; tradução Carlos Alberto Medeiros. - Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008. Tradução de: *Consuming life* ISBN 978-85-378-0066-9;
- BARRETO, M.H. **Imaginação Simbólica**. São Paulo: Edições Loyola, 2008;
- BOURDIEU, P. **A produção da crença: contribuição para uma economia dos bens simbólicos**. 3. ed. Porto Alegre: Zouk, 2014;
- BOURDIEU, P. **Escritos da Educação**. NOGUEIRA, M. A.; CATANI, A. (org.). Rio de Janeiro: Vozes, 1998;
- BOURDIEU, P. **Meditações Pascalianas** / Pierre Bourdieu; tradução Sergio Miceli. B277d8m - 2ª ed. - Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.e. 324p;
- BOURDIEU, P. **A Economia Das Trocas Simbólicas**. 7.ed. São Paulo: Perspectiva,

2007;

BOURDIEU, P. **Coisas ditas** / Pierre Bourdieu; tradução Cássia R. da Silveira e Denise Moreno Pegorim ; revisão técnica Paula Montero. - São Paulo: Brasiliense, 2004;

BOURDIEU, P. **Razões práticas**: sobre a teoria da ação. São Paulo: Papyrus, 1996;

BOURDIEU, P. **Meditações pascalianas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001;

BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989;

BOISSEVAIN, J. **“Apresentando ‘Amigos de amigos: redes sociais, manipuladores e coalizões’”**. In: FELDMAN-BIANCO, Bela. Antropologia das Sociedades Contemporâneas – métodos. São Paulo: Editora UNESP, 2010;

BRASIL. Constituição (1988). **Ementa Constitucional** nº 29/2000 e EC. 51/2006, Brasília, Senado Federal, Subsecretaria de Edições Técnicas, 200;

BRASIL. **Conselho Nacional de Secretários de Saúde**. Legislação estruturante do SUS. Brasília: CONASS, 2020;

BRAGA, A. **Usos e consumos de meios digitais entre participantes de weblogs: uma proposta metodológica**. In: Anais do XVI Encontro da Compós, na UTP, em Curitiba, PR, 2007. Disponível em: http://www.compos.org.br/data/biblioteca_162.pdf Acesso em 02 Mar. 2008

CANGUILHEM, G. **O Normal e o Patológico**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1990;

PIERRE, I. **Cibercultura** /; tradução de Carlos Irineu da Costa.— São Paulo: Ed. 34, 1999 264 p. (Coleção TRANS) ISBN 8573261269 Tradução de: *Cyberculture*;

PERISSINOTTO, R CODATO, A (orgs.). **Como estudar elites** /– Curitiba : Ed. UFPR, 2015. 319 p. : il. – (Pesquisa; n. 290) ISBN 978-85-8480-038-4;

CONFERÊNCIA NACIONAL DE SAÚDE (VIII). Ministério da Saúde, 1987, P.382;

CONNELL, R.W. **Masculinities**. 2nd ed. Cambridge: Polity Press, 1995;

COUTO, E.S; GOELLNER, Sivana Vilodre (Orgs.). **O triunfo do corpo: polêmicas contemporâneas**. Petrópolis, Vozes, 2012;

PATEL, M. S et al. **COVID-19 and the moral imagination**. The Lancet, Volume 397, Issue 10275, 648 – 650;

EAGLETON, T. **A ideia de Cultura**. São Paulo: Unesp, 2005;

ELIAS, N. **O processo civilizador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993;

FARHAT, D.G.K.M. **As diferentes concepções de corpo ao longo da história e nos dias atuais e a influência da mídia nos modelos de corpo de hoje** /Rio Claro: [s.n.], 2008;

FERREIRA, J. **O corpo sígnico**. In: ALVES, P.C.; MINAYO, M.C.S. (Org.). *Saúde e doença*. Um olhar antropológico. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1994. 251p;

FERRAZ, C. P & ALVEZ, A. P. (2011). **Da enografia virtual à etnografia online deslocamentos dos estudos qualitativos em rede digital**. Trabalho completo respectivo ao resumo aprovado no SPG 10 – Diários de Campos Digitais – relatos de pesquisa da/na Internet. ANPOCS 2017 Caxambu;

FLECK, S.J. **Fundamentos do treinamento de força muscular** [recurso eletrônico] / Steven J. Fleck, William J. Kraemer; tradução: Jerri Luis Ribeiro, Regina Machado Garcez; revisão técnica: Ronei Silveira Pinto, Matheus Daros Pinto. – 4. ed. – Porto Alegre: Artmed, 2017;

FRAGA, A.B. **Anatomias emergentes e o bug muscular: pedagogias do corpo no limiar do século XXI**. In: SOARES, C.L. (Org.). *Corpo e história*. 2.ed. São Paulo: Autores Associados, 2004. p.61-77;

FRAGOSO, S. **Métodos de pesquisa para internet** / Suely Fragoso, Raquel Recuero e Adriana Amaral. – Porto Alegre: Sulina, 2011. 239 p. – (Coleção Cibercultura);

GIDDENS, A. **A constituição da sociedade**. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2009;

GIDDENS, A. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002;

GIDDENS, A. **As Consequências da Modernidade**. São Paulo: Editora UNESP, 1991;

GUÉRRIOS, P.R. **“O estudo de trajetórias de vida nas Ciências Sociais: trabalhando com as diferenças de escalas”**. *Campos*, 2011, 12(1): 9-29;

GOLDENBERG, M. Apresentação. In: GOLDENBERG, M. **Nu e Vestido: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca**. Rio de Janeiro: Record, 2002, p.7-17;

GOLDENBERG, M. **Gênero, “o Corpo” e “Imitação Prestigiosa” na Cultura Brasileira**. *Saúde Soc.* São Paulo, v. 20, n. 3, p. 543-553, 2011;

GRIECO, S. F. M. (1991). **O corpo, aparência e sexualidade**. In G. Duby & M. Perrot (Orgs.), *História das mulheres no ocidente 3: Do renascimento à idade moderna* (71-120). Porto, Portugal: Edições Afrontamento;

GOELLNER, S.V. **O esporte e a cultura fitness como espaços de generificação dos corpos**. Endereço: ESEF-UFRGS Rua felizardo, 750 Jardim Botânico Porto Alegre – 90690-200;

HALL, S. **Cultura e Representação**/ Stuart Hall; Organização e Revisão Técnica; Arthur Ituassu; Tradução: Daniel Miranda e Willian Oliveira. – Rio de Janeiro; Ed. PUC. Rio; Apicuri, 2016;

HINE, C. (2004). **Etnografia Virtual**. Barcelona: Editorial UOC Disponível em: <http://ethnographymatters.net/blog/2013/11/29/christine-hine-on-virtual-ethnographys-e3-internet/> Acesso dia 20/05/2016;

HINE, C. **Por uma etnografia para a internet: transformações e novos desafios**. p. 167-173. V.9 - Nº 2 jul./dez. 2015 São Paulo – Brasil;

ALAIN, C; COURTINE, J.J; VIGARELLO, G. **História do Corpo: As Mutações do Olhar/ sob direção de**. Tradução de Lúcia M.E. Orth; revisão da tradução Ephraim Ferreira Alves. 4.ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2011;

GOMES, C. **Uma ótica evolutiva do treinamento desportivo através da história**. Rua Pernambuco, 1187 – Sala 17 – CEP 86020-121 – Londrina – PR;

HUGO, Victor-Marie. **O Corcunda de Notre-Dame**. Tradução e das notas 2013, Jorge Bastos/ edição, 2013:Jorge Zahar Editor Ltda;

LAKATOS, Eva Maria & MARCONI, Marina de Andrade. **Técnicas de pesquisa**. 3a edição. São Paulo: Editora Atlas, 1996;

LANDA, M. I. **Subjetividades y consumos corporales**: Un análisis de las prácticas del fitness en España y Argentina. In: **Revista Digital Razón y palabra**, ISSN 1605-4806, Nº. 69, 2009;

LE BRETON D. **Antropologia do Corpo**. Petrópolis: Editora Vozes; 2016;

LE BRETON D. **Adeus ao Corpo**: Antropologia e Sociedade. Trad. Marina Appenzeller. – 6º edição – Campinas, SP: Papirus, 2013

LE BRETON D. **A Sociologia do Corpo**. Petrópolis: Editora Vozes; 2006;

MAUSS, M. **As técnicas corporais**. In: _____. Sociologia e Antropologia. Trad. Mauro W. B. de Almeida. São Paulo, EPU/EDUSP, 1974;

MAGUIRE, J. S.. **Fit for consumption: Sociology and the business of fitness**. Routledge, 2007;

MAGNANI. 2009 “**Etnografia como Prática e Experiência**”. *Horizontes Antropológicos*, ano 15, nº 32, p. 135;

MALUF, S. W. **Corpo e corporalidade nas culturas contemporâneas: abordagens antropológicas**. *Dossiê, corpo e história: esboços* – revistado programa de pós-graduação em história da UFSC/2001, Chapecó, p.87-100,2002;

MARZANO-PARISOLI, M.M. **Pensar o corpo**. Rio de Janeiro: Vozes, 2004;

MENEGUELLO, C. **Poeira de estrelas: o cinema hollywoodiano na mídia brasileira das décadas de 40 e 50**. Campinas: Editora da Unicamp, 1996;

MINAYO, M.C. de S. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 22. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2003. NOZAKI, H.T. Educação Física e Reordenamento no mundo do Trabalho: Medições da regulamentação da profissão. Niterói, UFF, 2004;

NORBERT, E; ERIE, D. Publicado por Basil Bladwell Publisher Ltd., Oxford· Nueva York ISBN: 0·631·14654·7 D.R. © 1992 **FONDO DE CULTURA ECONÓMICA. S. A. DE C. V. Av. de la Universidad**, 975; 03100 México, D. F. FONDO DE CULTURA ECONÓMICA, SUCURSAL PARA EsPAÑA Vía de los Poblados (Edif. Indubuilding·Goico, 4.º·15);

PAWLOWSKI, C. S., ANDERSEN, H. B., TROELSEN, J., & SCHIPPERIJN, J. (2016). **Children's physical activity behavior during school recess: A pilot study using GPS, accelerometer, participant observation, and go-along interview**. Plos One, 11(2), e0148786. doi:10.1371/journal.pone.0148786;

PEIRANO, M. **“Etnografia, ou a teoria vivida”**. PontoUrbe, ano 2, versão 2.0, fevereiro de 2008;

PITANGA, FJG, Beck CC, Pitanga CPS. **Inatividade física, obesidade e COVID-19: perspectivas entre múltiplas pandemias**. Rev. Bras. Ativ. Fís. Saúde [Internet]. 14º de setembro de 2020 [citado 21º de julho de 2022];25:1;

PITANGA, FJG et. All. **Atividade física e mortalidade por COVID-19 nas capitais brasileiras: uma análise ecológica**. Rev Bras Med Esporte – Vol. 27, No 6, 2021. Artigo recebido em 18/04/2021 aprovado em 28/07/2021;

PRESTES, J., FOSCHINI, D., MARCHETTI, P., CHARRO, M., TIBANA, R. (2016). **Prescrição e Periodização do Treinamento de Força em Academias** (2º ed., Vol. 1º). (W. L. Coutinho, Ed.) Barueri (SP), São Paulo, Brasil: Manole Ltda;

PRIORE, M. D; AMANTINO, M. S. (Org.). **História do Corpo no Brasil**. São Paulo, UNESP, 2011;

ROSÁRIO, N. M. (2006). **Mundo contemporâneo: corpo em metamorphose**. [versão online]. Acesso em 12 de janeiro, 2006;

ROHDEN, F. **Vida saudável versus vida aprimorada: tecnologias biomédicas, processos de subjetivação e aprimoramento**. Horizontes Antropológicos, v. 23, n. 47, p. 29-60, 2017. <http://dx.doi.org/10.1590/s0104-71832017000100002>;

RODRIGUES, JC. **O corpo na história** [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 1999. Antropologia e saúde collection, 197 p. ISBN: 978-85-7541-555-9;

SABINO, C. **Anabolizantes: drogas de Apolo**. In: GOLDENGERG, M. (Org.). Nú & vestido. São Paulo: Record, 2002. p.139-88;

SABINO, C. **O Peso da Forma. Cotidiano e Uso de Drogas entre Fisiculturistas**.

Rio de Janeiro:UFRJ/PPGSA, 2004;

SABINO, C; LUZ, M.T. **Ritos da forma. a construção da identidade fisiculturista em academias de musculação na cidade do rio de janeiro. VOLUME 3 NÚMERO 1 Janeiro / Junho 2007. Revista Eletrônica da Escola de Educação Física e Desportos – UFRJ;**

SALLES, B.F. **Métodos de Treinamento para força e hipertrofia: da teoria à prática.** Belmiro Freitas De Salles; Rodrigo Pena. – 1. Ed. – Belo Horizonte: Livro na Mão, 2020;

SANT'ANNA, D.B. **É possível realizar uma história do corpo?** In: SOARES, C.L. (Org.). *Corpo e história.* São Paulo: Autores Associados, 2004. p.3-23;

SANT'ANNA, D.B. **Corpos de passagem:** ensaio sobre a subjetividade contemporânea. – São Paulo: Estação Liberdade, 2001;

SANT'ANNA, D.B. **Gordos, magros e obesos:** uma história do peso no Brasil. São Paulo: Estação Liberdade, 2016;

SCOTT, P. **Grécia Antiga: A História Completa - Desde a Idade das Trevas Grega até o Fim da Antiguidade.** Copyright © 2019. Peter Scott. Editora Book Brothers;

SKÅGBY, J. (2011). *Online Ethnographic Methods: Towards a Qualitative Understanding of Virtual Community Practices.* Copyright IGI Global. Linköping, Sweden.;

SECRETÁRIA DE DESENVOLVIMENTO RURAL (SDR). **Perfil Sintético dos Territórios de Identidade da Bahia:** Recôncavo. Governo da Bahia. 2015. Disponível em <http://www.portalsdr.ba.gov.br/intranetsdr/model_territorio/Arquivos_pdf/Perfil_Recôncavo.pdf>. Acesso em 20 de maio de 2020;

SENNETT, R. **Carne e Pedra,** Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1994, p.38;

SFEZ, L. **A saúde perfeita: crítica de uma nova utopia.** São Paulo: Loyola, 1996. SOARES, C.L. *Corpo, conhecimento e educação.* In: SOARES, C.L. (Org.). *Corpo e história.* São Paulo: Autores Associados, 2004. p.109-29;

SIEBERT, R.S.S. **As relações de saber-poder sobre o corpo.** In: ROMERO, E.(org.). *Corpo, mulher e sociedade.* Campinas: Papirus, 1995, p.15-42;

SCLIAR, M. (2007). **História do Conceito de Saúde.** *PHYSIS: Rev. Saúde Coletiva,* Rio de Janeiro, 17(1):29-41, 2007;

SUEITTI, M. A. G. **O culto ao corpo: a antropologia teológica e a cultura fitness.** São Paulo: Fonte Editorial, 2016;

TOSCANO, J. J. **Academia de Ginástica: um serviço de saúde latente.** *Revista Brasileira de Ciência e Movimento.* Brasília, 2001. Disponível em:

<<http://portalrevistas.ucb.br/index.php/RBCM/article/viewFile/381/434>> Acesso em: 12 de abr. de 2011;

TUCHERMAN, I. **Breve história do corpo e de seus monstros**. Lisboa: Veja, 1999;

TORRES, T. P. A. **Concepções de saúde dos professores de Educação Física do município de Sapeaçu - Ba / Thyerre Torres da Paz Anias**. – Governador Mangabeira – Ba, 2016;

VELHO, G. (2003). **Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas** (3a ed.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed;

VELHO, G. “**Observando o familiar**”. In: _____. Individualismo e cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1980;

VIVEIROS DE CASTRO, E. **Perspectivismo e multinaturalismo na América indígena**. O que nos faz pensar, [S.l.], v. 14, n. 18, p. 225-254, sep. 2004. ISSN 0104-6675. Disponível em: <<http://www.oquenosfazpensar.fil.puc-rio.br/index.php/oqnf/article/view/197>>. Acesso em: 09 fev. 2021;

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo – “**A fabricação do corpo na sociedade xinguana**”, Rio de Janeiro, Série Antropologia, vol. 32, 1979

VIGARELLO, G. **As Metamorfoses do Gordo: história da obesidade no ocidente: da idade média ao século XX/ Georges Vigarello; tradução de Marcus Penchel**. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2012;

VIGARELLO, G. **História do Corpo: As Mutações do Olhar: O século XX/** sob a direção de Alain Corbin, Jean-Jacques Courtine e Georges Vigarello; tradução e revisão Ephraim Ferreira Alves. 4. Ed. – Petrópolis, Rj : Vozes, 2011;

VIGARELLO, G. **História do Corpo: Da Renascença as Luzes: /** sob a direção de Alain Corbin, Jean-Jacques Courtine e Georges Vigarello; tradução de Lúcia M.E. Orth ; tradução e revisão Ephraim Ferreira Alves. 5. Ed. – Petrópolis, Rj : Vozes, 2012;

VIGARELLO, G. **História do Corpo: Da Revolução à Grande Guerra: /** sob a direção de Alain Corbin, Jean-Jacques Courtine e Georges Vigarello; tradução de João Batista Kreuch, Jaime Clasen ; tradução e revisão Ephraim Ferreira Alves. 4. Ed. – Petrópolis, Rj : Vozes, 2012;

VIGARELLO, G. **História da beleza**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006;

VALE DE ALMEIDA, M. **O Corpo na Teoria Antropológica**. In Revista de Comunicação e Linguagens, 33: 49-66, 2004.

OPAS - ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE.
<https://www.paho.org/pt/covid19>;

KOZINETS, R. V. (2014). **Netnografia: Realizando pesquisa etnográfica online**. Porto Alegre;

KOUTSOUKOS, S.S.M. **Zoológicos humanos: Gente em exibição na era do imperialismo.** Editora da Unicamp. 2020;

KROEBER, A.L. **A natureza da Cultura.** Lisboa: Edições 70, 1952;

KICKHÖFEL, E.H.P. **A lição de anatomia de Andreas Vesalius e a ciência moderna. Andreas.** Vesalius de Bruxelas De Humani corporis fabrica, Epitome, Tabulae sex Organização: J. B. de C. M. Saunders e Charles D. O'Malley Tradução: Pedro C. P. Lemos e Maria C. V. Carnevale Ateliê Editorial/Ed. Unicamp/Imprensa Oficial SP, 268 págs;

WARD, J. K (1999) ***The Cyber-Ethnographic (Re) Construction of two Feminist Online Communities.*** *Social Research Online*, vol, nº.1, <http://www.socresonline.org.uk/4/1/Ward.html>;

ZANETTI, C.M; LAVOURA, M.T; Kocian , C.R; Botura ,. L.M.H; Machado. A.A. **Aspectos motivacionais intervenientes na academia de ginástica.** 1LEPESPE / I. B. / UNESP – Campus de Rio Claro; 2007. Academia Conexão Saúde; 3UNIVALE – MG; 4ESEF – Jundiaí; 5UNIP – São José do Rio Pardo.